

LEIA O LIVRO. SIGA AS PISTAS. VENÇA O JOGO

# INFINITY RING



LIVRO 1  
UM MOTIM NO TEMPO  
JAMES DASHNER

SEGUINTE

LEIA O LIVRO. SIGA AS PISTAS. VENÇA O JOGO

# INFINITY RING™



LIVRO 1

UM MOTIM NO TEMPO

**JAMES DASHNER**

SEGUINTE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.*





LIVRO 1  
**UM MOTIM NO TEMPO**  
JAMES DASHNER

Tradução  
ALEXANDRE BOIDE

**SÉQUINTE**  
O selo jovem da Companhia das Letras



## Prólogo

DAK SMYTH ESTAVA SENTADO EM SEU GALHO FAVORITO de sua árvore favorita, bem ao lado de Sera Froste, sua melhor amiga. "Nada mal para um sábado à tarde", pensou.

Longe da segurança daquela árvore, porém, havia muito com que se preocupar. O mundo estava indo de mal a pior, e as pessoas encarregadas de conduzir as coisas pareciam não dar muita bola para isso. Mas Dak havia decidido que não deixaria que essas questões o atrapalhassem naquele momento.

E Sera parecia pensar o mesmo.

— É muito legal aqui em cima, né? — ela comentou.

— Ah, com certeza. Fico até meio triste por não ter nascido macaco. Eu poderia viver aqui tranqüilamente.

Sera deu risada.

— Você tem a personalidade de um macaco. E o cheiro. Já é mais de meio caminho andado, pelo menos.

— Valeu — agradeceu Dak, como se tivesse recebido o maior dos elogios.

Uma brisa leve fazia os galhos da árvore balançarem, o suficiente para embalar Dak até um estado de transe parcial. Ele e Sera passavam bastante tempo ali quando não tinham nada melhor para fazer. Eles aproveitavam esses momentos para conversar, e para se afastar das distrações de costume — como os adultos, que só sabiam reclamar o tempo todo dos impostos, dos índices de criminalidade e, em sussurros e cochichos, da SQ. Com todo esse ruído mental, era incrível que Dak e Sera ainda fossem capazes de raciocinar. Felizmente, ambos eram gênios... ainda que de formas bem diferentes.

— Você está animado pra excursão desta semana? — perguntou Sera.

Dak estranhou a pergunta. A classe deles iria visitar um museu cheio de peças históricas — o que ele adorava —, mas sem artefatos científicos — que eram a paixão dela. Era óbvio que ele estava animado.

— Lembra o meu aniversário no ano passado, quando eu ganhei uma réplica do lenço do Thomas Jefferson? — ele perguntou em resposta.

— Como é que eu iria esquecer? Você saiu gritando pela rua como se fosse uma garotinha histórica que acabou de encontrar um pote cheio de doces.

Dak balançou a cabeça, deliciando-se com a lembrança.

— Pois então, estou ainda mais empolgado com esse passeio.

— Saquei. Isso é que é empolgação.

Eles permaneceram em silêncio por alguns instantes, e Dak aproveitou para curtir a brisa, os sons da natureza, aquela pequena pausa nas complicações da vida. Mas aos poucos ele foi notando que Sera não parecia mais tão à vontade. Havia sinais óbvios de tensão em seu pescoço, e isso não tinha nada a ver com o esforço que ela fez para subir na árvore. Dak acompanhou seu olhar até a varanda da casa dele, onde seus pais haviam colocado uma nova bandeira. O pequeno mastro instalado na lateral da casa era geralmente utilizado para marcar datas comemorativas — bandeiras natalinas no fim do ano, a bandeira de quarenta e oito estrelas dos Estados Unidos durante o mês da Independência.

Agora, pela primeira vez, os pais de Dak tinham hasteado uma bandeira branca com um símbolo no meio, um círculo preto atravessado por um raio — o emblema da SQ.

— Não me diga que os seus pais entraram nessa.

— Acho que não. Eles dizem que é mais fácil assim. A chance de serem importunados é menor com essa bandeira hasteada aí.

— Essa SQ... eles me dão nojo — comentou Sera. Dak nunca a tinha visto falar de forma tão firme. — Alguém vai ter que enfrentar esse pessoal algum dia. Antes que seja tarde demais.

Enquanto a ouvia falar, Dak observava a paisagem do bosque atrás de sua casa. Tantos tons de verde e marrom, tantos animais... Havia partes do mundo em que lugares como aquele tinham desaparecido completamente. Ele conhecia a história bem o suficiente para saber que, aonde a SQ chegava, os problemas chegavam atrás. Foi quando ele sentiu seu próprio arroubo de determinação.

— Talvez a gente mesmo faça isso — ele respondeu. — Nunca se sabe.

— Ah, é? — ela rebateu, distraída.

— É, afinal, sempre ouço por aí que "os tempos estão mudando" — comentou Dak.

— Ah, gostei disso.

— De repente esse pode ser o nosso lema. Talvez a gente consiga mudar os nossos tempos algum dia. Todo problema tem uma solução, não é? E a nossa inteligência tem que servir pra alguma coisa. Que tal?

Sera olhou para ele e estendeu a mão, que Dak apertou com força.

Não muito longe dali, um pássaro animado cantava.

## A Única Esperança

BRINT TAKASHI ENCAROU A TELA e tentou se lembrar da época em que não sabia que o mundo estava prestes a acabar.

Mari Rivera, seu braço direito, estava sentada ao seu lado e, a julgar pela maneira como balançava a cabeça, parecia ser a segunda pessoa mais deprimida do mundo, atrás apenas de Brint.

— E então? — perguntou Mari. — O que você acha?

— O que eu acho? Acho que temos uma catástrofe global em andamento — respondeu Brint. — Erupções vulcânicas por todo o Círculo do Pacífico. Nevascas em regiões da América do Sul em que nunca havia nevado antes. Se tivermos sorte, as tempestades tropicais vindas do Atlântico podem ajudar a apagar os incêndios florestais na Nova Inglaterra.

— Mas tem o lado bom da coisa — disse Mari, sem um pinga de humor na voz. — Pelo menos agora as pessoas acreditam que estamos correndo perigo.

— As pessoas ainda acreditam no que a SQ quer que elas acreditem. O medo sempre fala mais alto que a verdade. — Ele passou os dedos pelos cabelos negros e suspirou. — Aristóteles teria ficado orgulhosíssimo. Olha só a situação dos Guardiões da História! A SQ vai rir por último... mesmo que isso signifique a destruição do mundo.

Não era só com os desastres naturais que ele estava preocupado. Ou com os apagões. Ou com a falta de comida. Havia também as Reminiscências. Todos os dias, ao chegar em casa, Brint olhava para a fotografia pendurada acima da lareira — ele e sua mulher sentados à beira de um rio, o sol refletido na água atrás deles — e sentia um nó no estômago e uma sensação estranha na cabeça. Uma espécie de vazio se instalava em sua mente e o deixava extremamente desconfortável. Faltava alguém naquela foto. Não fazia o menor sentido, mas ele tinha a mais absoluta certeza de que faltava alguém ali.

E ele não era o único a experimentar esse tipo de sensação. Mais e mais pessoas eram afetadas por Reminiscências a cada dia. Elas apareciam quando menos se esperava. E eram capazes de levar uma pessoa à loucura. Literalmente.

O tempo havia saído dos eixos — era nisso que os Guardiões da História acreditavam. E, como as coisas não podiam mais ser consertadas, só havia uma esperança... voltar no tempo e corrigir o passado.

Mari fez o que sempre fazia quando sentia que ele não iria mais parar de resmungar. Ignorou suas palavras e se concentrou em buscar uma solução para o problema que tinham em mãos.

— Alguma notícia dos Smyth? — ela perguntou.

De todos os cientistas que os Guardiões da História haviam sido capazes de rastrear, eles eram os únicos cujas atividades a SQ não tinha proibido... ainda.

Brint abriu o arquivo que continha informações sobre eles e mostrou as últimas novidades. Todos os experimentos, descobertas e relatórios dos Smyth — cada coisinha que acontecia em seu laboratório no dia a dia —, tudo era monitorado pelos Guardiões da História. Sem o conhecimento deles, é claro. Mas, depois que o mundo fosse salvo das Grandes Fraturas, Brint faria questão de pedir desculpas.

Ambos ficaram em silêncio por um tempo, como se estivessem hipnotizados pelos dados na tela. Os Smyth estavam quase lá. Se eles conseguissem sanar as lacunas existentes em seus cálculos... Se dessem aos Guardiões da História a chance de pôr em prática o plano que Aristóteles havia formulado dois mil anos antes para salvar o mundo...

Vai acontecer, você sabe — sussurrou Mari. — E mais cedo do que eu esperava.

Brint concordou com a cabeça, e sentiu seu coração se espremer dentro do peito.

— Eu nunca imaginei que fosse viver para ver.

— Vai acontecer mesmo. O Cataclismo está próximo, e tudo o que a gente pode esperar é morrer antes que ele aconteça — continuou Mari, e suas palavras soaram como uma terrível profecia anunciada por um velho oráculo.



## Um velho num caixão

DAK SMYTH ERA UM NERD.

Ele já havia sido chamado de coisa pior, claro. Bobalhão, esquisito, panaca, CDF — tudo o que se podia imaginar. Mas a palavra que as pessoas mais utilizavam para descrevê-lo era nerd. E ele se importava? Não. Enquanto os idiotas que tiravam sarro dele estariam se matando de trabalhar aos trinta anos de idade apenas para pôr comida na mesa, ele estaria morrendo de rir em seu jatinho particular, entupindo-se de refrigerante até vomitar. E depois riria um pouco mais quando seu mordomo aparecesse para limpar tudo e, quando se cansasse, contaria todo seu dinheiro comendo pedaços enormes de queijo.

(Dak Smyth era um nerd que gostava de queijo. De uma forma quase doentia. Não era uma combinação das mais atraentes, é verdade, e ele era o primeiro a admitir isso.)

Um dia antes da grande excursão escolar ao Museu Smithsonian na capital do país, Filadélfia, Dak teve que esconder sua animação de nerd para comparecer ao mais tedioso dos eventos — o enterro de um de seus tios. Na verdade, um de seus tios-avôs, o tio-avô Frankie, um sujeito que ele havia visto umas duas vezes no máximo, incluindo o dia do velório. O que Dak encontrou ali foi um homem velho e grisalho com os olhos fechados e as mãos cruzadas sobre o peito como se estivesse cochilando, o que ele devia fazer umas vinte vezes por dia àquela altura da vida. Mas, de acordo com a mãe de Dak, apoiada pelo fato de que seu corpo estava esticado dentro de um caixão, seu tio-avô Frankie tinha realmente batido as botas.

O velório havia sido um tanto tedioso e durado mais ou menos cento e trinta horas, mas agora a família inteira estava reunida para o jantar. Dezenas de pessoas que uma hora antes estavam chorando desesperadamente agora riam como hienas entupidas de caféina enquanto caíam de boca no equivalente a uma semana de comida racionada pela SQ. Dak perguntou a si mesmo se todos os enterros de parentes velhos terminavam daquela maneira tão festiva.

Junto com ele na mesa havia alguns de seus primos, mas ninguém que ele conhecesse. E não estavam conversando sobre nada que o interessasse. Tagarelavam sobre o show vagabundo que havia sido feito para a coroação do novo figurão da SQ. Ou sobre a final de um campeonato tão sem graça que Dak não sabia nem quais eram os times envolvidos (e nem ao menos de que esporte se tratava). E, para completar, uma menina com uma espinha do tamanho do rosto do presidente McClellan esculpido no monte Rushmore bem no meio da cara começou a matraquear sobre as últimas tendências da moda, em particular sobre aqueles jeans com bolsos traseiros que faziam parecer que a bunda das pessoas estava virada ao

contrário. "Qual é", pensou Dak. "Sério mesmo que essa galera tem o mesmo material genético que eu?"

Quando sentiu que não conseguiria mais suportar aquilo por muito tempo, uma sensação bastante conhecida tomou conta de seu corpo — algo que ele sabia por experiência própria ser impossível de ignorar. Impossível.

Ele precisava compartilhar seu nível absurdo de conhecimentos históricos, e não podia esperar nem mais um segundo.

Dak levantou e limpou a garganta. Ao notar que ninguém prestava atenção, apanhou seu copo e o golpeou com a colher até que todos enfim se calassem e olhassem para ele.

— Eu tenho uma coisa para dizer a vocês — ele anunciou. Ouvia em resposta alguns gemidos e resmungos, mas tranquilizou-se pensando que era só um bando de velhotes reclamando de dor por terem sido obrigados a se mexer na cadeira. Uma rápida olhada para a mãe, porém, mostrou que ela estava escondendo o rosto com as duas mãos, e o pai o encarava com os olhos arregalados, sacudindo lentamente a cabeça de um lado para o outro com uma expressão que remetia a uma espécie de pânico.

Antes que alguém o interrompesse, Dak deu início ao seu discurso.

— Eu sei que estamos reunidos aqui para uma ocasião solene. O pobre tio-avô Frankie se extinguiu como um dodô e agora pode se decompor em paz. Hã, quer dizer, descansar em paz. Mas, hã, eu queria contar uma coisa pra vocês, algo que fizesse todo mundo se dar conta de que as coisas não são tão ruins quanto parecem.

Ele fez uma pausa para testar a reação da platéia. Ao que parecia, ele havia conseguido capturar o interesse de todos.

— Imaginem só — ele continuou —, nosso amado parente poderia ter tido o mesmo destino que Rasputin, o grande místico russo, em 1916. O pobre homem foi envenenado, levou quatro tiros, pancadas na cabeça e depois ainda foi jogado num rio. Imaginem só! Depois de ser envenenado e de ter levado um monte de tiros e pancadas na cabeça! Pobre criatura! — Dak deixou escapar uma risadinha para mostrar que não estava falando sério. — Então, como vocês podem ver, o tio-avô Frankie até que teve sorte, no fim das contas.

Dak terminou sua fala com um longo e profundo suspiro. Olhou ao redor e o que viu foram apenas expressões atônitas. E uma porção de gente piscando os olhos repetidas vezes.

— Obrigado pela atenção — ele enfim concluiu. Depois pegou um copo d'água e gritou: — À nossa saúde!

Sua mãe caiu da cadeira.

O dia seguinte era o da excursão pela qual ele esperava havia meses. Para um amante da história como Dak, ir ao Smithsonian era melhor do que ficar trancado a noite inteira em uma fábrica de doces. Sua intenção era se entupir de informações até não agüentar mais.

No ônibus que os levaria, ele sentou ao lado de sua melhor amiga no mundo todo. Seu nome era Sera Froste, e até então ninguém havia implicado com o fato de eles serem tão chegados. Bom, a não ser por alguma piadinha do tipo "Quando vocês vão se casar?" de vez em quando. E de musiquinhas do tipo "Tá namorando" que costumavam cantar perto deles.

Tudo bem, não tem como negar: um monte de gente implicava com eles.

— Que exposições a gente vai ver antes do almoço? — Dak perguntou, depois de submeter o mapa do museu a seus marcadores fluorescentes. — E depois?

Sera desviou os olhos do livro eletrônico que estava lendo em seu tablet SQuare e lançou sobre ele o tipo de olhar normalmente reservado para os animais peçonhentos conservados em formol. Seus longos cabelos escuros tornavam sua expressão ainda mais séria, como se seu rosto estivesse emoldurado em um quadro.

— Por que você não relaxa? A gente pode ir andando por onde der na telha. Sei lá, de repente até se divertir.

Dak ficou de queixo caído.

— Está maluca?

Ele estava falando sério. Ela claramente não tinha compreendido a dimensão da oportunidade que aquela excursão significava.

— Precisamos planejar cada segundo. Não quero nem pensar em arriscar não ver alguma coisa legal.

— Ah, pelo amor — essa foi a única resposta dela antes de voltar sua atenção para seu livro, Teoria de Cordas e outros saltos quânticos na física quântica.

Sera também era nerd, quase tão nerd quanto o próprio Dak. "Ora, quem estou querendo enganar?", pensou Dak. "Ela me deixa no chinelo."

Aquela menina o havia convencido a ir até a universidade local assistir à apresentação de uma tese científica num sábado à tarde — um processo que envolveu uma ameaça de gritar que estava apaixonada por ele no meio do refeitório da escola na hora do almoço caso ele não topasse. Dak se opôs firmemente, já que queria ir ver um cara numa feira itinerante que jurava ser velho o suficiente para ter sido o podólogo do primeiro-ministro britânico Winston Churchill na Segunda Guerra Mundial. (Obviamente, ele tinha guardado algumas unhas do pé de Churchill para comprovar o que dizia.) Mas Sera garantiu que seria muito mais interessante encarar uma palestra de três horas intitulada "O efeito da desestabilização de táquions e da radiação wellsiana sobre o núcleo de dobra".

Não foi.

No fim, Sera acabou concordando em ir embora da apresentação antes do fim, mas só porque o palestrante insistia em usar os termos brádion e táquion como sinônimos, o que, de acordo com Sera, todo mundo sabia que estava errado.

Foi quando Dak teve uma idéia. Ele passou os dedos pelos cabelos loiros e olhou fixamente para o mapa todo rabiscado em diferentes tons fluorescentes.

— Acho que a gente pode deixar de ver o Diamante Hope pra economizar tempo. Nem sei o que significa essa "exploração dos processos biogeoquímicos que proporcionam aos minerais suas características únicas", mas parece uma tremenda chatice.

— E você lá sabe de alguma coisa? — interrompeu Sera, deixando de lado seu SQuare. — Me dá aqui esse mapa.

Quando eles desceram do ônibus, o coração de Dak palpitava de empolgação. Ainda faltavam duas horas e quarenta e sete minutos para o terremoto que quase os mataria.

## Salões de maravilhas entediantes

"COITADO DO DAK", Sera pensou enquanto formava uma fila na entrada do Smithsonian junto com seus colegas de classe. Seu melhor amigo era um bobalhão. Vivia irritando as pessoas com seus discursos fora de hora sobre fatos históricos sem sentido, e sua obsessão por queijo era simplesmente... muito esquisita.

No ano anterior, na quarta série, ele escreveu um poema sobre os tipos de queijo, dizendo que cada um deles era como um membro da família. A sra. E'Brien disse que deixaria ele recitar o poema para a classe caso ele promettesse parar de interromper as aulas com suas palestras sobre pessoas mortas. Ele concordou e orgulhosamente fez seu recital, mas só demorou um dia e meio para quebrar a promessa e falar durante cinco minutos sobre o inventor da escada portátil.

Sim, Dak tinha seu charme, mas sabia ser irritante como ele só. Mas não foi nada disso que levou Sera a sentir pena de seu amigo naquela manhã. O que a preocupava era sua aparente alienação a respeito da verdadeira situação em que se encontrava o mundo. A SQ. Os desastres naturais. Os índices de criminalidade cada vez mais altos.

As Reminiscências.

Esse último pensamento obrigou Sera a parar, pois sentiu um forte aperto no peito...

Até que um moleque fedido chamado Roberk esbarrou em Sera, empurrando-a por trás.

Ela sabia quem era porque uma corrente de ar nada bem-vinda levou o mau cheiro característico do garoto para as suas narinas. Foi como se ela tivesse acabado de sentir o ar fétido de um túmulo recém-aberto. O odor em si era uma mistura peculiar de fígado frito e repolho cozido — o que a fazia pensar imediatamente em sulfeto de hidrogênio.

— Nossa, Sera — ele falou. — Se você quer um abraço, é só pedir.

Sera teve vontade de falar francamente com ele sobre o sulfeto de hidrogênio — sobre como era uma substância produzida geralmente em pântanos e esgotos, o que fazia de Roberk uma espécie de latrina ambulante —, mas era muito difícil dizer qualquer coisa enquanto prendia a respiração. Sendo assim, o que ela fez foi lançar para ele o pior olhar de desprezo de que era capaz e seguir em frente. Encontrou Dak no saguão do edifício, onde apenas uma porta enorme os separava das primeiras exposições. Dak estava esticando o pescoço de tal forma que ela teve medo de que seu amigo acabasse distendendo um músculo. Ele estava mesmo ansioso demais para visitar aquele museu.

— Vê se não vai se machucar — ela disse, inclinando-se em sua direção, determinada a espantar o mau humor que havia começado a se insinuar com a lembrança das

Reminiscências. — Você vai perder o passeio se tiver que fazer um transplante de pescoço.

— Uau — ele sussurrou em resposta, empolgadíssimo. — Acho que vi um barco viking na sala ao lado. Será que é um karvi ou um busse?

Sera ficou na ponta dos pés para olhar — através da porta aberta, conseguia ver a cabeça de dragão ornamental entalhada na proa do que parecia ser um enorme navio de madeira.

— Legal.

Ela até queria falar um pouco mais, porém o sr. Davedson havia acabado de chamar a atenção da classe. O professor deles era uma figura bizarra — o adjetivo torto era o que melhor combinava com sua aparência. Cabelos, sobrancelhas, bigode, orelhas, gravata, calças. Tudo nele parecia pender para a esquerda.

— Certo, crianças, escutem bem!

Ele insistia em chamá-los de crianças, e durante meses ela teve vontade de responder "Sim, vovô?". Só faltava a coragem para isso.

— Temos um monte de coisas para ver hoje, e o tempo é meio curto. Lembrem-se de não interromper o discurso do nosso guia, ele é um representante da nossa querida SQ.

Ele lançou um olhar apreensivo para o homem alto, careca e bem-vestido parado perto da porta. Sera tinha visto quando ele entrou, mas não havia reparado na insígnia prateada da SQ presa na lapela do paletó.

— Quero ver todo mundo se comportando muito bem, honrando a grande instituição de que fazem parte, a Escola Ginásial Benedict Arnold! Que tal gritarmos um "u-hu"?

"Ah, qual é", pensou Sera, em pânico. "Isso, não... não na frente do pessoal do museu!"

Diante do silêncio da turma, o sr. Davedson pôs a mão em concha no ouvido.

— Não estou ouviiiiinindo. Que tal um "u-hu"?!

Meio a contragosto, a classe soltou seu gritinho idiota, e ele sacudiu a cabeça, insatisfeito.

— Bom, eu esperava um pouco mais de entusiasmo por termos vindo até aqui em uma época tão difícil. A SQ teve a generosidade de liberar verbas para garantir o funcionamento do museu, e nós deveríamos agradecer por isso!

Essa era outra coisa que deixava Sera furiosa. Além de ter caído com o professor mais estranho da escola, ele vivia falando aquele tipo de coisa sobre a SQ. Para ela, não havia nada mais ridículo do que agradecer à SQ por não ter fechado um prédio que era público. Como se eles não estivessem fazendo de tudo para pressionar governos de todo o mundo a se dobrarem às suas vontades. Mas ela sabia que, mesmo que o presidente dos Estados Unidos começasse a comer na mão da SQ, seu professor seria o último a dizer alguma coisa contra ela.

O bom e velho senhor Davedson — Dak sussurrou para ela. — Incapaz de dizer alguma coisa ruim contra quem quer que seja. Não tem como não gostar desse cara.

Em uma fração de segundo, Dak fez com que Sera se arrependesse de sentir pena de seu amigo pouco tempo antes. Era exatamente por isso que ela gostava tanto de Dak. De alguma forma, ele sempre era capaz de ver o lado bom das pessoas. Apesar de ser uma coisa irritante às vezes, era uma característica que ela gostaria de ter.

O guia do museu — sério, seco e formal — assumiu o comando da excursão, elogiando

um pouco mais a SQ por sua "liderança visionária em tempos difíceis". Sera conseguiu segurar sua careta de desprezo até o guia se virar para conduzir o grupo impaciente pela enorme entrada do salão de exposição sobre a Era das Explorações. O navio que Sera tinha visto de longe agora brilhava sobre ela como uma nave espacial flutuante, presa ao teto por fios de aço quase invisíveis. Como era de se esperar, o grupo parou de andar assim que Sera se viu sob aquela sombra. Um fiozinho estourado e ela seria esmagada — sua cabeça se juntaria aos dedões do pé.

O salão estava lotado de outras réplicas de embarcações, uma bússola antiga, um diagrama detalhado mostrando as diferenças entre os barcos dos vikings e dos egípcios. E, obviamente, poeira. Muita poeira. Quando o guia começou a tagarelar sobre quem falou isto ou aquilo, ou sobre quem fez tal coisa e quem não fez, ela se deu conta de que aquele poderia ser o dia mais longo da sua vida. Como ela queria estar nos salões e no auditório da universidade... No museu havia diversos artefatos científicos à mostra, mas nenhum deles chegava nem perto de ser tecnologia de ponta.

Dak, por sua vez, acompanhava fascinado o falatório do boneco de ventríloquo da SQ e a exposição dos seus conhecimentos tediosos. Ele não ficaria mais embaçado nem se um cadáver saísse da cova e começasse a dançar. Um pouco para irritá-lo, Sera o cutucou com o cotovelo.

— O seu roteiro já era — ela disse baixinho. — Pelo jeito vamos ser vigiados o tempo inteiro por uma babá.

Sem nem olhar para ela, ele sussurrou.

— É, isso é demais. Nem acredito que estou aqui vendo essas coisas com os meus próprios olhos.

Sera percebeu que seria inútil tentar se comunicar com Dak antes da hora do almoço.

Eles passaram por outros salões e alas e ouviram explicações sobre tudo, desde os dinossauros até a corrida espacial. Em determinado momento Sera tentou questionar uma informação passada pelo guia, mas o professor fez com que ela se calasse imediatamente, lançando olhares preocupados ao redor.

"Argh", pensou Sera. E então ela decidiu que não prestaria atenção em mais nada.

De vez em quando, Dak desviava sua atenção do guia e a encarava com olhos arregalados. Depois dizia algo como "Isso não é o máximo?", ou "Dá pra acreditar nisso?", ou "Cara, esses mongóis tinham um tremendo senso de humor". Ela simplesmente concordava com a cabeça e torcia para que ele não percebesse que não estava dando a menor bola para o que estava sendo falado ali.

Por fim eles terminaram de dar a volta e retornaram ao salão das Explorações, onde ficaram parados durante o que pareceram longas horas, assistindo a uma exposição sobre a descoberta do continente americano pelos célebres irmãos Amâncio. Todo mundo já conhecia essa história, e o guia deixou de lado a melhor parte — o destino terrível do homem que os irmãos heroicamente rebeldes deixaram para trás era sua jornada, Cristóvão Colombo. Na verdade, Sera só tinha ouvido falar de Colombo porque Dak gostava muito de contar aquela história. Seu nome jamais havia sido citado em uma aula, ou durante as

comemorações do feriado dedicado aos Amâncio.

O guia estava tagarelando sobre a importância da SQ para a história mundial quando Dak limpou a garganta em alto e bom som e levantou a mão. "Ah, não", Sera pensou. "Lá vem ele."

— Com licença — Dak praticamente gritou ao perceber que nenhum adulto lhe dava atenção. — Com licença! Eu tenho uma coisa importante a dizer!

Os dois homens olharam para ele de forma intimidadora.

— O que é? — perguntou o sr. Davedson.

Sera conhecia aquela expressão e aquele tom de voz. Seu professor já havia visto aquilo acontecer muitas vezes — e sabia muito bem que deixar Dak começar a falar no meio do museu poderia levar a uma situação desastrosa.

— Bom, acho que você claramente se esqueceu de falar uma coisa muito importante sobre a história da bússola.

Dak deu uma risadinha e olhou ao redor para ver se havia mais algum aluno que concordasse com ele. Não havia, e ele franziu a testa.

— Você sabe. Os escritos de Wang Xu na China do século quarto foram fundamentais para a descoberta do magnetismo e da agulha direcional. He, he. É até difícil imaginar um mundo em que as pessoas não conhecessem isso!

No salão, o silêncio era sepulcral, como em um caixão enterrado sob rochas oceânicas a milhares de metros de profundidade, quebrado somente quando alguém fungou.

Dak soltou outra risadinha.

— Puxa vida. Que loucura.

Ele olhou envergonhado para Sera, e depois para o chão, com o rosto todo vermelho.

Era nesses momentos que Sera entendia por que eles eram tão amigos. Nenhum dos dois tinha o mínimo tato para o convívio social. Isso era um fato. Ela se inclinou e deu um soco de leve no braço dele.

— Ai — ele protestou. Mas sorriu, e a vermelhidão em suas bochechas começou a sumir.

— Muito bem, então — o sr. Davedson se apressou em dizer bem alto, batendo as mãos uma na outra. — Até que não foi tão ruim. Agora vamos nos reunir para...

Um movimento súbito ao redor o interrompeu. O prédio inteiro começou a tremer, assim como tudo dentro dele — estantes e mostradores suspensos se sacudindo dentro do enorme salão, que parecia quicar, pular e se contorcer. Os gritos irromperam ao mesmo tempo de todas as direções. Sera plantou os dois pés no chão e lutou para manter o equilíbrio enquanto quase todos seus colegas de classe iam ao chão, uns por cima dos outros. Dak era um deles, engolido por um mar de braços e pernas.

Como se fosse preciso, o sr. Davedson gritou uma única palavra a plenos pulmões:

— Terremoooooooooooooooooto!

## Estalos e estrondos

Dak sabia muito bem que a noção convencional de tempo perdia todo o sentido durante desastres naturais — ele já havia enfrentado mais de dez ao longo da vida. Então, enquanto o mundo se sacudia sem parar ao seu redor, ele seria capaz de jurar que meia hora tinha se passado no intervalo daqueles poucos segundos. O pavor dominou cada músculo, osso e nervo de seu corpo.

Naquele momento havia um pé dentro de sua boca, e ele tinha quase certeza de que era o de Makiko — o dedão dela deu um jeito de atravessar seus lábios enquanto várias pessoas caídas pelo chão tentavam se desvencilhar umas das outras. Ele fez um esforço para afastar a perna dela, que logo foi substituída pelo sovaco de alguém, que amassou seu nariz. O chão abaixo deles parecia a mais aterrorizante das gangorras, oscilando em subidas e descidas enquanto os rangidos e estalos do metal e da madeira da estrutura do edifício se envergando ressoavam no ar. Foi quando sentiu uma mão agarrá-lo pela camiseta e levantá-lo. Ao se virar, deu de cara com Sera, que o encarava com os olhos cheios de medo. De alguma forma, ela havia se transformado em uma espécie de prodígio de equilíbrio e força quando o tremor começou.

Eles se afastaram aos tropeções da massa de adolescentes caídos no chão e foram até uma área mais aberta, que não ficava sob nenhum mostrador suspenso, e ajudaram um ao outro a manter o equilíbrio enquanto tentavam dar dois ou três passos em alguma direção fixa. Ele viu um vaso chinês sair rolando pela sala e ser pisoteado e destruído por Roberk. Dak sentiu seu coração se partir, mas uma sacudida violenta tirou seus pés do chão e o trouxe de volta à realidade — ele teria que torcer para que as pessoas ali não fossem esmagadas também.

— Vai acabar logo! — ele gritou para Sera.

— Isso se a gente não morrer antes! — ela rebateu.

— Uma hora vai ter que acabar, mesmo se a gente morrer!

— Não me diga!

E então eles ouviram um estrondo, um rugido parecido com uma trovoadas, que fez os pelos da nuca de Dak se arrepiarem. O som vinha de um local diretamente abaixo de seus pés. Ele ficou paralisado quando o chão se abriu sob seus olhos e uma fissura se espalhou pelo piso como uma serpente ziguezagueante. Grandes pedaços de cerâmica se desprenderam e se espatifaram no chão do porão, vários metros abaixo.

Dak agarrou Sera pelo braço e saltou para um lugar seguro, de onde observavam a luta de seus colegas para se salvarem.



Dois deles estavam numa situação crítica. Ficaram pendurados no abismo, agarrando-se à vida com todas as forças. Encolhidos no outro canto do salão, o sr. Davedson e o guia não pareciam nem um pouco dispostos a ajudar os alunos em perigo.

— Temos que ir lá! — Sera gritou, já em movimento.

Dak tentou segui-la como podia — o prédio continuava a tremer e oscilar, tornando impossível o simples ato de andar em linha reta. Eles caíram de joelhos e foram rastejando na direção de Makiko, agarrada a uma ponta fraturada do piso de cerâmica. Seus olhos encontraram os de Dak, e imploraram que a salvasse.

— Deixa ela comigo! — ele gritou para Sera.—Vai ajudar o Fraderick!

Quando Sera se afastou, Dak se arrependeu de ter aberto a boca. Caso o prédio fizesse um movimento inesperado, ele passaria por cima de Makiko e mergulharia no abismo logo abaixo — e provavelmente a levaria junto. Ele então se deitou de bruços para tentar se estabilizar em uma posição. Depois estendeu as mãos e agarrou os dois braços da garota.

Dak a puxou, fazendo força para flexionar os cotovelos e tirá-la do buraco. Ela parecia bem miudinha das outras vezes em que a tinha visto, mas naquele momento se tornou pesada como Bob Baleia — o cara que ficava sentado sem fazer nada todo sábado na frente da lavanderia do bairro. Enquanto a puxava, Dak deu um grito devido ao esforço, como se aquilo fizesse sua força aumentar. Makiko pelo jeito percebeu que aquilo não iria funcionar, e começou a subir como se ele fosse uma escada, usando os ombros e o cinto dele como degraus e a nuca como apoio para os pés. Ele soltou um grunhido de dor enquanto ela escalava seu corpo e enfim conseguia se afastar da beirada do precipício.

— Obrigada, Dak — Makiko falou. —Você é o meu herói — ela completou, sorrindo.

Dak ficou sem reação. Que menina mais maluca.

Ele viu que Sera já havia resgatado Fraderick, e todos se afastaram o máximo possível do precipício. O prédio continuou a tremer, ranger e estalar, mas o buraco no chão tinha parado de crescer. Ninguém mais estava gritando.

"Nós vamos sobreviver", pensou Dak.

Foi quando se ouviu um estalo, como o de um chicote golpeando o ar. E mais outro. E mais outro.

— Lá em cima! — alguém gritou.

Dak olhou para o teto e viu os cabos que mantinham o barco viking suspenso se soltarem da parede e atingirem o casco de madeira. O lado esquerdo da embarcação cedeu vários metros de maneira abrupta, derrubando uma nuvem de pó de gesso sobre as pessoas lá embaixo. Os gritos voltaram a preencher o ar enquanto todos fugiam aos trancos e barrancos para um lugar seguro.

Dak reencontrou Sera quando ambos estavam a caminho de uma parede mais afastada. Ainda estavam a alguns metros de se livrar do perigo quando o chão se ergueu vários metros e depois cedeu de volta, como se o prédio inteiro tivesse sido jogado para o alto. Sera caiu no chão em meio aos estalos que ressoavam pelo ar — dessa vez seguidos por um terrível rangido. O barco havia se soltado e se inclinava para baixo ao mesmo tempo em que os últimos cabos se arrebetavam.

Dak viu onde ele iria cair e não pensou duas vezes. Agarrou Sera pelas mãos e a arrastou pelo chão com tanta força que ela deslizou uns três metros antes de dar de cara com a parede. Depois ele mergulhou sobre ela. Não precisou nem se virar para entender o que estava acontecendo — o que ele ouvia já bastava. O barco se espatifou bem onde ele e sua amiga estavam segundos antes.

E, como se aquilo fosse uma espécie de toque final da natureza em todo o estrago que causou, o terremoto acabou logo depois. Dak se virou e sentou encostado na parede, bem ao lado de Sera, que estava ofegante, assim como ele. Ambos estavam com os olhos vidrados na embarcação antiga destruída, que àquela altura não passava de um monte de lenha com uma cabeça de dragão entalhada no topo. Para Dak, era como se a própria história tivesse se desintegrado diante de seus olhos.

— Essa foi por pouco — murmurou Sera.

— Pois é — concordou Dak. — Ainda bem que eu estava de olho em você. Aceito sua gratidão em dinheiro, cheque ou queijos bacanas. Você escolhe. Só queria ter feito alguma coisa para salvar o barco, coitado.

Sera o empurrou de leve.

— Era eu ou o barco, então acho que você fez uma boa escolha.

O sr. Davedson foi o primeiro a se levantar, contornando o barco destruído em direção ao enorme buraco que se formara no chão, removendo com as mãos a poeira e os escombros que caíram sobre sua roupa. Ele chegou até a beirada e olhou para baixo antes de se voltar para os alunos aglomerados junto à parede.

— Eu não acredito — murmurou o professor, ainda assustado. — Simplesmente não acredito.

— O que foi? — perguntou Dak.

O sr. Davedson sacudia lentamente a cabeça de um lado para o outro.

— Foram sete terremotos só este mês. E agora eles estão acontecendo até aqui.

Ninguém abriu a boca, e suas palavras ficaram sem resposta por alguns momentos.

— A SQ está monitorando tudo, está tudo sob controle — falou secamente o guia, coberto de poeira.

Dak e Sera se entreolharam. Eles jamais admitiriam em voz alta, mas não acreditavam naquilo nem um pouquinho.

## Falsas memórias

TRÊS DIAS DEPOIS, Sera teve uma das piores Reminiscências de sua vida.

Ela estava descendo as escadas da casa onde sempre morou com seu tio, quando sentiu uma perturbação avassaladora dentro da cabeça. Uma coceira desconfortável, que a fez parar e esfregar as têmporas, como se fosse possível coçar fundo o suficiente para aliviá-la. Ela não conseguia explicar — jamais conseguiria —, mas sabia com certeza absoluta que precisava sair, passar pelo quintal e pelos terrenos dos fundos da casa, e caminhar até o velho celeiro que ficava a quase um quilômetro indo pela velha estrada de terra.

O sol brilhava em um céu sem nuvens, mas uma neblina empoeirada diminuía a claridade, deixando um brilho laranja irreal. A neblina vinha dos incêndios florestais na zona rural da Pensilvânia, e o nevoeiro de fumaça flutuava em direção ao mar numa brisa leve, como se fosse uma tempestade tóxica. Sera caminhava pela estrada, aproveitando o calor apesar da estranheza que sentia dentro de si, que a arrastava ao celeiro pela milésima vez na vida.

Então ela correu.

A poeira subia sob seus pés e grudava em suas pernas suadas. O ar quente e seco a deixava quase sem fôlego. Enquanto percorria o caminho, ela pensava no terremoto no museu, e no pessoal da SQ dizendo que aquilo não era nada, e em todas as outras coisas que pareciam estar erradas no mundo. E também pensava em Dak, seu eterno melhor amigo para sempre (ela sabia que era uma redundância, mas gostava de dizer isso mesmo assim), e que algo dentro dela gritava que a amizade dos dois não era apenas fruto do acaso. Alguma coisa importante parecia aguardar por eles no horizonte de suas vidas.

Ela chegou ao pequeno gramado que circundava o celeiro e parou no lugar de sempre. Havia ali uma formação rochosa de granito maciço desde quando ela era capaz de se lembrar — provavelmente desde a era pré-cambriana. E quase com certeza iria durar mais do que a raça humana. Encostada na pedra, Sera observava as tábuas tortas de madeira que compunham o celeiro e a pintura desbotada que descascava um pouco mais a cada ano. E então ela esperou.

Ela esperou pela Reminiscência.

Havia algo dentro dela — sua porção racional — que tinha consciência de que aquilo tudo era um sofrimento desnecessário, que ela poderia ignorar o desejo de ir até ali, ir a algum outro lugar, evitar a dor que estava prestes a tomar conta de seu corpo e de sua mente. Porém, em certo sentido, ela queria passar por aquele sofrimento. Ela entendia o motivo? Não. Ela gostava daquilo? Não. Mas queria experimentar aquela sensação, pois sabia que tinha

algo a ver com uma vida que deveria ter acontecido. Era uma convicção que existia dentro dela, equivalente à certeza de que as suas mãos estavam ligadas a seus braços. E ela não poderia deixar de vivenciar essa sensação. Apesar da dor.

Sendo assim, ela continuou à espera.

Tudo começou alguns minutos mais tarde.

Ela sentiu uma pressão muito forte nos ouvidos, dentro da cabeça — algo que não era audível, mas era como se fosse —, seguida de um aperto no coração, uma tristeza que se derramava como uma inundação dentro dela, uma nuvem de escuridão que parecia querer sugar toda a vida de seu corpo e tragá-la para as profundezas. Sera olhou fixamente para as portas duplas do celeiro e, apesar de elas permanecerem imóveis, desejou com todas as forças que elas se abrissem. Era uma sensação quase palpável, como se ela fosse capaz de sentir o ventinho que as portas provocariam ao serem empurradas com força e se chocarem contra a lateral do celeiro.

Nada estava acontecendo, obviamente. Nem o menor movimento. Mas deveria ter acontecido. Aquelas portas deveriam ter sido abertas, e duas pessoas deveriam ter saído dali, chamando-a pelo nome com um sorriso no rosto.

Sera não conseguia entender. Não tinha a menor idéia do que era aquilo.

Por outro lado, havia uma certeza dentro dela. Aquelas pessoas eram seus pais.

Ela nunca os conheceu, e nunca viria a conhecer.

## Uma porta de ferro

A PRIMEIRA COISA QUE SERA QUERIA FAZER quando a Reminiscência terminou era contar para Dak a respeito. Era o que ela sempre fazia. Ele mesmo nunca havia tido uma — ou pelo menos nada que não pudesse ser explicado como um déjà-vu ou uma lembrança esmaecida —, então não era capaz de compreender verdadeiramente o fenômeno. Mas ele tentava, e para ela isso bastava. Além disso, os pais dele estavam viajando naquele fim de semana, o que significava que estaria precisando de companhia. Sua avó costumava ficar com ele quando seus pais viajavam, mas ela tinha mais idade do que muitas das árvores que havia por ali, e era tão silenciosa quanto.

Dak estava sentado em uma cadeira de praia no gramado, à sombra de uma macieira, lendo um livro enorme. As pessoas normais usavam um SQuare para fazer aquilo, mas não Dak. Ele vasculhava quantas bibliotecas fossem necessárias até encontrar a versão impressa do que queria, por mais detonada que estivesse.

— O que você está lendo? — ela perguntou.

Ele nem se preocupou em responder — estava com a cara enfiada no livro, com os olhos se movendo de um lado para o outro e de cima para baixo. Era esse o seu comportamento característico. Ela esperou um pouco para tentar parecer educada, e então deu um chute na sua canela.

— Ai! — ele gritou. O livro escorregou de suas mãos e se espalhou pelo chão na forma de uma massa disforme de couro marrom e papel amarelado. Era uma encadernação tão antiga que se desfez por inteiro.

— Opa — disse Sera. — Desculpa aí. E por isso que você deveria ler no SQuare.

— Claro, seria bem melhor derrubar no chão um aparelho eletrônico caríssimo. A senhora Pierce vai me matar!

Havia uma cadeira vazia do outro lado da árvore, e Sera a arrastou para sentar-se e ajudá-lo a recolher o que restou do livro.

— O que é isso, afinal? — ela perguntou, folheando as páginas amareladas.

— Este livro se chama, ou melhor, chamava-se Ascensão, queda e ascensão do Império Romano. Nem preciso dizer o quanto é fascinante...

Sera levantou uma das mãos, interrompendo-o.

— Tem razão, nem precisa me dizer. Já posso até imaginar a sensação mágica que você experimentou lendo esse relato fascinante.

—Vê se para de ser engraçadinha — ele falou, estreitando os olhos. — Era um livro

fascinante mesmo. Só você para achar que umas porcariinhas menores que um átomo são mais interessantes que imperadores tirânicos massacrando as pessoas e se banhando no seu sangue.

Ela o encarou fixamente, fazendo de tudo para demonstrar seu desinteresse.

— Está com fome? — ele perguntou, abrindo um sorrisinho.

Sera tentou retribuir o sorriso, mas fracassou.

— Eu tive outra daquelas hoje — ela comentou.

— Uma espinha do tamanho de um vulcão? — ele perguntou.

Ela deu um soco no seu braço.

— Uma Reminiscência, seu idiota.

A expressão dele se fechou.

— Ah. Desculpa. Eu sei como é difícil pra você.

— Às vezes eu acho que está ficando cada vez pior. É difícil demais explicar. Um sofrimento terrível.

— Que esquisito.

Essa palavra já tinha sido usada antes para descrever coisas relacionadas a Sera, e quase sempre de forma ofensiva. Mas ela sabia que o comentário de Dak não tinha maldade nenhuma.

— Pois é, esquisito mesmo.

Dak desistiu de organizar a pilha de folhas soltas e jogou tudo debaixo da cadeira. Logo em seguida levantou.

— Eu tenho uma coisa aqui que vai deixar você mais animada em dois segundos.

— Ah, é?

— É — ele esticou uma das mãos. — A minha mãe se esqueceu de guardar as chaves do laboratório.

Eram as palavras mais lindas que Sera já tinha ouvido na vida. Ela nem se preocupou em pegar as chaves — saiu logo correndo em direção aos fundos da casa.

O laboratório ocupava um imóvel à parte, nos fundos da propriedade dos Smyth — uma construção de alvenaria de três andares sem janelas e com uma única porta de ferro, mantida fechada à custa do que pareciam ser umas cento e noventa e sete trancas diferentes. Quando Dak comentou que seus pais haviam se esquecido de guardar as chaves, deixou de mencionar um detalhe importante — que aquelas chaves normalmente ficavam em uma caixa hermeticamente fechada trancada dentro de um cofre à prova de incêndio escondido dentro de um armário do tamanho de uma parede. Sera achava aquilo um exagero maníaco-obsessivo, mas os pais de Dak sempre foram meio estranhos.

Sera foi a primeira a chegar lá, e esperou com impaciência diante da porta intransponível enquanto Dak se aproximava balançando as chaves nas mãos.

— Parece uma coisa da Idade Média, né? — ele perguntou.

— Como foi que eles se esqueceram de guardar as chaves? — indagou Sera. — Pensei que seria mais fácil eles pegarem o vôo para a Europa completamente sem roupa do que ter um

descuido como esse.

Os pais de Dak cruzavam o oceano pelo menos uma vez por mês, para tratar de assuntos profissionais que Sera nunca soube ao certo quais eram. Era assim que eles arrumavam dinheiro para manter sua verdadeira profissão — os experimentos bizarros e as pesquisas malucas que os boatos diziam ocorrer naquele laboratório. Sera estava ansiosa para ver tudo de perto.

— Digamos que eu tive a minha parte nisso — respondeu Dak. — Estava louco para descobrir o que eles andam aprontando aqui. Meu pai vive dizendo que eles descobriram uma coisa importante. Tipo, muito, muito importante. Vai ver é um protótipo da geladeira que cospe comida de que ele tanto fala.

Sera resumiu tudo em um tom de voz frio e impessoal:

— É por isso você roubou as chaves: pra explorar os segredos do laboratório totalmente contra a vontade deles.

— Eu prometo não quebrar nada se você também não quebrar.

— Palavra de escoteiro?

— Palavra de escoteiro.

Eles entrelaçaram os dedos mindinhos para selar o acordo. A avó de Dak já havia perdido metade da visão e três quartos da audição, portanto não tinha a menor idéia do que eles estavam tramando.

Dak remexeu no chaveiro e começou a testar as chaves na série de trancas enfileiradas no lado direito da porta. Enquanto isso Sera só observava, tentando esconder que estava quase explodindo de impaciência. Era a chance que ela esperara a vida toda para explorar um laboratório científico de verdade — por mais idiotas que pudessem ser as coisas que estivessem guardadas lá dentro.

Dak estava de joelhos, tentando encontrar a chave de uma tranca posicionada a, no máximo, cinco centímetros do chão.

— Me deixar irritada é sua especialidade, né? — interrompeu Sera. — Se demorar mais um minuto eu vou dar um golpe ninja nessa sua cabeça oca.

— Você está fazendo barulho demais para um ninja — ele ia dizendo quando alguma coisa fez um clique. — Consegui!

A porta pesada se abriu para o lado de dentro, arrastando sua estrutura metálica sobre o chão de cimento. Sera passou voando pelo amigo e já estava lá dentro antes mesmo que ele tivesse se levantado.

— Entra logo e fecha a porta — ela sussurrou, como se houvesse alguém ali para ouvir a conversa dos dois. Sera não conseguia se livrar da sensação de estar sendo observada. Esse pensamento lhe provocou um arrepio enquanto Dak fechava a porta.

Havia uma fileira de interruptores à sua direita, os quais Sera ligou rapidamente. As lâmpadas fluorescentes foram se acendendo uma a uma, revelando a beleza do laboratório em câmera lenta. O espaço era enorme, e equipado com coisas que ela jamais imaginaria ver num lugar como aquele — computadores cobrindo as paredes, monitores em todas as mesas, equipamentos eletrônicos, produtos químicos e recipientes de vidro sobre toda e qualquer

superfície disponível. Os quadros brancos estavam repletos de equações matemáticas e fórmulas químicas escritas em diversas cores. Todo aquele lugar imenso era um tributo à ciência. Era muito mais do que ela esperava em relação aos Smyth.

Foi quando alguma coisa à esquerda chamou a sua atenção. Ela caminhou até uma caixa de vidro do tamanho e do formato de um frigobar. Por trás do vidro, sobre uma base de feltro, havia uma espécie de tubo de metal prateado de mais ou menos três centímetros de espessura, na forma de um número oito estilizado, com aproximadamente trinta centímetros de comprimento. A não ser por uma minúscula tela sensível ao toque em um dos lados, era um objeto que aparentava ser impecavelmente liso e polido, além de quase translúcido, como um líquido. Parecia um artigo alienígena, certamente de tecnologia de ponta.

— Deve ser isso aí — murmurou Dak. Ela nem tinha percebido que ele estava ao seu lado. — O grande projeto deles. Mas o que será que é essa coisa?

Havia um pequeno rótulo colado no vidro, três palavras que fizeram o coração de Sera palpitar por um instante.

Anel do Infinito.

Seu olhar se voltou para a direita. Ao lado da caixa de vidro, havia uma mesa comprida sobre a qual estavam posicionados vários Squares. Acima da mesa, havia um quadro branco com três palavras escritas no alto — "A Peça Faltante" —, e um pouco mais abaixo lia-se uma série de fórmulas e anotações. Cada vez mais fascinada, Sera examinou os números, símbolos e letras, e alguma coisa se acendeu dentro de sua cabeça. Dessa vez, ela tinha certeza, não se tratava de uma Reminiscência.

— Dak? — ela falou.

— Quê? — ele já parecia estar entediado.

— Vou precisar de um tempinho sozinha aqui. Os seus pais estão montando um tremendo quebra-cabeça.

Ela se virou para encará-lo e completou:

— Quero descobrir exatamente do que se trata.



## Acertando os ponteiros

DEPOIS DE UMA HORA CIRCULANDO pelo laboratório dos pais, Dak ficou de saco cheio. Sera não havia arredado pé da mesa ao lado do Anel do Infinito — o que quer que fosse aquela coisa —, onde estava remexendo nas anotações e fórmulas que seus pais deixaram para trás. Dak não estava a fim de participar daquilo, estava só esperando que ela descobrisse alguma coisa bacana e traduzisse em termos que ele fosse capaz de entender. Então, tudo o que fez foi ficar zanzando pelo laboratório, fuçando diagramas e maquetes de coisas que não conhecia, potes cheios de trecos nojentos que não sabia identificar e livros que à primeira vista pareciam interessantes, mas depois se mostravam complicados demais para ele.

Sera ficou o tempo todo calada. De vez em quando soltava um "Ah!" na direção dele, mas nada mais. Ela estava bastante entretida ali e, quando isso acontecia, Dak sabia que o melhor a fazer era manter distância.

— Escuta — ele chamou a atenção da amiga. — Vou preparar alguma coisa pra comer. Esquentar uma pizza ou de repente um macarrão. Você tá com fome?

Ela não respondeu, sequer olhou para ele. Em vez disso, passou de um Square para outro, totalmente concentrada nas telas, e inclinou o corpo para ler melhor.

— Ei — ele tentou chamar sua atenção de novo. — Eu vou até a casa da senhora Jackson pra matar a família dela toda. Depois vou comer frango frito na Lua. Daqui a pouco eu volto.

— Certo — murmurou ela.

"Puxa, ela está concentrada mesmo", ele pensou, enquanto saía porta afora.

Algumas horas mais tarde e vários pacotes de batata frita depois, Dak continuava sem notícias de Sera. Estava sentado no sofá trocando de canal na tevê, alternando entre as fofocas sobre o mais novo casamento na família real francesa e as notícias sobre os furacões gêmeos no golfo do México, ambos de categoria cinco e imprevisíveis demais para alguém conseguir antever quais regiões iriam atingir. Esse tipo de notícia já havia se tornado banal fazia tempo, mas ele não tinha mais nada para fazer. Seus olhos estavam ardendo de tanto ler naquele dia.

Ele sabia que Sera continuaria no laboratório até morrer de fome caso fosse deixada por conta própria, então preparou dois sanduíches de presunto e levou para ela junto com um copo d'água. Ela pegou o prato sem nem agradecer, e começou a devorar os sanduíches sem tirar os olhos do Square à sua frente.

— A Lua estava uma beleza — comentou Dak. — E o frango também.

— Arrã — Sera concordou num tom quase inaudível.

Irritado com o rumo que seu dia havia tomado, Dak voltou para casa desanimado e

arrependido por ter achado uma boa idéia levar Sera até um lugar como aquele.

Foi acordado pelo toque estridente do telefone.

Ainda zozzo, com a boca seca e amarga como se alguém tivesse enfiado uma meia suja lá dentro, ele olhou para o relógio. Assustado, levantou em um pulo. Eram quase dez horas da noite.

Soltando xingamentos aleatórios, ele correu até o telefone e atendeu. Exatamente como previa, o tio de Sera estava gritando e grunhindo do outro lado da linha, querendo saber onde ela estava — estava quase na hora do toque de recolher, e alguém poderia aparecer a qualquer minuto para uma inspeção de rotina. Dak se desculpou como pôde, dizendo que a mandaria para casa imediatamente. Aquilo tudo era problema dela — Sera sabia muito bem que não poderia estar fora de casa depois das dez. Além disso, o tio dela ficava com um tom de voz anasalado bem irritante quando estava nervoso.

— Sera! — ele gritou ao abrir a porta de ferro com o máximo de violência que era capaz já que aquela coisa pesava mais que os blocos de pedra usados para construir a Grande Pirâmide de Gizé. — Você sabe que horas são? O seu tio deu o maior chilique no telefone! Disse que não vai acobertar você se a SQ aparecer cobrando o toque de recolher.

Ela não entrou em pânico, como Dak esperava. Em vez disso, levantou bem devagar e se virou para ele. De alguma forma, seu rosto parecia ao mesmo tempo exausto e cheio de energia. Dak teve que reprimir o impulso de dar um passo atrás.

— Hã... está tudo bem com você?

— O Anel do Infinito é um dispositivo que permite a viagem no tempo — ela disse com a maior tranquilidade possível. — E eu sei qual é a peça faltante. Descobri como fazê-lo funcionar.

## A peça faltante

VIAGEM NO TEMPO. Dak não sabia dizer o que era mais bacana: a idéia de que isso era possível ou o fato de seus pais terem sido os responsáveis por essa descoberta. Apesar de ainda estar um pouco descrente, ele não conseguia esconder sua empolgação.

No domingo, ele passou o dia todo com Sera, e mesmo assim só entendeu uns vinte por cento das palavras que saíram de sua boca. Ela estava trabalhando no laboratório, reprogramando o Anel do Infinito enquanto Dak ficava ali sentado só olhando. Para tornar a situação ainda mais irritante, ela começava toda e qualquer frase com expressões como "Se você parar pra pensar, é muito simples", ou "Obviamente", ou "Como você sabe"...

E o vocabulário que ela estava usando! "Espaço-tempo", "relatividade", "cordas cósmicas", "táquions", "não sei o quê quântico". Na hora do almoço Dak estava com uma dor de cabeça tão forte que não havia remédio capaz de curá-la.

Para completar o cenário, Dak estava com medo de que o tio de Sera batesse na porta a qualquer momento. Afinal, tinham ido mesmo fazer uma inspeção de rotina na casa de Sera na noite anterior, e ela foi advertida e fichada pela violação do toque de recolher. Além de levar uma bronca, ela foi colocada de castigo pelo tio apavorado, mas isso não foi suficiente para detê-la. De jeito nenhum. Ela tinha se comprometido a ficar no quarto lendo, mas em vez disso pulou a janela e correu até a casa de Dak antes mesmo que ele pudesse se aproveitar da ausência dos pais para comer um pratão de queijo no café da manhã.

E isso não era o pior. Dak tinha plena consciência de que aquela era a violação das regras de sua família mais grave que ele já havia cometido na vida. De alguma forma, ele deixou que Sera o convencesse a cometer aquele pecado mortal contra seus pais.

Ela havia se apossado de seu bem mais valioso — mais estimado do que o próprio Dak, sem dúvida — e estava brincando com ele fazia horas. Estava fuçando em uma coisa que devia ter consumido cada centavo das economias de seus pais, e que tinha uma grande chance de se tornar a maior invenção de todos os tempos. Ele se encolhia a cada vez que ela enfiava uma chave de fenda naquela coisa. E quase desmaiava quando ela usava o ferro de solda. Ou ele acreditava plenamente no que ela dizia que era capaz de fazer, ou então era a pessoa mais idiota do mundo. Fosse como fosse, caso aquilo não funcionasse, ele ficaria de castigo durante os três mil anos seguintes.

Passava um pouco das cinco horas quando, enquanto todas essas coisas passavam repetidamente pela cabeça de Dak, Sera colocou o dispositivo em cima da mesa e disse uma única palavra:

— Pronto.

Dak piscou algumas vezes, atônito.

— Como assim, pronto'? Essa foi a palavra mais fácil de entender que saiu da sua boca hoje, mas não acredito que seja verdade.

— Está tudo pronto, Dak — ela disse, apontando para o Anel. — Aquela coisinha ali vai dobrar o espaço-tempo e levar uma pessoa pro passado. Simples.

Dak considerava aquela conclusão absolutamente impossível de acreditar. Ele foi até lá e pegou o dispositivo nas mãos. Era mais ou menos do tamanho de uma bola de futebol americano, gelado e mais pesado do que parecia. Pela primeira vez, ele notou uma estreita abertura de vidro que percorria toda sua extensão. Por trás do vidro, havia um líquido de coloração âmbar. "Deve ser algum tipo de combustível", ele concluiu.

— Não foi assim tão difícil — continuou Sera. E ela não parecia estar se gabando. Não era só uma tentativa patética de ganhar elogios. Para ela, era a verdade pura e simples.

Dak a encarou.

— Veja se eu entendi direito. Os meus pais, que são ph.D. pela Universidade Amâncio e pelo Instituto de Tecnologia da SQ, estão trabalhando nesse dispositivo há vinte anos, e você veio aqui e resolveu tudo em dois dias?

— Eles ajudaram. Quer dizer, só um pouco.

Dak levantou os braços com o Anel nas mãos.

— Ei, cuidado com essa coisa! — gritou Sera. Ela tirou o dispositivo das mãos dele. — Pelo amor, você sabe que eu estou só brincando. Foram eles que fizeram quase tudo, noventa e nove por cento da coisa toda. Vai ver eles só precisavam que alguém que não estivesse tão envolvido aparecesse com uma perspectiva nova e finalizasse o trabalho. Encontrasse a peça que faltava no quebra-cabeça. Como eu disse, estava tudo...

— É, eu sei — interrompeu Dak. — Moleza. Mamão com açúcar. Fácil como dizer o nome de todos os presidentes pela ordem da idade que tinham quando foram eleitos. Brincadeira de criança. Mas como você pode ter tanta certeza de que essa coisa funciona mesmo?

— Porque todas as equações estão balanceadas. A parte mecânica agora faz sentido. Eu até poderia entrar em detalhes, mas, vendo como você ficou hipnotizado pelas minhas explicações anteriores, vou poupá-lo desse sofrimento. Mas eu sei que isso funciona. Da mesma maneira como você sabe que dois mais dois são quatro.

— Ah, valeu por rebaixar a sua explicação ao meu nível. Mas enfim, e agora, o que a sua mente genial sugere que a gente faça?

Ela abriu um sorriso largo.

— Vamos contar tudo pros seus pais.

De repente, ele sentiu uma tremenda vontade de vomitar e fugir para a China.

Os pais de Dak chegariam em casa por volta das sete horas, da noite. Sua avó já havia ido para casa, pois achava que ele já tinha tamanho para se virar sozinho por algumas horas. Dak a amava de paixão, mas ela mal se levantou da poltrona naquele fim de semana, o que o levou

a questionar seriamente o motivo de sua presença ali. Ela só teria sido útil caso surgisse uma necessidade inadiável de uma blusa nova de tricô.

A última hora de espera pelos pais de Dak foi angustiante. Ele e Sera estavam sentados no sofá da sala, e o único som que se ouvia era o tique-taque do relógio na parede.

As mãos de Dak estavam molhadas de suor. As coisas iriam ficar feias, com certeza. Ele tentou imaginar uma forma de abordar o assunto, mas não parecia haver uma maneira boa de fazer aquilo. Não havia nenhuma anedota histórica que parecesse ao menos remotamente apropriada para aliviar a tensão. Pegar aquelas chaves sem permissão era motivo mais que suficiente para deixar seu pai espumando de raiva e sua mãe histérica como um macaco descompensado.

As sete horas e três minutos, a porta se abriu.

Sua mãe apareceu no hall de entrada com uma maleta pequena em uma das mãos e uma bolsa gigantesca na outra. Seu pai surgiu em seguida, carregando o restante da bagagem. Ele empurrou a porta com o cotovelo para fechá-la, e só então perceberam que Dak e Sera o aguardavam na sala, em completo silêncio.

— Ora, saudações! — disse o seu pai, em um tom de voz meio alto demais. Dak achava que ninguém precisava saber mais nada sobre seu pai além do fato de ele ser o cara que cumprimentava todo mundo dizendo "Ora, saudações!". Só isso já bastava.

— O que os dois pestinhas estão tramando? — sua mãe perguntou enquanto punha as coisas no chão. — Que legal vocês virem receber a gente, é quase um comitê de boas-vindas! Onde está a banda e os comes e bebes? — ela completou antes de dar uma risadinha que parecia a de um leitão com cócegas.

E isso porque aqueles dois eram gênios. "Certo", pensou Dak, "eu tenho a obrigação de amá-los."

— E os meus abraços? — sua mãe exigiu, fingindo uma expressão de quem estava ofendida. — Não fiquem aí sentados que nem um par de bibelôs na estante! Venham cá.

Dak levantou... e teve uma idéia. Só havia uma maneira de dizer o que precisava ser dito e ainda viver para contar a história: de trás para a frente.

— Mãe, pai — ele falou, tentando demonstrar que tinha um comunicado sério a fazer.

Ambos estavam a meio caminho da sala de estar, mas de repente pararam e ficaram só observando, como se pressentissem o que viria pela frente.

Dak sorriu, numa tentativa de mostrar que tinha boas notícias para dar.

— O Anel do Infinito está funcionando!

Seus pais pareciam confusos, como se estivessem se esforçando para acreditar que ele estava brincando, mas sem ter muita certeza disso.

— Como é que é? — sua mãe enfim perguntou.

Dak estava decidido a contar tudo de trás para a frente, queria deixar o pequeno detalhe de ter roubado a chave lá para o final da história.

— Demorou uns dois dias, mas a Sera conseguiu descobrir a peça faltante, e agora a coisa toda funciona.

Sera estava se remexendo no sofá atrás dele, movendo os joelhos sem parar. Os pais de

Dak trocaram um olhar que ele não foi capaz de decifrar.

Dak decidiu seguir em frente, imaginando que assim poderia evitar explosões de fúria, castigos, assassinatos gratuitos e demais coisas do gênero.

— Então, a gente pode contar os detalhes mais tarde, mas isso é demais, né? Mais tarde a Sera pode explicar tudo, mas o que interessa é que o Anel do Infinito está pronto pra ser testado!

— Quem mais está sabendo disso? — perguntou a mãe de Dak com um tom de voz calmo e imperativo que o deixou um tanto assustado.

— O quê? Como assim?

Sera estava de pé atrás dele agora, e ele sentiu que as coisas estavam começando a se complicar.

A mãe de Dak pôs as mãos nos ombros do filho.

— Isso é muito importante, filho. Vocês contaram para alguém que estavam mexendo com isso? Para qualquer pessoa? Para a sua avó, inclusive. Ou o tio da Sera.

— Não — respondeu Dak. Ele olhou para Sera, que balançou a cabeça em sinal negativo.  
— Mãe, o que está acontecendo?

O pai de Dak fechou as cortinas, com o rosto contorcido de preocupação.

— Isso não é brincadeira, Dak. Por que diabos você foi querer mexer nisso?

A última frase saiu em um berro, algo que Dak nunca tinha presenciado antes, nem uma única vez sequer.

— Me desculpa, pai. Mas... a gente fez a coisa funcionar.

— Vocês também podem ter assinado nossas sentenças de morte — rebateu sua mãe.

— Não temos nem um segundo a perder — disse seu pai. — Podem começar a contar tudo.

## A angústia da espera

As DUAS HORAS QUE SE SEGUIRAM foram um verdadeiro pesadelo. Para começar, Dak teve que ficar sentado ouvindo as explicações de Sera sobre como tudo funcionava e o que ela havia feito para descobrir o que faltava. Os pais dele conduziam tudo de maneira curta e grossa, fazendo perguntas e exigindo respostas. Então o tio de Sera apareceu e deu um tremendo escândalo. Mas o pai de Dak conseguiu acalmar o velhote, convencendo-o de que precisava da ajuda de Sera em um projeto governamental importantíssimo, e mandou-o embora dali.

Depois disso, mais uma hora de falatório enlouquecedor para Dak. Quando ele sentiu que não estava agüentando mais, ouviu alguém dizer seu nome. Sua cabeça se ergueu, e só então ele notou que estivera olhando para o chão.

Seu pai estava em pé bem diante dele, com os braços cruzados.

Você deveria ouvir com mais atenção. De repente assim aprende alguma coisa.

— Ciência não é a minha praia, pai.

Eles já tinham discutido sobre aquilo mais de um milhão de vezes. A verdade era que Dak até tirava boas notas em ciências na escola, mas simplesmente não se interessava pelo assunto. E aquela conversa estava num nível muito acima do que era ensinado no currículo escolar.

— Mas eu teria o maior prazer em conversar sobre as implicações políticas do desenvolvimento da primeira bomba atômica pela Polônia na Segunda Guerra Mundial.

Sera e a mãe de Dak ainda estavam debruçadas sobre um SQuare, gesticulando e conversando de maneira exaltada. O Anel estava na mão esquerda de sua mãe. Dak voltou sua atenção para o pai, que mantinha no rosto uma expressão severa e implacável. Os pais pareciam mais velhos do que nunca, como se tivessem envelhecido vinte anos em uma questão de dias.

Foi quando começou o sermão.

— Acho que nem preciso dizer o quanto estou decepcionado por você ter violado uma de nossas regras mais importantes. Um monte de coisas ruins poderia ter acontecido. E não só com a nossa pesquisa, com vocês também. Com mecânica quântica não se brinca. Isso sem falar de certas pessoas que não ficariam nada contentes se soubessem com o que estamos mexendo. Você consegue entender por que ficamos tão irritados?

— Sim, senhor — respondeu Dak, fazendo de tudo para parecer chateado, quando na verdade estava exultante por dentro por ter recebido a bronca mais curta e mixuruca da sua vida. — Me desculpe.

E então seu pai abriu um sorriso.

— Mas acho que ela conseguiu mesmo, Dak. Parece que essa coisa vai funcionar de verdade.

— Sério?

Dak achava que ficaria mais empolgado com o fato de a viagem no tempo dar certo do que com o fato de ter escapado do castigo, mas naquele momento o placar estava empatado.

— Mais sério impossível.

O pai de Dak olhou para trás, para sua esposa e Sera, e depois de volta para o filho.

— Vamos tentar agir normalmente até amanhã de manhã, disfarçar o quanto for preciso. Depois eu e a sua mãe vamos fazer um teste. Para o seu próprio bem, Dak, espero que a SQ não tenha notado a atividade de vocês.

Dak já tinha percebido várias vezes que o tempo não passava quando estava na escola. Mas naquele dia a coisa atingiu um nível absurdo. Saber que testemunharia um momento histórico quando chegasse em casa tornou ainda mais desanimadora a perspectiva de estar no colégio.

Eram quase quatro e meia quando Dak, Sera e os pais dele enfim se reuniram no laboratório, sentados em torno de uma mesa e encarando uns aos outros com expressões sérias que não eram capazes de esconder por inteiro sua empolgação. Dak conhecia melhor o lado mais brincalhão de seus pais, mas naquele momento eles estavam absolutamente concentrados no trabalho.

— Muito bem — começou a mãe de Dak, apoiando-se nos cotovelos. — Vocês estão prontos, meninos?

Obviamente, a pergunta era dirigida também ao marido. Quando os outros três acenaram com a cabeça, ela continuou:

— Ótimo. O plano é o seguinte: nós dois vamos fazer uma viagem bem rápida e depois voltar para cá. Queremos que vocês fiquem aqui no laboratório para o caso de... bom, para garantir que tudo saia conforme o planejado.

— Vocês dois vão? — perguntou Dak. — Usando só um Anel?

Seu pai respondeu com um aceno de cabeça.

— O dispositivo funciona dobrando o tecido do espaço-tempo para criar um buraco de minhoca, um túnel que liga o lugar onde estamos ao local programado no dispositivo. Só que ele não transporta só a pessoa que está segurando o Anel. Além do piloto, qualquer um que esteja sendo tocado por ele vai ser levado junto.

— E o mesmo vale para os objetos inanimados — acrescentou sua mãe. — Mas existem limites para as coisas que podem ser transportadas. Se eu usar o Anel dentro de um carro, ele não vai viajar no tempo comigo. Mas o cinto de segurança, sim. Entenderam?

— Claro — Dak e Sera disseram um uníssono.

— Nós até gostaríamos de trazer uma lembrancinha para você, querido, mas não podemos interferir no passado — afirmou a mãe dele. — Até mesmo o ato de matar um inseto pode ter conseqüências capazes de alterar drasticamente o futuro. Quer dizer, o presente — ela falou e deu uma risadinha, a primeira desde que descobriu que o Anel poderia enfim ser usado.



Por mais estranho que pudesse parecer, foi só então que Dak se deu conta da verdadeira dimensão do que estava acontecendo ali. A idéia na teoria parecia o máximo, mas a realidade era muito mais complexa. O pânico surgiu dentro dele. E se seus pais desaparecessem diante de seus olhos e nunca mais voltassem? Ele não conseguia suportar a idéia de ficar ali sem saber o que tinha acontecido com eles.

Aparentemente, os dois preferiam não demonstrar sua preocupação.

A mãe de Dak ficou de pé.

— Muito bem. Vamos parar de conversa e partir para a ação.

## O Anel do Infinito

TODOS ACOMPANHARAM a mãe de Dak até a caixa de vidro, de onde ela tirou cuidadosamente o Anel do Infinito e segurou aquele objeto prateado e brilhante como se fosse uma espécie de volante.

— Ontem à noite o seu pai e eu decidimos assegurar que outras pessoas não se apropriassem ilicitamente do nosso investimento e esforço. Fizemos isso condicionando o funcionamento do dispositivo ao reconhecimento do nosso DNA. Ninguém mais vai ser capaz de usá-lo. Outros anéis poderão ser construídos quando decidirmos compartilhar a nossa descoberta, isso se algum dia quisermos fazer isso, mas este protótipo pertence à nossa família e a mais ninguém. Incluímos você também, Sera, por causa da sua enorme contribuição para o projeto.

— Eu? — surpreendeu-se Sera. — Vocês querem que eu participe também?

— É claro — respondeu a mãe de Dak. — Eu sei que pegamos pesado na bronca, mas é porque nos preocupamos com vocês. Queremos que participem e, se tudo correr bem hoje, podemos levá-los em uma próxima viagem. Pode ser necessário, inclusive, que vocês saibam controlar o dispositivo no caso de alguma emergência.

Sera concordou com a cabeça. Dak nunca tinha visto sua amiga ficar tão orgulhosa de si mesma.

Um a um, eles furaram o dedo polegar com um equipamento médico esterilizado conectado diretamente a um mecanismo de entrada na lateral do Anel. Depois, os pais de Dak se revezaram na programação do aparelho, conferindo o que o outro havia feito a fim de garantir que estava tudo certo. E então chegou a hora.

— O Anel está programado com as coordenadas corretas — afirmou o pai de Dak. — Nossa idéia é passar apenas alguns minutos no nosso destino. Mas a grande maravilha da viagem no tempo é que teoricamente estaremos de volta uma fração de segundo depois de partirmos.

— Teoricamente? — repetiu Dak.

— Para nós, esta viagem vai durar alguns minutos — explicou sua mãe. — Mas, da perspectiva de vocês, vamos estar de volta em um piscar de olhos.

— Agora se afastem, meninos — instruiu o pai de Dak. — E cruzem os dedos.

Dak e Sera viram a mãe dele apertar um pequeno botão no Anel do Infinito. Um zumbido ressoou pelo recinto, como se uma colméia de abelhas houvesse se materializado ali. A vibração no ar era quase palpável, como se alguém tivesse dado um peteleco em mil

diapasões ao mesmo tempo.

O líquido escuro cor de âmbar dentro do Anel ganhou um tom brilhante e alaranjado que iluminou todo o laboratório.

Nesse momento, Dak não conseguiu mais se conter.

— A gente vai também!

Ele pegou Sera pela mão e se estirou todo para agarrar o cotovelo de seu pai. Mal teve tempo de ver a expressão de choque no rosto dos pais antes que tudo ao redor explodisse em um tubo de som e luz que engoliu o laboratório e lançou seus corpos numa espiral caótica que fez Dak sentir como se estivesse se desintegrando. Flashes que alternavam entre cores e escuridão passavam por todos os lados, mas ele não conseguia manter os olhos abertos por tempo suficiente para ver os detalhes. Seus ouvidos estalavam, sua língua estava inchada, seu estômago dava voltas e o peso do mundo inteiro parecia recair sobre ele. Dak tentou gritar, mas o ruído era tão terrível e tão alto que ele não seria capaz de dizer se conseguiu. Sentiu pontadas de dor em todo o corpo, por dentro e por fora, como se ele fosse uma casca de ovo prestes a se despedaçar em um milhão de pedaços em uma fração de segundo.

E então tudo acabou num piscar de olhos.

Dak de repente se viu de pé numa superfície gramada e plana sob um céu azul e ensolarado. Seus pais e Sera estavam bem ao lado, encarando-o com a raiva estampada nos olhos.

Ele se apressou em soltar a mão de Sera.

— Desculpa! — ele falou. — Mas eu não ia agüentar ficar lá parado esperando pra ver o que ia acontecer com vocês.

O pai de Dak levantou um dedo em sua direção.

—Você não faz idéia do que...

Um rugido atrás dele interrompeu suas palavras, e Dak se virou para ver de onde vinha. A menos de cem metros, dezenas de soldados de casacas vermelhas e calças brancas corriam no alto de uma colina. Todos eles carregavam armas enormes com uma lâmina acoplada na ponta. De uma hora para outra, Dak estava diante de sua especialidade, e a sensação que sentiu ao ver uma coisa tão impressionante superou, e muito, seu medo e seu remorso.

Aqueles homens eram soldados britânicos, e aquelas lâminas em suas armas se chamavam baionetas. Os mosquetes que eles carregavam não eram como as armas modernas, capazes de disparar balas e mais balas em velocíssimas rajadas. As armas que estavam apontadas para ele eram capazes de lançar apenas um projétil — ou bola de chumbo — por vez. Por isso havia as baionetas, para que os soldados pudessem entrar em combate corpo a corpo depois de queimar um disparo.

— Não acredito! — exclamou Dak. — Vocês queriam ver a Guerra de Independência dos Estados Unidos sem mim?

— Não estamos aqui por diversão! — gritou seu pai.

— Aqueles homens estão preparando as armas para matar a gente — sua mãe constatou com toda a calma.

Dak foi obrigado a admitir que as baionetas não eram assim tão bacanas quando vistas mais

de perto.

Sera apontou para um pequeno bosque a uns vinte metros de distância, longe da trajetória do pelotão.

— Vamos fugir pra lá. Eles não estão interessados em nós, já que nem sabiam da nossa existência até trinta segundos atrás. O problema foi que entramos no caminho deles, só isso.

Dak sabia que ela estava certa. O pensamento dela sempre demonstrava uma lógica incontestável.

— Boa idéia.

Os quatro correram para o local indicado por Sera e se esgueiraram por entre as árvores até encontrar um esconderijo se agachando atrás de uns arbustos. Os soldados com certeza os haviam visto, mas Dak esperava que eles não desperdiçassem tempo com uma família perdida no meio do campo de batalha — apesar de estarem vestidos de um jeito que deveria parecer muito esquisito.

O pelotão se aproximou bem depressa, correndo colina abaixo até o local onde Dak e companhia tinham surgido do nada. Quando chegaram lá, o comandante ordenou que os soldados parassem. Sem que nenhum tipo de instrução fosse proferida, eles se alinharam em três fileiras simétricas, com as armas apontadas na direção que pretendiam seguir.

— Preciso ajustar melhor os dados da localização via satélite — murmurou o pai de Dak. — Tudo o que diz respeito à localização é feito com base no mapeamento do terreno feito no futuro usando o sistema GPS, mas existe uma margem de erro. E agora não temos satélites para corrigir as coordenadas, obviamente. Deveríamos estar a mais de um quilômetro daqui para conseguir observar tudo em segurança.

— Onde nós estamos? — perguntou Sera. — E... quando?

Dak se apressou em fornecer a resposta.

— Estamos bem no meio da Guerra de Independência dos Estados Unidos. Aqueles ali são soldados britânicos, e estão claramente a postos pra uma batalha com milicianos americanos. Continua olhando e você vai ver como os britânicos são todos organizados e metódicos, enquanto os americanos são totalmente malucos e imprevisíveis. Nem acredito que estou vendo isso!

Sua mãe o repreendeu:

— Psh! Quietos!

Quando enfim se deu conta do que estava acontecendo, Dak sentiu uma onda quase insuportável de empolgação percorrer seu corpo. Eles tinham viajado no tempo! Ele havia acabado de se deslocar centenas de anos no tempo usando um dispositivo concebido por seus próprios pais e aperfeiçoado por sua melhor amiga. A julgar pela expressão quase radiante estampada em seu rosto, Sera estava fazendo exatamente a mesma constatação.

Foi quando o movimento das tropas chamou sua atenção. Três dos casacas vermelhas estavam correndo na direção deles, e com armas em punho.

— Vocês quatro! — gritou um deles. — Espiões americanos! Rendam-se ou atiraremos!

Os três continuavam a correr a toda velocidade.

— Isso não é nada bom — disse Dak. — Vocês sabem o que eles faziam com os espiões

americanos? Eu sei, e não era...

Sera o fez se calar com um olhar.

— O que vamos fazer? — perguntou a mãe de Dak.

— Não se preocupe — tranqüilizou seu marido, esforçando-se para demonstrar tranqüilidade. Ele estava apertando alguns botões no Anel do Infinito.— Fiquem bem abaixados. Estou quase terminando aqui.

Um dos soldados disparou, lançando fumaça e chamas do cano da arma. A bala passou bem perto da cabeça de Dak e atingiu uma árvore.

— Estou quase lá! — seu pai repetiu.

Mas já era tarde demais. Os soldados se embrenharam no meio das árvores, largaram as armas e capturaram os visitantes do futuro. O maior deles puxou Sera pela blusa, arrancando-a do chão. Dak tentou intervir para ajudá-la, mas o casaca vermelha deu um soco bem no meio de seu rosto. Ele caiu, totalmente grogue. Os outros dois se encarregaram de seus pais, puxando-os e empurrando-os com violência. Dak ainda viu seu pai tentar esconder o Anel do Infinito e tentar programá-lo ao mesmo tempo em que era atacado.

A mãe de Dak conseguiu se soltar e pular sobre o filho, agarrando-o nos braços. Sera se libertou ao mesmo tempo e saltou na direção deles. Os três se juntaram para proteger o pai de Dak, que ainda pelejava com o dispositivo.

Ouviu-se de novo um zumbido. As árvores em torno deles começaram a tremer. Dak viu um dos soldados apanhar a arma que havia largado. A baioneta na ponta do cano reluzia sob a luz do sol, abrindo caminho entre os galhos acima deles. Ele empunhou a arma como se fosse uma lança e avançou contra o grupo. Sera posicionou os braços na frente do corpo, como se fosse capaz de repelir o ataque daquela lâmina mortal.

Foi quando tudo ao redor deles se transformou em um caos de cores e sons.

Dak, seus pais e Sera foram todos arrancados do meio das árvores e sugados por um buraco de minhoca. Em meio àquele borrão de ruídos e movimentos, Dak sentiu como se seu corpo estivesse congelado, mas os outros pareciam estar em movimento. A mãe de Dak havia largado o filho e abraçado o marido. Os dois pareciam estar dançando, e a pele de suas extremidades se desmanchava, como se porções da sua alma estivessem sendo arrancadas do corpo.

Alguém apertou a mão de Dak, e ele fez um esforço para mexer a cabeça — era como se estivesse preso no meio de um líquido espesso ou um tremendo vendaval. Sera estava olhando para ele. Enquanto voavam pelo buraco de minhoca, o nível de ruído era quase ensurdecedor.

Dak sentiu a presença de algo em sua mão. Ele reconheceu o objeto pelo toque: era o Anel do Infinito. Não havia tempo para pensar, e ele simplesmente o agarrou. As luzes brilharam com mais intensidade, e o barulho se tornou insuportável. Dak gritou, mas o som de seu berro se perdeu no meio daquela balbúrdia.

Então tudo terminou. Dak e Sera estavam de volta ao laboratório.

Mas não havia sinal dos seus pais em lugar nenhum.

## Capuzes e carros pretos

A PRINCÍPIO, Sera não conseguiu entender o que havia dado errado. Ela tinha acabado de viver os dez minutos mais malucos de sua vida, e agora estava de volta à tranqüilidade impassível do laboratório dos Smyth. Estava também meio tonta, como se tivesse acabado de sair de uma montanha-russa. Sentia algumas partes de seu corpo geladas e outras quentes. Dak estava parado a seu lado, olhando para algo que trazia nas mãos. Ela seguiu seu olhar e viu ali o Anel do Infinito.

Não havia soldado nenhum por perto, mas os pais de Dak também não estavam lá.

Ele permanecia imóvel, com os olhos vidrados no Anel.

— Dak — sussurrou Sera.

Ele ergueu sua mão livre, pedindo para que ela fizesse silêncio. Sera se segurou por alguns segundos, mas não estava agüentando mais.

— Dak, o que foi que...

— Fica quieta! — ele gritou. — Eles vão aparecer a qualquer momento.

Sera sentiu uma tremenda dor dentro do peito, uma mistura de pânico e tristeza pela situação de Dak. Uma coisa terrível havia acontecido, e ela não sabia muito bem por quê. Só sabia que, se os pais dele não tinham aparecido até então, não iriam aparecer mais.

— Dak, me escuta...

Ele se virou para Sera, com o rosto crispado de ódio. Sua ira, porém, logo se transformou em desespero. Os lábios dele começaram a tremer.

— O que aconteceu? — ele perguntou, quase perdendo a voz. — Cadê eles?

— Não sei.

Naquele momento, Sera sentiu que a culpa era dela. Teria sido algum erro de cálculo?

— Eu sinto muito.

Suas palavras pareceram vazias, e ela sentiu muita raiva de si mesma por isso.

Dak se virou para ela e entregou o Anel do Infinito em suas mãos.

— Arrume essa coisa! Ajude eles! Faça alguma coisa!

— Dak, nós vamos dar um jeito nisso, mas você precisa se acalmar.

— Pra você é fácil falar! Você não faz idéia...

Ele começou a andar de um lado para o outro, e parecia estar procurando alguma coisa para chutar. Antes que encontrasse seu alvo, porém, ouviu uma explosão atrás deles.

Sera gritou e se jogou no chão, virando o corpo instintivamente para não cair sobre o Anel. As luzes brilharam diante de seus olhos quando a porta de ferro se projetou meio metro

para a frente e desabou no chão com um estrondo que sacudiu a construção inteira.

Depois apareceram as pessoas. Entraram correndo logo após a enorme explosão — gente vestida de preto dos pés à cabeça. Um grupo de mais de dez.

"Ah, não", pensou Sera. "É a SQ."

Dak entrou em pânico e começou a esmurrar os invasores aleatoriamente, enquanto Sera tentava ficar de pé. Ela estava confusa, em choque, e morrendo de medo de aquela gente meter uma bala na cabeça de seu amigo.

— Dak! Para com isso! — ela gritou, mas ele parecia enlouquecido. Os soldados o jogaram no chão e o imobilizaram com violência.

Sera não sabia o que fazer. Só conseguiu pensar em usar o Anel do Infinito para tirá-los dali, mas antes mesmo que concluísse seu pensamento ela foi agarrada, e o Anel, arrancado de suas mãos. Ela esperneou, debateu-se e berrou para se livrar daqueles homens vestidos de preto, mas não conseguiu.

— Acalmem-se, vocês dois! — alguém gritou para eles. — Estamos fazendo isso para o seu próprio bem!

Sera e Dak, porém, continuaram resistindo até os invasores os arrastarem porta afora, para longe do laboratório.

Eles só pararam de resistir quando foram encapuzados e jogados no assento traseiro de um carro. Sera ainda tentou abrir a porta, mas estava trancada. Demorou um pouco para a respiração dos dois voltar ao normal, mas por fim o silêncio predominou, enquanto o veículo percorria quilômetros e mais quilômetros.

Dak não deu um pio enquanto eles se lançavam por ruas desconhecidas. De vez em quando, porém, seus ombros estremeciam, e Sera sabia que ele estava reprimindo um soluço de choro. Queria poder falar com ele, dizer que sabia muito bem como era sentir a ausência dos pais. Apesar de nunca ter conhecido os seus, sentia a falta deles na forma de um vazio dentro do peito. No entanto, era uma coisa que ela não era capaz de traduzir em palavras.

Como levantar o astral dele não era possível, ela poderia pelo menos tentar garantir sua segurança. Sera decidiu fazer tudo o que fosse preciso para livrar o amigo daquela encrenca.

A medida que seguiam em frente, curva após curva, no silêncio absoluto do automóvel, o clima ia ficando mais pesado.

O pouco de luz que ela conseguia ver através do capuz sumiu de repente quando o veículo se inclinou para baixo e se endireitou de novo, no que parecia ser uma garagem no subsolo. Ela ouviu o barulho do choque do metal contra o chão, e o carro chegou a quicar antes de arrancar de novo em alta velocidade.

Pouco depois, eles pararam. Alguém os tirou do carro e os conduziu andando em linha reta, segurando Sera pelo cotovelo. Embora não fosse capaz de ver para onde estavam indo, ela manteve os ouvidos atentos aos passos de Dak. Tentar resistir não fazia muito sentido, mas, caso quisessem separá-los, ela tentaria de tudo para evitar isso.

Os seqüestradores só removeram o capuz de Sera ao chegarem a uma porta de metal. Ela se apressou em olhar ao redor. Estavam em uma garagem escura, conforme ela havia

deduzido, mas havia poucos carros parados ali. Parecia mais uma gruta escavada numa rocha, com paredes e teto irregulares. Dak não estava olhando para ela. Um homem loiro, que os segurava pelo braço, acenou com a cabeça para a porta prateada.

— Vamos descer pelo elevador — ele falou. — E então todas as suas perguntas serão respondidas.

Eles desceram.

Três andares abaixo. Um longo corredor. Uma curva para a direita, uma para a esquerda e outra para a esquerda. Outro corredor bem comprido. Sera achou melhor rastrear o trajeto que faziam para o caso de conseguir escapar, mas, o que quer que fosse, aquele lugar parecia um labirinto.

Foi quando, enfim, eles chegaram a uma salinha com uma mesa e quatro cadeiras. Duas delas estavam ocupadas, por um homem e uma mulher. Os dois tinham mais ou menos a idade dos pais de Dak. O homem parecia meio esquisitão — nariz grande, cabelo desgrenhado —, mas a mulher era lindíssima com sua pele escura e seu rosto irretocável. Sera torceu para que Dak fizesse um de seus célebres discursos bizarros sobre fatos históricos, para quebrar o gelo. Era uma coisa que costumava deixar todo mundo morrendo de tédio, mas naquele momento serviria para levantar o astral dela. Dak, porém, permaneceu em silêncio. Seu rosto estava pálido e com uma expressão de desânimo, e seus olhos estavam vermelhos e cheios de lágrimas.

Sobre a mesa havia uma refeição quase boa demais para ser verdade. Frutas, queijos, bolos e pães. O estômago de Sera roncou de fome. Traidor.

O guarda loiro apontou as duas cadeiras vazias para Dak e Sera. E então, para enorme surpresa dos dois, entregou o Anel do Infinito nas mãos de Dak.

— Estamos lá fora se precisarem de nós — ele falou para a mulher. Ela acenou com a cabeça.

O guarda fechou a porta atrás de si, e um silêncio se abateu sobre a sala. Dak agarrou o Anel do Infinito junto ao peito.

O homem foi o primeiro a falar.

— Certo. Dak e Sera. Temos muita coisa para contar a vocês. Fica até difícil saber por onde começar.

— Que tal começarmos dizendo os nossos nomes? — perguntou a mulher, lançando um olhar de reprovação para o parceiro.

— Ah, sim, claro — o homem falou e depois limpou a garganta. — Eu me chamo Brint, e essa é a minha colega Mari. Nós, hã, sabemos quem vocês são. Mas isso vocês já devem ter percebido. Por favor, fiquem à vontade para pegar o que quiserem para comer. Caso queiram alguma outra coisa...

A paciência de Sera chegou ao fim.

— Tem uma geladeira cheia de comida na casa do Dak. Você sabe, a propriedade particular que os seus capangas invadiram armados com explosivos, onde seqüestraram a gente! Não estamos de muito bom humor, só queremos saber o que é que está acontecendo



aqui!

Brint se encolheu diante da explosão de Sera, inclinando-se para trás o máximo possível na cadeira, com a perplexidade estampada no rosto. Mari, por sua vez, não moveu um músculo.

— E então? — insistiu Sera.

— Gostei da sua disposição — disse Mari, sem alterar o tom de voz. — Você vai precisar dela para fazer o que vamos pedir. Mas, por enquanto, modere o seu temperamento e o Brint vai contar tudo o que vocês precisam saber. Brint?

Sera observou enquanto o homem se ajustava na cadeira, meio sem graça. Ficou mais do que óbvio quem realmente mandava ali. Mas Brint se recuperou e assumiu um ar de seriedade ao se inclinar para a frente e espalmar as mãos sobre a mesa.

— Somos membros de um grupo chamado Guardiões da História — começou ele. — Vocês provavelmente nunca ouviram falar de nós, mas nossa organização remonta a muitos, muitos séculos atrás. Ela foi fundada pelo grande filósofo Aristóteles no ano 336 antes de Cristo. Nossa atividade se mantém desde então, orientada pelo objetivo comum de um dia salvar o mundo de um desastre que apenas um visionário como Aristóteles poderia ter previsto. E hoje vocês nos proporcionaram o maior acontecimento desde que ele fez a sua previsão: a viagem no tempo.

Sera olhou para Dak, que se endireitou na cadeira, com os olhos vidrados em Brint. Ela tinha certeza de que ele também estava se sentindo aliviado — eles não haviam sido capturados pela SQ no fim das contas. Isso se aquelas pessoas não estivessem mentindo.

— Viagem no tempo? — perguntou Dak. — O que isso tem a ver com Aristóteles?

Brint estreitou os lábios e acenou com a cabeça.

— Tem tudo a ver. Aristóteles sabia que a viagem no tempo seria possível algum dia, e que nós precisaríamos dela para voltar e corrigir as Grandes Fraturas. Para eliminar as Reminiscências que nos atormentam. Para fazer o mundo voltar ao seu rumo e impedir que a nossa realidade chegue ao fim em um terrível Cataclismo.

O homem fez uma pausa e olhou bem para Sera, e depois para Dak.

— A história sofreu múltiplas fraturas, e precisamos da ajuda de vocês para corrigi-las.

## Os Guardiões da História

DAK SENTIA DENTRO DE SI UM GRANDE VAZIO, algo diferente de qualquer coisa que já havia experimentado. O choque e a raiva por ter perdido seus pais tinham passado, dando lugar a uma espécie de torpor que parecia pior. Torpor e perplexidade. Ele não fazia idéia do que tinha acontecido — o que de certa forma não era lá muito surpreendente. O problema era que Sera também não sabia. Sua única certeza era a de que eles não estavam mais lá, e aquilo doía como se seus pulmões estivessem se enchendo d'água.

No entanto, as palavras de Brint foram capazes de abrir caminho por entre tudo isso. Dak sentiu alguma coisa se acender dentro dele. Não era suficiente para amenizar seu sofrimento, mas bastava para atizar seu interesse.

— O que você quer dizer com isso? — ele perguntou. — Corrigir a história?

Dak, Sera, o mundo está todo errado. Ele saiu dos trilhos, e nós precisamos da viagem no tempo para colocá-lo de novo na rota certa.

— Mas... — começou Sera. — Mas a história é... a história, ora essa. Não é?

— Vamos tentar começar lá do início — sugeriu Brint. — Não temos muito tempo, com o perdão da ironia, mas vocês precisam pelo menos saber com o que estão lidando. Estão prontos?

Sera olhou para Dak com uma expressão de preocupação, com medo de que ele fosse desmoronar a qualquer momento. E provavelmente desmoronaria se recebesse algum gesto de compaixão naquele momento. O que ele fez então foi dar um sorriso abobalhado e esfregar as mãos.

— Eu estou sempre pronto quando se trata de Aristóteles.

Brint sorriu.

— Aristóteles é o meu herói. Um dos maiores gênios de sua época ou de qualquer outra. Por isso, foi escolhido aos quarenta e um anos pelo rei da Macedônia, Filipe II, para ser o tutor de seu filho Alexandre. Aristóteles sentiu que Alexandre era destinado a grandes feitos. Tinha tanta convicção disso que passou a chamar o garoto de Alexandre, o Grande, para que ele já soubesse o que viria pela frente. Mas, infelizmente, as coisas não saíram como ele tinha planejado. Em 336 antes de Cristo, um homem chamado Atalas, sogro do rei, assassinou Alexandre e Filipe para que o seu neto pudesse assumir o trono. Esse garoto se chamava Keranos, era meio-irmão de Alexandre e de fato se tornou rei. Durante seu governo, o continente asiático viveu um período de trevas. Aristóteles ficou arrasado. Ele nunca mais foi o mesmo depois disso.

Dak estava absolutamente fascinado. Ele conhecia aqueles fatos, obviamente — esteve viciado em Grécia Antiga alguns anos antes —, mas não fazia idéia de como aquilo se relacionava com o que estava acontecendo no presente. Continuou prestando bastante atenção ao que o homem dizia, chegando quase a ignorar por um instante a dor que continuava a crescer dentro de seu peito.

— A capacidade que Aristóteles possuía de compreender o mundo e seu funcionamento era superior à de qualquer outra pessoa em seu tempo. Ele acreditava que o universo tinha uma ordem, um tecido de realidade no qual as histórias de vida eram costuradas. E no fundo do coração ele tinha certeza, certeza absoluta, de que Alexandre não deveria ter sido assassinado naquele dia. A morte de Alexandre representava um rasgo no tecido da realidade. E, visionário como era, Aristóteles pretendia corrigir as coisas.

— Como? — Dak e Sera perguntaram ao mesmo tempo.

Dak foi além:

— Como ele pretendia reverter um assassinato?

Dessa vez quem respondeu foi Mari, colocando o cabelo atrás da orelha.

— Com a viagem no tempo. Ele acreditava que seria possível, não na sua época, mas algum dia. Ele manteve a esperança que a humanidade desenvolveria maneiras de navegar pela corrente do tempo. Voltar e corrigir algumas coisas que não saíram como deveriam. Porque, se o destino de Alexandre tinha sido adulterado, outros eventos do tipo provavelmente aconteceriam com o passar dos anos. Ele chamava esses incidentes de Fraturas, e o assassinato de Alexandre, o Grande, foi apenas a primeira delas.

— Mas um monte de gente morre todos os dias! — rebateu Sera. — Não dá nem pra imaginar a quantidade de coisas horríveis que aconteceram ao longo da história. Todas as guerras, toda a violência, todas as epidemias de fome. Como vamos conseguir voltar e evitar todas essas tragédias?

Mari já estava sacudindo a cabeça antes que Sera terminasse.

— Não é bem assim. Não se trata exatamente de todas as coisas ruins que já aconteceram. Para o bem ou para o mal, a maior parte da história se deu em conformidade com o tecido da realidade. Estamos falando sobre coisas que jamais deveriam ter acontecido, para começo de conversa.

— Eu não acredito nisso, não — falou Sera.

— Sera... — começou Dak.

— Não! Dak, você está sendo ingênuo. Eu até entendo que esse tal de Aristóteles ficou arrasado porque o aluno dele foi assassinado. E compreendo que quisesse voltar no tempo e mudar o rumo das coisas. Mas quem é ele pra definir o que deveria ou não ter acontecido? Como ele poderia saber uma coisa dessas?

— Por causa de uma Reminiscência — respondeu Brint. A empolgação que ele demonstrava na voz até então desapareceu. Ele olhou no fundo dos olhos de Sera. — Acho que você entendeu o que eu disse. Pelo jeito você já teve uma Reminiscência, não? Elas são desagradáveis por definição. E Aristóteles teve a primeira Reminiscência da história.

— Essa informação definitivamente não estava na biografia que eu li — falou Dak. — E

olha que era um livro bem longo.

Mari assumiu as rédeas da conversa enquanto Brint se recompunha — ele ficou claramente abalado ao falar das Reminiscências.

— Esse é o tipo de coisa que não se encontra nos arquivos públicos — explicou ela. — Aristóteles teve uma visão traumática no funeral de Alexandre, uma visão do grande homem que o seu pupilo teria se tornado. Mas ele sabia muito bem que era melhor ficar calado. Afinal, Keranos era o novo rei, e dizer que ele não deveria estar no trono seria um ato de traição. Então o que Aristóteles fez foi compartilhar seu conhecimento com um pequeno grupo de amigos e alunos. Eles foram os primeiros Guardiões da História, e deram início a uma tradição que se estendeu ao longo dos séculos e se espalhou pelos continentes, documentando as Fraturas que aconteceram mais tarde. Nossa função é fazer o registro de toda uma história secreta.

— Uma história secreta? — repetiu Dak. — Quer dizer que existe uma outra história pra aprender?

Sera revirou os olhos.

Brint limpou a garganta.

— E tudo isso nos leva ao Cataclismo. Mais de dez Fraturas foram registradas oficialmente seguindo os critérios de Aristóteles, desde o seqüestro de uma primeira-dama até uma missão fracassada na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, que teve sérias conseqüências. Essas Fraturas não só levaram a desdobramentos indesejáveis: elas danificaram seriamente a própria realidade. As Reminiscências são uma conseqüência disso. Os desastres naturais cada vez mais intensos são outra. Está tudo se desintegrando, como vocês já devem ter percebido.

Dak pensou um pouco a respeito — seu conhecimento da história não permitia dúvidas de que a incidência de terremotos, tornados, fúrcões e erupções vulcânicas havia aumentado drasticamente nos últimos cem anos. Mas daí a imaginar que certos eventos tinham desviado a história da sua rota natural... aquilo era loucura. Simplesmente loucura.

— Consigo até ver o ponto de interrogação estampado na sua cara — Brint disse a ele. — Eu sei que tudo isso parece inacreditável. Mas juro para você, com toda a minha honra de Guardião da História, e eu dediquei a minha vida inteira a isso, que estou dizendo a verdade.

— As explicações para tudo isso são muito mais complexas — acrescentou Mari. — Mas em resumo é isso. Aristóteles criou uma sociedade que vem documentando meticulosamente e transmitindo os registros das Grandes Fraturas ao longo dos anos, na esperança de que algum dia os Guardiões da História descobrissem a viagem no tempo e voltassem para corrigir o que saiu errado. E é aqui que nós entramos.

Brint batucou com os dedos na mesa.

— E isso sem contar que existe um perigo imediato muito maior que os terremotos e as Reminiscências.

Dak ficou à espera, se perguntando: "E agora, o que será?".

—A SQ — declarou Brint. — Eles existem há quase tanto tempo quanto os Guardiões da História, apesar de seu nome ter mudado várias vezes. E, enquanto o restante do mundo sofria, eles se beneficiavam das Fraturas. Como vocês podem imaginar, eles não vão gostar

muito de saber que existem pessoas querendo mudar isso.

— O que o Brint está querendo dizer — complementou Mari — é que a SQ tem olhos e ouvidos por todas as partes. E, se por acaso eles tomarem conhecimento do que estamos tramando aqui, vão matar todo mundo sem pensar duas vezes.

— Nós podemos garantir a segurança de vocês — garantiu Brint. — Mas só se nos entregarem o Anel.

## Uma perigosa mudança de rumo

SERA NÃO GOSTOU DA MANEIRA como Brint disse aquilo. Aquela mudança de rumo na conversa fez com que ela ficasse ainda mais desconfiada. Ela se apressou em apertar a mão de Dak antes que ele pudesse dizer alguma coisa. Eles precisavam tomar muito cuidado com aqueles dois.

— Acho que as coisas já estão bem claras a esta altura — continuou Brint. — Precisamos do Anel para produzir o nosso próprio dispositivo, usando engenharia reversa. Assim podemos dar início ao processo de correção da história.

Brint e Mari olhavam fixamente para Dak, que continuava segurando o Anel junto ao peito.

— Hã — começou Dak antes que Sera pudesse interrompê-lo. — Não sei. Acho que tudo isso que vocês falaram faz sentido, mas... Eu preciso deste Anel pra encontrar os meus pais.

Sera sabia que Dak podia ser convencido a fazer qualquer coisa, já que tinha uma tendência a confiar demais nas pessoas. Isso significava que cabia a ela proteger os interesses dos dois naquela situação, e Sera não tinha o menor pudor em fazê-lo.

— Como é que vocês sabiam que a gente tinha um dispositivo de viagem no tempo? Estavam monitorando a região em buscas de uma alta concentração de partículas crônons?

Os olhos de Brint procuraram os de Mari.

— Hã, isso, foi assim mesmo que descobrimos o que vocês estavam fazendo.

Sera achou até graça na facilidade com que tinha conseguido enganá-los.

— Não existe partícula nenhuma chamada crônons! Os Guardiões da História estão espionando os Smyth faz tempo, né? Vocês não são muito diferentes da SQ!

Brint gaguejou e não conseguiu dizer nada. Mari limpou a garganta e assumiu o controle da conversa.

— Tudo bem. É isso mesmo. Nós estávamos... monitorando os pais do Dak. Mas nós não somos como a SQ, isso eu sou capaz de jurar. Só fizemos isso pelo bem do planeta. E, aliás, onde você acha que os Smyth arrumaram dinheiro para fazer suas pesquisas? Os Guardiões da História estão financiando tudo desde o início, em segredo, liberando verbas que eles nem sabiam que remetiam a nós.

— Inclusive — acrescentou Brint —, isso em certa medida nos dá direito à propriedade da tecnologia do Anel.

Sera parou um pouco para pensar no que falaria a seguir.

Brint e Mari pareciam ser pessoas confiáveis. Mas ela não se arriscaria a perder o Anel de vista, não enquanto os pais de Dak não estivessem a salvo. E, se eles estavam mesmo monitorando o laboratório, então sabiam que o Anel era um objeto inútil sem o conhecimento de Sera e sem o DNA dela e de Dak para ativá-lo. Era uma vantagem da qual ela poderia se valer.

— Se vocês tivessem algum conhecimento sobre essa tecnologia — ela afirmou —, saberiam que demoraria vários meses até fabricarem seu próprio dispositivo. No mínimo.

Brint e Mari se olharam por um bom tempo, preocupados. Eles obviamente não dispunham de tanto tempo assim.

— Vocês precisam da gente — irrompeu Dak com o entusiasmo estampado nos olhos ao entender aonde Sera queria chegar. — Precisam da gente pra usar o dispositivo, pra pilotar essa coisa.

Ele se virou para Sera.

— Nós somos capazes de fazer isso. De fazer as duas coisas ao mesmo tempo! Encontrar os meus pais. Salvar o mundo. Acabar com as Reminiscências. Quem sabe até encontrar os seus pais.

Por algum motivo, aquilo a atingiu como um soco no estômago. Ela não queria nem pensar a respeito, para não criar falsas expectativas. Sera achava que o desdobramento mais lógico de uma interferência na corrente do tempo seria o fim das Reminiscências, e nesse caso ela não teria mais aquelas lembranças para começo de conversa. Mas isso seria melhor ou pior?

Ela notou que Brint e Mari sabiam que Dak estava certo. Os Guardiões da História precisavam mesmo deles.

— Nós vamos ajudar vocês — ela falou —, mas só se prometerem que vão nos ajudar a encontrar os pais do Dak. É isso ou nada.

— Sim, mas a parte mais complicada do trabalho vocês vão ter que deixar para os adultos — afirmou Brint.

Ele se virou para Mari, esperando que ela desse seu relutante sinal de concordância antes de continuar.

— Enquanto nós trabalhamos aqui para tentar descobrir o que aconteceu com os pais de Dak, vocês podem acompanhar os trabalhos de uma equipe de reparos dos Guardiões da História. O nosso pessoal é que vai corrigir as Fraturas, mas a vida deles dependerá da presença de vocês no lugar certo na hora certa, e de seguirem as ordens ao pé da letra. Afinal, ainda temos que enfrentar os Guardiões do Tempo.

— Guardiões do Tempo?

— Quando eu falei que a SQ tem olhos e ouvidos por todas as partes, não quis dizer apenas no presente — explicou Mari. — Se não fossem as Fraturas, a SQ não teria todo esse poder que exerce sobre o mundo hoje. Mas a Dama de Vermelho pode não ser tão onisciente assim. Então, enquanto nós sempre quisemos que a viagem no tempo se tornasse uma realidade, a SQ sempre temeu esse dia. Assim como nós juramos voltar no tempo e mudar o passado, eles se comprometeram a não deixar que isso acontecesse. A cada geração eles foram

treinando pessoas para impedir que a nossa missão fosse realizada.

Existem pessoas no passado encarregadas de vigiar quem viaja no tempo? — perguntou Sera. — Isso é loucura!

— É uma boa estratégia — rebateu Mari. — Eles são chamados de Guardiões do Tempo. E, se por acaso desconfiarem que encontraram alguém do futuro, têm ordens para matar sem hesitação.

Sera sentiu um calafrio de medo. O silêncio tomou conta da sala, pois Brint e Mari queriam que eles parassem um pouco para pensar no perigo que iriam correr.

Foi Dak quem quebrou o gelo:

— Tudo bem. A gente deixa a parte mais arriscada pros adultos. Agora vocês podem deixar a gente comer?

— Claro — respondeu Mari, empurrando uma bandeja para ele e sorrindo. — Tem até um queijo bem caro escondido aí em algum lugar.

Dak e Sera atacaram a comida sem pestanejar. Mari parecia satisfeita com o acordo que fizeram, mas Sera notou que Brint estava ansioso. Ele estava claramente louco para pôr todo mundo para trabalhar imediatamente.

— Vamos até o centro de operações — ele falou depois de todos comerem alguma coisa. — Quer dizer... se vocês já tiverem acabado de comer.

Dak estendeu a mão para pegar o último pedaço de queijo suíço e enfiar na boca.

— Agora eu terminei — ele falou de boca cheia.

Enquanto caminhavam por um corredor comprido e mal iluminado, Mari forneceu mais algumas informações sobre o que viria pela frente. Sera escutava com atenção.

— Além dos membros do nosso grupo muito bem treinados que serão mandados com vocês — ela falou —, existe um Guardião da História da época vivendo nas redondezas da maior parte das Fraturas. Temos um número consistente de membros, desde a época de Aristóteles, espalhados pelo mundo inteiro. A localização deles é secreta, mas desde o início todos nós somos treinados para procurar pessoas vindas do futuro.

— Então por que eles mesmos não corrigem as Fraturas? — questionou Sera. — Ou evitam que elas aconteçam?

Dak lançou um olhar na direção dela que, mesmo com a pouca luz, deixava claro que ela havia falado bobagem, e a própria Sera se apressou em responder à própria pergunta.

— Dã. É claro. Falei besteira. Eles não tinham como saber o que seria uma Fratura antes que ela acontecesse.

— Exatamente — confirmou Mari. — Os Guardiões da História vêm analisando os principais acontecimentos do mundo ao longo dos tempos e, em parte com base na aparição de novas Reminiscências, determinam o que é ou não uma Fratura oficial. Mas também sabemos que a qualquer momento pode surgir alguém dizendo que determinado evento está prestes a acontecer. Somos treinados para estar prontos para essa possibilidade. Na prática, vocês são apenas pilotos. Mensageiros. Lembrem-se disso. Os adultos é que vão saber o que precisa ser feito.

Dak protestou:



— Ei, nós não somos um par de idiotas inúteis, sabia? Podemos ajudar também.

— Disso eu não duvido nem um pouco — Mari disse quando eles pararam diante de uma enorme porta de aço. Depois ela tirou uma coisa da bolsa de couro que levava no ombro, um dispositivo de armazenamento de dados SQuare, e mostrou para os dois.

— Todas as informações de que vocês precisam vão ser baixadas aqui — ela informou. — Não se preocupem, nós apagamos completamente a programação da SQ, e tomamos todas as precauções para garantir que os dados permaneçam seguros e invioláveis. As informações para a sua equipe serão todas codificadas.

— Tudo isso faz parte de um sistema chamado Arte da Memória — acrescentou Brint. — Ou AME, para facilitar. Foi uma criação de Aristóteles, para que os dados pudessem ser passados de geração para geração sem correr o risco de cair nas mãos do inimigo. Essa coisa vai deixar vocês malquinhos no começo, acreditem em mim. Mas com o tempo vocês pegam o jeito.

— Aposto que dou conta de tudo com os olhos fechados — afirmou Dak.

— Você nem sabe do que está falando — rebateu Sera.

Mari guardou o SQuare de volta na bolsa e apontou para a porta ameaçadora.

— Aqui fica o COP, o Centro de Operações dos Guardiões da História. Estão prontos?

Sera olhou para Dak, que estava até sorrindo. Sorrindo. Talvez no fim das contas ele fosse capaz de sobreviver à desapareição de seus pais. Ambos concordaram com a cabeça, com os olhos grudados um no outro.

— Estamos prontos — informou Sera, antes que Dak oferecesse uma confirmação à sua maneira:

— Equipe Nerd a postos.

## A Dama de Vermelho

Mari acionou uma tela sensível ao toque e inseriu uma extensa combinação de números e letras, a senha mais comprida que Dak já havia visto na vida. Esse negócio de Arte da Memória parecia ser coisa séria, e ele se arrependeu de ter sido tão petulante a respeito. Agora teria que se virar para cumprir o prometido.

Ouviu-se um som sibilado, seguido pelo ruído do mecanismo de tranca da porta sendo desarmado. Então ela se abriu com um gemido pesado.

— Vamos entrando — falou Mari, estendendo um dos braços para indicar que os dois adolescentes deveriam ir na frente.

Dak apertou com ainda mais força a fria superfície metálica do Anel e deu um passo à frente. Sua entrada foi acompanhada de uma salva de palmas. Pelo menos vinte pessoas haviam desviado sua atenção dos monitores de computador e das telas dos radares e equipamentos diversos para aplaudi-los. Todos eles exibiam sorrisos esperançosos no rosto, e pela primeira vez Dak sentiu a pressão da tarefa que tinha em mãos.

"Salvar o mundo. Não é nada de mais, certo?"

Mari e Brint os conduziram até uma enorme passarela posicionada num canto mais afastado do enorme centro de operações. Ali, o que dominava o campo de visão dos visitantes era um monitor do tamanho de uma tela de cinema que, em vez de mostrar uma única imagem, dividia-se em dezenas de ações diferentes — de estatísticas e vídeos capturados em tempo real a mapas de radares meteorológicos.

Enquanto Brint conectava o SQuare a um computador, Mari subiu em uma espécie de pódio, de onde podia ver todos os membros da sua equipe.

— Quero que todos conheçam nossos novos Guardiões da História, que garantiram sua condição de membros sem passar pelos procedimentos habituais. Situações de urgência requerem medidas urgentes. Este é o Dak, e esta é a Sera.

Seguiu-se uma nova salva de palmas, o que fez com que Dak de repente se sentisse o maior idiota da face da Terra. Ele só queria pôr o Anel para funcionar e fazer um passeio turístico pela história. Salvar o mundo e encontrar seus pais eram apenas um incentivo a mais. Naquele lugar, porém, havia um monte de gente dedicada a uma causa nobre, na esperança de que aparecesse alguém que proporcionasse uma forma de pôr fim a uma série de tragédias que pareciam não acabar nunca.

Mari continuou seu discurso quando os aplausos deram uma trégua:

— Temos muito a fazer nos próximos dias antes de podermos fazer Dak, Sera e nosso

batalhão de inserção voltarem no tempo para corrigir as Fraturas. Nosso plano é começar a operação às oito horas da manhã de quinta-feira. Sei que estão todos ansiosos para entrar em ação, mas precisamos desses dois dias para preparar nossos novos aliados.

Ela continuou falando, mas Dak não estava mais ouvindo. A ausência dos pais e a preocupação com o que podia ter acontecido com eles voltaram a tomar conta de sua mente. Dois dias era tempo demais para ficar parado sem fazer nada. Enquanto ele estava ali, seus pais estavam perdidos em algum lugar, talvez feridos, e quem sabe até à mercê de algum Guardião do Tempo. Finalmente ele se sentiu capaz de entender, ainda que em parte, a Reminiscência que tanto atormentava Sera. Um sentimento de perda misturado com uma incerteza enlouquecedora.

Dak percebeu que Brint olhava para ele como se esperasse alguma reação.

— Hã, é, desculpe — ele gaguejou. — Eu perdi alguma coisa?

Brint sorriu.

— Perguntei se vocês estão prontos para conhecer o pessoal.

— Ah, sim. Claro.

Eles começaram a ser apresentados a todos, mas os nomes e os rostos logo se misturaram todos na cabeça de Dak. Tinha o cara encarregado de rastrear os desastres naturais e sua frequência. E a mulher que procurava por anormalidades nos padrões meteorológicos. E um outro sujeito que analisava os eventos do dia e procurava por possíveis Fraturas. E uma outra mulher que criava guias detalhados para ajudar a equipe de inserção a se misturar à paisagem local quando estivessem em um período histórico sobre o qual tivessem poucas informações. Além de outros caras e outras mulheres que faziam outras coisas.

Dak bocejava o tempo todo, apesar de estar fazendo força para evitar — o que significava manter uma expressão serena que provavelmente o deixava com uma tremenda cara de bobo. Sera lançava olhares de censura em sua direção a cada trinta segundos, mais ou menos.

Um dos Guardiões da História que eles conheceram, porém, destacou-se dos demais. Seu nome era Riq. Ele era bem mais jovem que todo mundo ali e tinha a pele e os olhos bem escuros. Na verdade, era só um moleque em comparação com os velhotes que enchiam aquela sala.

— O Riq é um verdadeiro prodígio no que diz respeito a linguagens e idiomas — Brint ressaltou ao apresentá-los. — já sabia falar cinco línguas aos cinco anos de idade, e vem aprendendo mais uma a cada ano desde então.

— Dizem por aí que vocês são Einsteins — desafiou Riq. — Tenho dezesseis anos. Vocês têm três segundos para adivinhar quantas línguas eu sei falar. Valendo.

— Dezesseis — disse Sera, sem esconder o quanto aquilo a entediava.

— Uau — reagiu o garoto. — Não é à toa que eles escolheram vocês.

— Eles não escolheram a gente — retrucou Dak. — É que nós inventamos uma máquina do tempo que ninguém mais é capaz de usar. Você já fez isso? Inventar um dispositivo de viagem no tempo?

Riq bufou alguma coisa em outro idioma. Só o que Dak entendeu é que se tratava de uma língua bastante gutural, como se Riq estivesse limpando a garganta.

—Você está precisando cuspir? — ele perguntou. — Ou se engasgou com alguma parte do seu cérebro privilegiado?

— Se foi isso realmente o que aconteceu, talvez seja melhor eu cuspir mesmo. Afinal, deve ser uma coisa maior que o seu cérebro inteiro.

— Muito bem — disse Brint ao literalmente se meter entre os dois. — É bom saber que vocês se deram tão bem. Amanhã a gente volta a falar com o Riq sobre treinamento em dispositivos lingüísticos. — E completou murmurando entre os dentes: — Isso vai ser divertido...

Depois disso a rotina se restabeleceu. Mais homens. Mais mulheres. Dak ficou o tempo todo remoendo a raiva do tal Riq, que claramente parecia se achar o máximo. Por fim, depois de terem percorrido todo o centro de operações, voltaram ao lugar de onde tinham partido, o pódio.

Brint se virou para Dak com um sorriso de satisfação no rosto.

— Agora que já terminamos essa parte, vamos levar vocês até uma sala de treinamento, onde estão os seus companheiros de viagem. Eles são uma equipe especialmente treinada de...

Seu discurso foi interrompido pelo som de uma explosão. O centro de operações tremeu, mandando metade de seus ocupantes para o chão. Dak trombou com Sera, e ambos deram de cara com a parede. Ela o abraçou para evitar que caíssem um por cima do outro.

Houve um segundo estrondo, e mais um abalo sacudiu a sala inteira. Dessa vez Dak e Sera foram ao chão — ele caiu sobre ela e ouviu seu gemido de dor apesar do zumbido nos ouvidos.

Brint e Mari foram até eles aos tropeções e os ajudaram a levantar. Por algum tempo as explosões cessaram, mas os Guardiões da História estavam todos aos gritos, correndo de um lado para o outro com o pânico estampado no rosto. A confusão era atordoante.

— O que está acontecendo? — perguntou Dak. Seu coração estava a mil, e ele percebeu que estava segurando a mão de Sera. Logo que se deu conta ele a soltou, envergonhado.

Antes que alguém respondesse a sua pergunta, o monitor gigante que dominava o recinto se apagou. Instantes depois, quando voltou a funcionar, a tela inteira foi preenchida por um rosto. Era uma mulher com cabelos de um tom de ruivo intenso e brilhante, batom bem preto e uma expressão furiosa. A sala inteira começou a ficar em silêncio, e era possível ver o terror estampado na cara de todos, incapazes de desgrudar os olhos da tela.

Quando o silêncio se tornou absoluto, a assustadora mulher começou a falar.

— Vocês acharam que conseguiriam esconder uma coisa dessas da SQ? — ela perguntou, num tom de voz que exalava ódio. — Estamos chegando, Brint. Estamos chegando para buscar o seu tão precioso Anel do Infinito.

## Uma mudança repentina de planos

A O PRONUNCIAMENTO DA DAMA DE VERMELHO se seguiu uma seqüência de explosões arrebatadoras, que abalaram a estrutura do centro de operações e fizeram grandes pedaços do teto desabarem sobre eles. Nuvens de poeira se erguiam nos lugares onde o teto se encontrava com o chão. Dak agarrou o Anel junto ao peito, seguindo seu instinto de preservação. Aquela mulher horrorosa disse que estava vindo atrás dele, mas Dak não estava disposto a deixar que isso acontecesse.

— Vamos lá — disse Brint com a voz firme, enquanto lançava um olhar de preocupação para Mari. — Não temos tempo a perder.

Ele agarrou Dak pelo braço e o conduziu até o corredor que circundava a sala. Mari e Sera vinham logo atrás. Dak notou que Mari havia pegado de volta seu SQuare e o estava guardando às pressas de volta na bolsa, Brint caminhou até um painel na parede e o empurrou. A coisa inteira girou em torno de si mesma. Os quatro foram parar em uma sala secreta que tinha no máximo dois metros e meio de comprimento e estava completamente vazia. Dak se virou a tempo de ver Riq entrar também antes que Brint virasse o painel.

A linguagem vai ser o nosso maior desafio — esclareceu Mari. — Precisamos resolver isso antes de mandarmos vocês. Tomara que as nossas defesas agüentem até conseguirmos levá-los para junto da equipe de inserção.

Dak tentou fingir que não estava apavorado.

— O que está acontecendo, afinal? Quem era aquela mulher?

— Nós a chamamos de Dama de Vermelho — respondeu Brint. — Mas o nome dela é Tilda. Pode ter certeza de que não existe no mundo uma mulher mais vil e odiosa. A única coisa que importa para ela é conseguir cada vez mais poder. Só vai ficar satisfeita quando assumir o comando da SQ. E está convencida de que acabar com os Guardiões da História é a melhor maneira de fazer isso acontecer.

— Riq, depressa — ordenou Mari. — Fale para eles sobre os dispositivos.

A arrogância de adolescente demonstrada anteriormente parecia ter se perdido. "Nada como uma invasão de uma ruivona do mal para botar as pessoas na linha", pensou Dak.

Riq retirou vários objetos pequenos de um cilindro plástico que trazia no bolso da camisa. Ele se ateu a dois deles — um parecia um ponto eletrônico de ouvido e o outro, um dente.

— Que diabo é isso? — questionou Dak.

— Enquanto os seus pais passavam a vida brincado de via gem no tempo — respondeu o outro garoto — os meus trabalhavam com equipamentos de tradução. Isso é tão avançado em

relação ao que existe no restante do mundo que você não vai nem acreditar que funciona de verdade.

Ele deu um passo à frente e se inclinou na direção de Dak com a peça para o ouvido nas mãos. Instintivamente, o outro deu um passo atrás.

— Ei, vamos parar com a criançice — repreendeu Riq. — Vem cá!

Dak foi obrigado a engolir a raiva.

— Certo.

Ele deixou que Riq instalasse o pequeno dispositivo no seu ouvido, enfiando bem fundo até doer. Depois fez o mesmo na outra orelha.

— Muito bem, agora vem a parte de que você não vai gostar — alertou Riq.

O local foi sacudido por mais uma explosão, tirando o equilíbrio de todos por alguns instantes enquanto a sala tremia. Quando tudo se estabilizou de novo, Dak lançou um olhar de preocupação na direção de Riq.

— Não esquentá — garantiu o rapaz. — Só vai doer no começo, logo passa.

Dak estava determinado a não demonstrar seu medo.

— Certo, o que é que eu faço?

— Abre a boca. Abre bem a boca.

Hesitante, Dak se virou para Sera, que o observava com impaciência, e então fez o que o outro havia mandado. Riq checou bem perto e enfiou os dedos na boca dele. Dak se engasgou — aquilo era talvez a coisa mais incômoda que havia acontecido com ele naquele dia nada agradável. Houve um clique dentro de sua boca que ele não sabia dizer se tinha ouvido ou sentido. Foi quando uma pontada de dor se espalhou pelo seu corpo e ele pulou para longe de Riq, que começou a rir.

Mas a dor logo passou, conforme prometido.

— Mas enfim, o que é...

Riq o interrompeu:

— Não dá tempo de explicar. Você logo vai entender para que serve, quando for capaz de se comunicar com as pessoas em vários idiomas. Vai demorar um pouco até se acostumar, mas com um pouco de treino você pega o jeito.

Riq repetiu o procedimento com Sera, que ficou paradinha e não deu um pio. Quando Riq terminou, afastou-se dos dois e acenou com a cabeça para Mari.

Uma explosão tenebrosa ressoou, e dessa vez Dak e os outros foram ao chão. Eles lutaram para ficar de pé enquanto ouviam os gritos abafados que vinham do outro lado do painel secreto.

— Eles estão no COP! — gritou Mari.

— Não podemos perder nem mais um segundo! — Brint gritou para Dak e Sera. — Preparem o Anel! Vocês precisam ir agora mesmo! Depressa, antes que eles invadam a sala e roubem o dispositivo!

Mari pegou Brint pelo braço.

— Brint, precisamos esperar a equipe de inserção. Eles são só duas crianças!

— Não dá mais tempo. Ao que parece, nossa equipe já está morta.

Dak engoliu em seco. O choque de realidade o atingiu com toda a força naquele momento.

— Pra onde a gente vai?

— Não importa — respondeu Brint. — Simplesmente sumam daqui.

— Agora tudo só depende de vocês — avisou Mari. Ela estava visivelmente contrariada.

— O Riq pode ir também. Ele sabe como operar o SQuare. Vocês vão ter que se contentar só com isso.

— Espere aí... — começou Riq.

— Mas... — interrompeu Dak.

— Chega de conversa! A gente não tem escolha!

Mari tirou a bolsa do ombro e entregou para Sera.

— Cuide disso como da sua própria vida. Vocês não vão conseguir fazer nada se perderem o SQuare! Caso isso aconteça, podem voltar aqui e pegar outro. Mas isso pode ser perigoso, não preciso nem dizer que isto aqui vai estar virado do avesso quando vocês voltarem.

Dak concordou com a cabeça e avançou na direção de Sera. Riq foi até eles, parecendo estar absolutamente perplexo. Eles começaram a ouvir o barulho de tiros na outra sala. Tiros e gritos.

— Você sabe como funciona, né? — Dak perguntou para Sera com a voz carregada de histeria.

Ela se limitou a um aceno de cabeça. Ele experimentou uma sensação de perda ao entregar a ela o Anel do Infinito, como se estivesse de certa forma abrindo mão de seus próprios pais.

Sera se apressou em acionar a programação do Anel. A concentração em seu rosto era visível.

Mais tiros foram ouvidos do outro lado da parede. Uma mulher soltou um grito de dor e terror. Dak se sentiu absolutamente inútil por saber que, se tentasse ajudar Sera, só seria capaz de atrasá-la. Tudo o que ele podia fazer era agüentar firme e esperar mais alguma coisa terrível acontecer.

Só demorou dez segundos.

O painel secreto saiu voando pelo ar, girando em sua trajetória até atingir Brint em cheio. Ele gritou e foi para o chão, enquanto Mari se agachava para se proteger. Dak olhou para trás, para a abertura com vista para o COP. Dois homens vestidos de soldados estavam ali de armas em punho, com um laser vermelho apontando para eles.

— Todo mundo pro chão! — gritou um deles. — Agora!

Dak obedeceu, cobrindo a cabeça com os braços como se isso fosse adiantar alguma coisa caso um deles decidisse atirar. Sera se encolheu em um canto e continuou a manejar o Anel do Infinito, escondido em seu colo, longe das vistas. Riq se agachou a seu lado.

— Como é que vocês têm a audácia de invadir a nossa propriedade desse jeito? — gritou Mari. — Vamos denunciar isso para a mídia e...

Ela não conseguiu terminar a frase. Um dos homens partiu para cima dela e a atingiu com uma coronhada. Ela gritou e caiu por cima de Brint, que ainda estava estirado no mesmo

lugar.

Um sentimento de raiva transbordou de dentro de Dak — uma ira que ele jamais imaginou ser possível durante todos os anos que passou lendo em seu quarto. Aquilo parecia ter acontecido havia uma eternidade. Ele atacou o soldado que feriu Mari. Gritando a plenos pulmões, curvou-se com a cabeça para a frente e foi com tudo para cima do sujeito, fazendo-o perder o equilíbrio. O outro homem chegou até ele em um instante, arrastando-o pelo chão pelos cabelos enquanto Dak esperneava e urrava de dor.

O homem o atirou no chão.

— Mais um movimento ou comentário engraçadinho e alguém aqui vai morrer. Entenderam bem? Onde está o Anel?

Dak assistiu horrorizado quando o soldado enfim percebeu que Sera não estava simplesmente sentada ali sem fazer nada, mas concentrada em alguma coisa.

— Ei, o que você está fazendo aí?

Sera olhou para ele com o pavor estampado no rosto.

— Nada. Eu só estou com medo.

— Você pensa que eu sou idiota? Me dê isso aqui! — gritou o homem. — Não vou pedir de novo.

Sera voltou sua atenção para o que havia escondido no colo.

— Certo, só um minuto.

— Agora, sua pirralha!

Ele avançou na direção de Sera, e Dak saiu aos tropeções para impedi-lo. Ele caiu no colo da amiga ao mesmo tempo em que Riq estendeu a mão para tocar em seu ombro. Ouviu-se um clique e um bipe. Então o mundo inteiro se transformou em luz e eles foram sugados do quartel-general dos Guardiões da História.



## Muito, muito longe

SERA FICOU CONTENTE por ter conseguido escapar. O tormento do buraco de minhoca durou apenas alguns segundos, a mesma seqüência atordoante de movimentos e alternância entre luz e escuridão, o mesmo sentimento de que os átomos de seu corpo estavam prestes a se separar. E então acabou, sem nenhuma espécie de transição — diretamente do caos para a normalidade e imobilidade, como se nada tivesse acontecido.

Ela olhou ao redor. Estavam sentados ao pé de uma pirâmide gigante, com seus blocos de pedra amarela subindo em direção ao céu de tal forma que não era possível ver o topo dali de baixo. O solo era seco e arenoso, e o ar ao redor, quente e sufocante. Ela estava sentada na mesma posição em que se encontrava na sala secreta do centro de operações, agarrando o Anel do Infinito com suas mãos suadas. Dak ainda estava largado sobre seu colo, mas logo se afastou e deitou no chão à esquerda dela, com a cabeça apoiada em um dos blocos da base da pirâmide.

E Riq estava em pé por cima do ombro dela, observando a estrutura gigantesca com tamanho assombro que parecia uma estátua de cera, parado ali sem reação.

— É... — começou ela. — Por que escolheram você para vir com a gente e não um deles dois? — a pergunta era para Riq.

Os olhos aturdidos do garoto finalmente se encontraram com os dela.

— Eu posso ser muito útil, gracinha. Só por isso.

— Argh — grunhiu Sera. — Nunca mais me chame assim.

Riq assumiu uma expressão séria.

— Brint e Mari não são do tipo que abandona o barco pra salvar a própria pele. Eu não posso nem pensar em decepcioná-los, então temos muito a fazer. Não temos tempo a perder.

Dak se sentou com as costas apoiadas na estrutura de pedra.

— Que ótimo. Eles mandaram o maior pentelho de toda a sala de operações para vir com a gente. Que maravilha.

— Dak — rebateu Riq —, sorte sua que você é uma criança, senão eu iria quebrar o seu nariz umas cinco vezes só por diversão. Você acha que eu queria estar aqui?

Dak se limitou a ficar olhando para ele.

— Desculpa — murmurou o garoto mais velho.

Ele se afastou um pouco e foi se sentar sobre uma pedra que se sobressaía em meio à areia.

— É que eu não estava pronto pra isso. Tem um monte de gente lá... que talvez eu nunca mais veja.

Sera suspirou. A tensão da situação quase fez com que eles se esquecessem de que estavam sentados ao pé de uma pirâmide do Antigo Egito. Os blocos de pedra não pareciam tão velhos como seria esperado, o que significava que eles devem ter voltado bastante no tempo, assim como ela queria. Sera queria se afastar o máximo possível da SQ, tanto em termos geográficos como temporais. Ela olhou para aquela estrutura imponente e admitiu que deveria ter ficado um pouco mais impressionada, mas o desejo de resolver logo a situação era mais forte do que tudo.

Sera levantou e sacudiu a poeira das calças. Com o Anel do Infinito em uma das mãos e a bolsa com o SQuare na outra, ela ergueu ambos os objetos diante de si.

— Ei, escutem aqui — ela falou. — Precisamos usar essas coisas da maneira certa. Se fizermos o que os Guardiões da História disseram, talvez quando voltarmos a SQ nunca tenha atacado a sede deles, e talvez esteja todo mundo vivendo tranqüilo e feliz.

— Espera aí — retrucou Dak, parecendo concentrado. — Se a gente mudar a história, isso pode mudar também a nossa vida no futuro, e se não houvesse Fraturas pra serem corrigidas a gente nunca teria inventado o dispositivo de viagem no tempo, e as Fraturas que precisariam ser corrigidas nunca seriam, e... — ele parou de falar, com uma expressão absolutamente confusa no rosto.

Sera entendeu o que ele queria dizer.

— É melhor não pensar sobre isso. Esses paradoxos temporais são complicados demais, a gente nem sabe se é assim mesmo que eles funcionam. E por isso que não podemos nos arriscar a voltar pra nossa própria época.

— Então nós não podemos mais voltar pra casa, é isso?

— Não enquanto a gente não fizer tudo que o Brint pediu. E se a gente volta e o Anel do Infinito desaparece antes de corrigirmos todas as Fraturas?

— Você poderia construir outro — sugeriu Dak. — Ou não?

— Isso se eu mesma não desaparecesse em pleno ar.

— Isso pode acontecer? — perguntou Riq.

— O grande problema é que eu não sei! Vejam só.

Ela pôs o Anel na bolsa e entregou para Dak, depois pegou um galho no chão e o usou para desenhar uma linha na areia.

— O tempo é como um rio, certo? E por isso que usamos a expressão corrente do tempo. A correnteza segue em uma direção, para o futuro, e nós todos vivemos de acordo com ela. Com o Anel, obviamente, estamos navegando contra a corrente, ou contra a natureza do tempo.

— Ah, que beleza — falou Riq. — Uma metáfora. Não me disseram que você também era poeta.

— Eu tenho um poeminha pra você — interrompeu Dak. — "Lá no pé daquele morro, passa boi, passa boiada. Me diz o que é que eu faço pra você ficar de boca fechada."

— O Bastão da Fala está comigo — Sera ergueu o galho que tinha pegado no chão. — E ele serve como porrete também, então é melhor vocês dois calarem a boca.

— Tempo. Riq. Certo — respondeu Dak.

— Agora imaginem que as Fraturas são como rochas imensas que foram jogadas no rio. A corrente continua fluindo, mas precisa se desviar um pouco de seu curso natural para contornar as tais pedras. O rio continua o mesmo, ele ainda segue seu caminho original na maior parte do tempo, mas existem algumas mudanças sutis em seu trajeto. Ondulações. Reminiscências.

— Se nós removermos as pedras — completou Riq —, o rio volta ao normal.

— Certo, mas nós não sabemos ao certo como é esse "normal". Enquanto estivermos usando o Anel do Infinito pra navegar de parte a parte, nós vamos ser uma exceção à regra, vamos ser imunes às mudanças que estamos causando. Mas quando voltarmos à nossa época... quem é que sabe?

— Então nós não vamos ser afetados? — perguntou Dak. — As nossas lembranças vão continuar intactas? E o Anel também?

— Isso na teoria, Dak. Eu sinto muito, mas estamos desbravando um território totalmente novo. Só sei que, assim que começarmos a alterar as coisas, a linha do tempo vai começar a se ajustar, e a partir de então não teremos certeza de mais nada. Só resta seguir as instruções dos Guardiões da História e torcer pra dar tudo certo. Caso contrário, a gente pode acabar num mundo que é só um aglomerado de rochas flutuando no espaço.

Riq chegou mais perto e olhou para a bolsa nas mãos de Dak.

— Certo. Mas como é que a gente vai saber o que fazer? Eles não me falaram nada sobre as Fraturas, nem a localização, nada. Eu até comecei o treinamento na Arte da Memória, mas ainda estou num estágio inicial.

— O lado bom da coisa é que dois de nós somos bem inteligentes — disse Dak, posicionando-se ao lado de Riq. — Nós vamos descobrir tudo. Você só precisa se preocupar em ser um bom menino e traduzir tudo pra gente.

Riq caiu na risada, e Dak ficou vermelho.

— Quantas línguas você fala, aliás? Eu esqueci.

— Uma — respondeu Dak em um tom de voz frio e monótono.

— Ah, certo. Quando eu tiver alguma dúvida sobre a minha própria língua, já tenho a quem recorrer.

— E, quando eu precisar de ajuda pra dar uma de imbecil, também já tenho a quem recorrer.

Riq apontou para a orelha de Dak.

— Só se lembre de uma coisa: por mais impressionante que seja esse dispositivo, ele não vai ajudar na leitura e na escrita. Você é praticamente um analfabeto agora. Só pra você saber...

Sera ficou até envergonhada ao se dar conta de que estava adorando aquele atrito entre os dois. Dak em geral confiava em estranhos com muita facilidade. Ela desconfiou que Riq fosse parecido demais com Dak, o que talvez explicasse a atitude arredia de seu amigo em relação ao outro.

— Já terminaram? — ela perguntou. Os garotos trocaram olhares hostis, mas concordaram em silêncio. — Pelo amor, vocês dois. Dak, uma pessoa burra não iria conseguir aprender

tantas línguas diferentes. E, Riq, é melhor você aprender a respeitar o meu amigo. Ele sabe mais de história do que todos os seus chefes juntos. Pode acreditar.

Ela esperou um pouco até que os dois se acalmassem, e depois respirou fundo.

— Tem outra coisa, Dak. Eu andei pensando sobre os seus pais, e acho que eles também são exceções.

Dak ficou sério em um instante.

— E o que isso significa?

— Eles começaram a travessia junto com a gente, mas não chegaram ao destino final. Isso significa que estão em trânsito. Sem o Anel para resgatá-los, eles vão ficar sendo arremessados de um lado para o outro como pedrinhas perdidas no meio da correnteza. Mas eu não acho que a localização deles seja totalmente aleatória. Como foram soltos na corrente, teoricamente devem estar alojados perto de outras anomalias.

—Teoricamente? — repetiu Dak.—Já estou ficando cansado dessa palavra!

— O que eu quis dizer é que eles devem ter sido atraídos pelas Fraturas. Ou seja, em um ambiente com extensão quase infinita como o tempo, existe uma boa chance de encontrá-los no decorrer da nossa missão.

Dak parou um pouco para pensar no que ela disse. Depois entregou a bolsa para Sera.

— Então vamos começar logo.

Sera concordou imediatamente. Ela sentou, tirou o SQuare da bolsa e ligou. Dak e Riq se juntaram ao redor para ver o que aparecia na tela. Havia apenas duas frases, com letras brancas em um fundo preto, e um campo de texto logo abaixo:

Apenas uma chance para digitar senha.  
Em caso de erro, o dispositivo explodirá.

## Cruzando os dedos

— Só PODE SER BRINCADEIRA — protestou Sera. — Depois de tanto falatório, eles se esqueceram de passar a senha pra gente?

Dak sentiu um frio na barriga também. Eles estavam em pleno Antigo Egito — ele deu outra olhada para a Grande Pirâmide de Gizé, ainda perplexo por estar ao pé de uma construção que ele sonhou ver durante anos — sem nada para guiá-los além de um Square bloqueado. Mas, em compensação, o ar ali parecia puríssimo, ainda imune aos efeitos de milhares de anos de ação humana. Sua visão também parecia mais aguçada. Naquele momento, foi inevitável sentir uma onda de otimismo.

— Nós podemos chutar — propôs Dak. — De repente é "Guardiões da História".

— Ah, claro, vai lá e digita isso mesmo — ironizou Riq.— Tenta a sorte. Se a coisa toda explodir, paciência.

Dak daria qualquer coisa em troca da sensação de dar um soco bem no meio do estômago daquele sujeito — se ao menos ele pudesse garantir que não haveria conseqüências, como levar uma surra em retaliação...

— Eu não disse pra gente sair digitando coisas, seu trouxa. Eu estava só dando uma idéia, sabe como é, pensar em conjunto pra chegar a uma solução.

— Eu vou bater em vocês dois — disse Sera, bastante séria, com uma expressão no rosto que não deixava dúvidas disso.

— Vocês não se conhecem há tempo suficiente pra se considerarem inimigos. Podem parar com isso.

— Pra mim já faz tempo suficiente — resmungou Dak.

— Estou falando sério — ameaçou Sera. Sua atenção se voltou para a tela. — Quanto mais eu penso, mais difícil fica acreditar que mandariam a gente pra cá se não achassem que seríamos capazes de resolver isso. Só precisamos parar um pouco pra pensar. Quando chegarmos a um acordo sobre a solução, podemos tentar.

— Mas precisa ser uma coisa lógica — ressaltou Riq. — Nada de palpites bizarros.

Riq não olhou para Dak ao dizer isso, mas Dak sabia que a indireta era para ele.

Sera desligou o dispositivo e cruzou as mãos em cima dele.

— Muito bem, então. Vamos nos concentrar. Manter o silêncio por alguns minutos.

Dak apoiou a cabeça na base da pirâmide. "Fala sério", ele pensou, "existe coisa mais incrível que isso?" Ele apoiou a cabeça nas mãos e fechou os olhos. Tinha memorizado as duas frases que apareceram na tela, e ficou pensando a respeito. Lembrando-se do pouco tempo

que passou no quartel-general dos Guardiões da História, fez um esforço em busca de algo que Brint ou Mari poderiam ter dito que pudesse servir como uma pista para a senha. Não conseguiu pensar em nada.

Frustrado, ele se perguntou então se a própria mensagem no SQuare trazia em si mesma uma pista. Ele lembrou as palavras em sua mente. "Apenas uma chance para digitar senha. Em caso de erro, o dispositivo explodirá."

— Acho que já sei o que precisamos fazer — informou Riq. — Deve ter alguma coisa relacionada a explosivos. Mecanismos de segurança. As bombas têm mecanismos de segurança, certo? Pra não explodirem acidentalmente?

— Humm — foi só o que Sera conseguiu dizer. — Nenhum de nós tem experiência com esse tipo de coisa.

— Bom — respondeu Riq —, de repente a gente pode tentar ir até um vilarejo e perguntar a alguém por lá. Ver se alguém pode ajudar.

Dak parecia perplexo.

— E você ainda se diz um Guardião da História? Você acha que o povo do Antigo Egito tinha bombas? E bombas eletrônicas com mecanismos de segurança, ainda por cima?

Riq olhou para cima, para a pirâmide.

— É... não mesmo. Mas você tem alguma idéia melhor?

Dak voltou a ficar em silêncio. Ele fechou os olhos para se concentrar apenas em seus pensamentos. Foi quando a idéia surgiu, rápida e precisa.

— Já sei! — ele gritou e ficou de pé.

Sera e Riq deram um pulo, e Dak pôde apreciar um rápido sinal de orgulho ferido no rosto de seu mais novo rival.

— O quê? — perguntou Sera. — Fala logo!

— A gente está pensando demais — explicou Dak. — Assim como qualquer outra pessoa faria. Mas, como a gente não tem informação nenhuma sobre essa coisa, eles não nos deixariam arruinar tudo tentando adivinhar senhas. De jeito nenhum. Então o que eles fizeram foi pôr a solução bem diante dos nossos olhos.

Ele viu que os outros estavam começando a ligar os pontos, e se apressou em dizer em voz alta a solução do enigma, antes que alguém pudesse dizer que também já sabia.

— Senha. Precisamos digitar essa palavra, "senha". É isso.

Sera e Riq trocaram um olhar de incredulidade.

— O que mais poderia ser? — desafiou Dak.

— Isso é muito arriscado — Sera disse enfim. — E se estiver errado?

— Dã! — Dak jogou as mãos para o alto, frustrado. — E se qualquer outra senha que a gente inventar estiver errada? Alguém tem uma idéia melhor? Pra mim parece ser uma coisa bem óbvia.

— Acho que ele tem razão — concordou Riq, o que deixou Dak um tanto irritado, pois tornava um pouco mais difícil a tarefa de odiar o sujeito. — Se a gente só tem uma chance, é melhor tentar alguma coisa com fundamento. E isso tem fundamento. É simples e óbvio.

Sera concordou com a cabeça em um movimento lento, mordendo o lábio inferior.

— Estou morrendo de medo de me arriscar desse jeito. A gente só tem uma chance.

Dak deu de ombros.

— Mais um motivo pra pessoa que vai digitar ser você. Vai em frente.

— Por que não você?

— Porque eu sou o especialista em história. Eles precisam de mim. E muito.

— Acho que você quis dizer o nerd obcecado por história — Riq murmurou por entre os dentes.

— Bom, tecnicamente você tem razão — rebateu Dak. — Como um especialista em idiomas deve saber, a origem do termo remonta a meados do século vin...

— Que tal deixar isso pra mais tarde? — interrompeu Sera. — Por mais divertido que possa ser, a gente precisa se concentrar em outra coisa agora.

— Muito bem — concordou Dak. — Me dá isso aqui. Eu digito.

Ele tinha plena confiança de que estava certo. Tomou o dispositivo das mãos de Sera, sentou e ligou. As mesmas duas frases apareceram na tela. Ele bateu com o dedo na caixa de texto, digitou "senha" no teclado virtual e apertou o botão "ok".

A tela ficou toda branca e, por uma fração de segundo, Dak achou que aquele era o início de uma enorme explosão que poria fim a sua vida. Mas então as palavras começaram a aparecer.

### Fratura 1

Sempre em frente, com astúcia e precaução

Examine a página, descubra a instrução

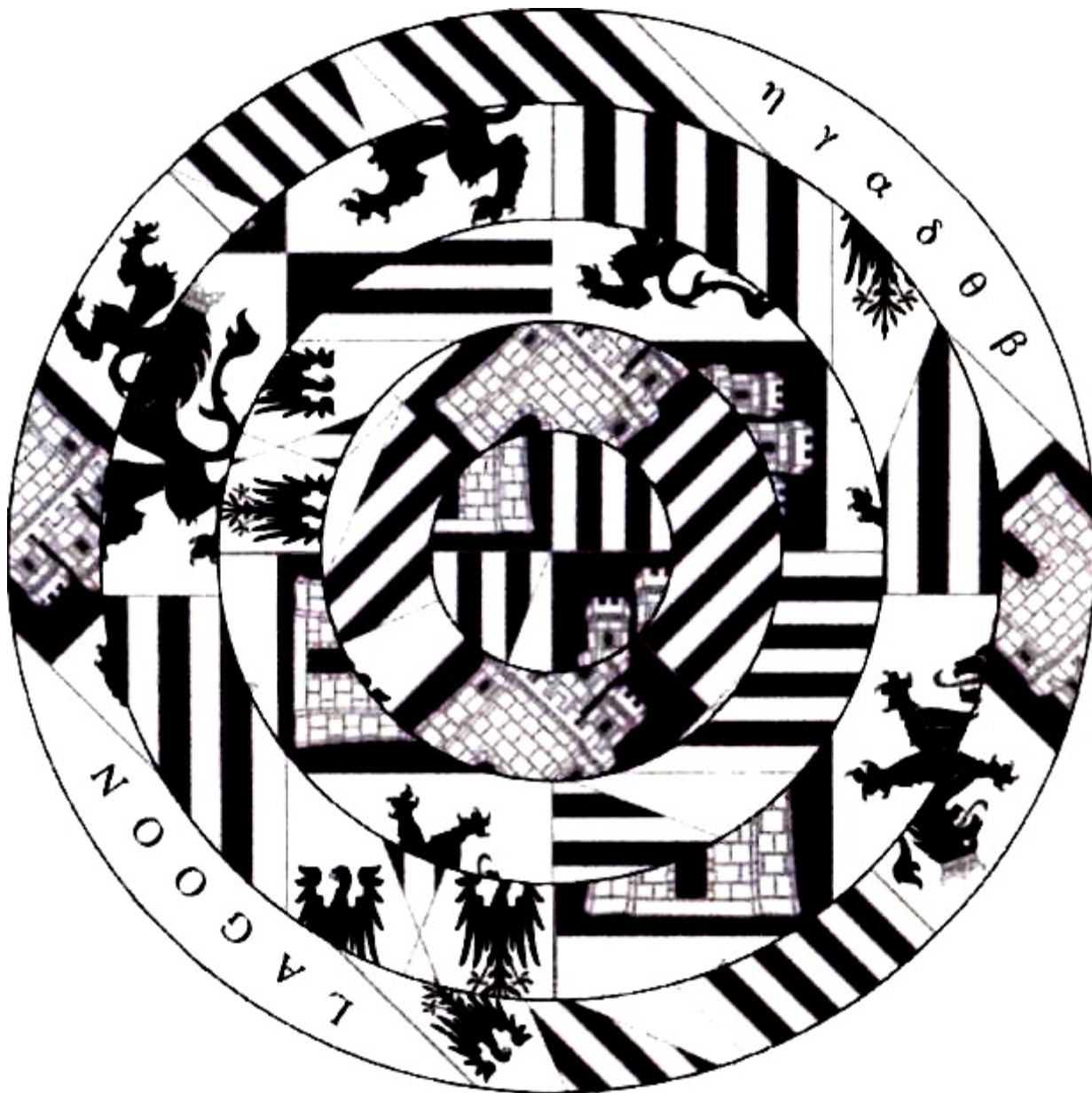
Os séculos se passam, faz-se a história

Nosso trabalho é a Arte da Memória

Dak sorriu.

— O que foi que eu disse? Resolvi tudo com os olhos fechados.

Mas seu momento de triunfo durou pouco. Logo abaixo do poema estava a imagem mais confusa que Dak havia visto na vida, uma bagunça de círculos, linhas e formas entrelaçadas.



— Mas que diabo é isso?

— Espanha — murmurou Riq. — Precisamos ir para Espanha.

EPUB produzido pela Toca Digital  
Visite-nos: [www.tocadacoruja.net](http://www.tocadacoruja.net)



## Adeus, pirâmide

— COMO É? — surpreendeu-se Sera. — De onde foi que você tirou isso?

Dak estava prestes a fazer a mesma pergunta. Nada naquela figura bizarra parecia dizer alguma coisa sobre a Espanha. Nem sobre qualquer outra coisa, aliás.

Riq estava nitidamente tentando esconder seu sorriso de satisfação, mas sem muito afínco. O contentamento estava estampado em seu rosto.

— Eles deram uma pista bem fácil pra gente começar. Com no máximo duas aulas já dava pra matar essa.

— Duas aulas de quê? — perguntou Dak.

— Eu já disse, de Arte da Memória.

Sera sacudiu a cabeça.

— Eles até falaram sobre isso com a gente, mas não foram muito específicos.

— Isso se chama dispositivo mnemônico — Riq apontou para o diagrama na tela do aparelho. — É uma invenção de Aristóteles. Ele precisava de uma maneira de transmitir tudo o que sabia sobre as Fraturas, encontrar um jeito de nos comunicarmos sem a preocupação de que as informações caíssem em mãos erradas. Esses pictogramas são um desses métodos.

Dak se inclinou para olhar mais de perto.

— Você está me dizendo que no meio dessa bagunça tem uma mensagem dizendo pra gente ir pra Espanha? Parece um rabisco de uma criança de dois anos numa parede.

— Não só isso — garantiu Riq. — Tem também a cidade e a data específica. Precisamos estar em Palos de la Frontera no dia 3 de agosto de 1492.

Dak reconheceu a data e o local. Só havia uma explicação possível para eles serem instruídos a ir para lá.

— Ei, está dormindo?

Dak piscou os olhos algumas vezes. Sera estava estalando os dedos debaixo do seu nariz.

— Desculpa, estava só acionando a parte genial do meu cérebro. Já sei o que a gente precisa fazer.

Sera ergueu as sobrancelhas e Riq também parecia intrigado.

— Existe por lá uma possibilidade bem óbvia de Fratura, uma coisa que afetou o destino do mundo durante séculos e continua afetando até hoje. Ou continuava, já que o nosso presente agora vai mudar. Vocês entenderam, né?

— Sim, entendemos — Sera revirou os olhos. — O que é?

— Foi de lá que saíram os navios que acabaram descobrindo as Américas. Nina, Pinta e

Santa Maria. A viagem dos irmãos Amâncio!

— Ótimo. Vamos até lá, e então a gente vê as instruções no SQuare — disse Sera.

— Deve ser isso mesmo — confirmou Riq. — Mas vamos chegar um dia antes, para termos tempo de observar tudo direitinho.

Dak estava tão empolgado que sentiu vontade de dar um pulo e bater os calcanhares um no outro, mas achou melhor agir como um homem maduro que precisa salvar o mundo, então simplesmente concordou com a cabeça e acrescentou:

— Vamos nessa.

Sera guardou o SQuare na bolsa e pegou o Anel do Infinito. Enquanto ela se ocupava com a programação, Dak dirigiu seu olhar para a Grande Pirâmide atrás dele, que parecia subir até tocar o céu. Ele parou para pensar sobre os milhares de pessoas que participaram da construção, realizando um feito sobre-humano ao carregar pedras que seriam difíceis de mover até mesmo usando as tecnologias mais modernas.

— Então — ele começou, ao sentir aquela tão conhecida e reconfortante vontade incontrolável de compartilhar seus conhecimentos tomar conta de seu corpo. — Os egípcios tinham uma coisa engraçada. Quando os membros da realeza morriam, era fundamental fazer com que seus corpos durassem pra sempre, transformá-los em múmias pra que eles pudessem ganhar o status de deuses nesses túmulos gigantescos.

Uma das coisas que eles faziam era tirar o cérebro das pessoas pelo nariz. Isso é que é meleca! Pra fazer isso eles precisavam...

— Dak! — gritou Sera. Ela sorriu quando notou que tinha conseguido fazê-lo se calar. — Isso tudo é... muito interessante, mas...

— Está na hora?

— Está na hora.

Eles se reuniram em torno dela e agarraram o Anel. Ela apertou o botão, e a Grande Pirâmide desapareceu em uma explosão de luz.

## Roupas e um poema

SERA ESTAVA DEITADA DE COSTAS. Ela abriu os olhos e viu um céu azul perfeito, manchado apenas por poucas nuvens. Uma leve brisa soprava contra seu corpo, e ela ouvia o som das ondas quebrando na praia. Ao se sentar, viu a beleza do mar azul-escuro salpicado de espuma branca e um grande número de embarcações antigas enfeitando o horizonte.

— Uau — ela falou, sentindo o metal frio do Anel do Infinito no colo. — Isso é demais. As ondas aqui são muito maiores que as daquela praia que a gente ia com os seus pais.

— É porque lá era uma baía — Dak respondeu à sua esquerda. Ele parecia chateado, e ela desconfiou que mencionar os pais dele tinha sido uma má idéia.

— É, eu sei. Desculpa.

Ela guardou o Anel de volta na bolsa. Riq estava sentado à sua direita, com as pernas cruzadas.

— Está tudo certo aí? Com o Anel? Com o SQuare?

Ela apanhou o SQuare para olhar mais de perto.

— Parece estar tudo certo.

Ele balançou a cabeça, satisfeito, e se virou para olhar para trás. Sera fez o mesmo. Algumas construções de madeira se destacavam a algumas dezenas de metros de distância, e atrás delas havia um vilarejo inteiro. As pessoas circulavam por lá, mas ainda não pareciam ter se dado conta da chegada dos visitantes do futuro.

Sera levantou e sacudiu a areia das calças. Ao olhar para os outros dois, imaginou o impacto que causariam ali vestidos daquele jeito.

— A primeira coisa que precisamos fazer é arrumar roupas novas.

Dak estava apontando para uma casinha na praia.

— Olha ali, tem um monte de roupa pra secar. Maravilha!

— Isso se chama roubar — repreendeu Sera.

— Você está de brincadeira? Isso não é nada em comparação com a nossa missão de salvar o mundo do caos e da destruição total. Os descendentes deles irão nos agradecer. Vamos lá.

— Esperem um pouco — protestou Riq. — Eu é que não vou sair por aí roubando coisas só porque vocês estão na maior empolgação pra se vestir como personagens de filme de época. Nossa missão é uma coisa muito séria, precisamos pensar muito bem antes de agir.

Sera não estava a fim de perder tempo discutindo. Ela sabia que Dak estava certo, mas achava que afirmar isso só faria crescer a oposição de Riq à idéia.

— Talvez você esteja certo — ela falou. — Talvez seja melhor nem se preocupar com a

questão das roupas. A gente pode ficar um tempo aqui, conversar a respeito do que fazer durante um dia ou dois.

Riq a encarou, desconfiado.

— Bom... pensando por esse lado... acho que é melhor pegar as roupas mesmo. Mas vamos tomar cuidado pra não fazer nenhuma idiotice!

Ele partiu em direção à casa, esgueirando-se e se arrastando pela areia, e Dak foi logo atrás. Sera soltou um suspiro antes de segui-los.

Meia hora depois, Sera, Dak e Riq estavam agachados atrás de um barril velho num beco bem distante do centro do vilarejo. Eles tinham conseguido passar despercebidos pela casa na praia. Algumas de suas peças de roupa recém-adquiridas — roubadas, e pelos três! — eram pequenas demais; outras, grandes demais. Mas no fim ficou tudo mais ou menos ajeitado. Dak e Riq estavam vestindo camisas de linho e casacos de abotoar, que Dak dizia se chamarem gibões, e calças justas que pareciam ridículas aos olhos de Sera. Mas nada que se comparasse ao vestido de sarja rústica que ela se viu obrigada a usar — grosso, pesado e nem um pouco prático.

Para completar, Dak estava usando um chapéu — pequeno e com a aba pontuda na frente — e ficava o tempo inteiro o ajeitando na cabeça, abrindo um sorriso toda vez que fazia isso. Sera sabia que para ele aquilo tudo era uma fantasia que, até dois dias antes, parecia impossível de realizar. Literalmente viver a história. Ela bem que gostaria de estar tão empolgada quanto ele, mas só o que passava por sua cabeça era preocupação e estresse.

— Está na hora de consultar a próxima dica do SQuare, vocês não acham? — falou Dak, depois de passar pouco mais de um minuto observando as pessoas que circulavam pela rua diante deles. — Se não encontrarmos um Guardião da História para nos ajudar, vamos morrer na praia.

— Literalmente — resmungou Riq.

— Como é? — protestou Dak.

— Esquece.

Sera sentou no chão e pegou o SQuare. Quando ligou, o estranho diagrama — ou dispositivo mnemônico — havia sido substituído por um menu interativo:

Acesso permitido  
A Primeira Fratura — Menu  
Diário de atividades  
Guia do Guardião da História  
Identificar Fratura  
Localizar um Guardião da História  
Avançar para a próxima Fratura

— Parece bem simples — comentou Sera. — Dak, você é um nerd que sabe tudo de história, então vai ser o responsável pelo diário. Imagine só, se nós conseguirmos fazer tudo

isso, você vai ser um dos maiores Guardiões da História de todos os tempos.

Em vez de dar uma resposta presunçosa, dessa vez ele se limitou a um sorriso orgulhoso.

— Acho que eu dou conta, sim. Mas fico meio triste de pensar que vamos alterar uma coisa de que eu gosto tanto.

— Não estamos alterando, estamos melhorando. Certo?

Dak concordou com a cabeça, apesar de não parecer muito convencido.

Sera tocou a tela e franziu a testa.

— Espera aí. Tem alguma coisa errada.

— O que foi? — perguntou Riq. Dak estava perdido em devaneios sobre seu potencial papel na história.

— Eu cliquei na opção "Identificar Fratura", e olha só o que aconteceu.

Dados corrompidos  
para o menu?

— Isso não é nada bom — constatou Riq.

— Quando a SQ atacou — disse Sera — virou tudo uma loucura, a Mari teve que arrancar essa coisa às pressas enquanto ainda estava conectada ao computador. E se ela estivesse carregando esses dados? E se não deu pra carregar tudo?

— Aí a gente está encrencado — concluiu Riq.

Sera voltou ao menu e selecionou "Localizar um Guardião da História", sob os olhos atentos e ansiosos de Dak e Riq acima de seus ombros. Uma breve mensagem apareceu, e Sera soltou um suspiro de alívio.

Se você usou o dispositivo mnemônico para chegar até aqui, tanto em termos de tempo como de espaço, o seguinte enigma irá levá-lo à pessoa que deseja. Se você cometeu um erro e foi parar no lugar errado, azar o seu. Boa sorte.

Assim que Sera terminou de ler, o texto desapareceu e foi substituído por um poema:

Uma abelha voa pelo ar, com ferrão de aço  
Ela pica seu nariz ao afastá-la com o braço  
E você corre até nem saber mais onde parou  
E nem percebe que sob seus pés a estrada acabou  
É ela, você diz quando a avista parada no mangue  
E a emoção da descoberta lhe faz ferver o sangue

— Humm — resmungou Sera. Os outros dois soltaram ruídos similares diante dos seis versos do poema. De tão concentrado, Dak começou a coçar o queixo, comprimir os lábios e arregalar os olhos, ganhando a aparência de um cientista maluco.

— Alguma idéia? — sondou Riq.

— Eu tenho algumas — responder Dak, sem perder a expressão cômica estampada no rosto. — Estudar a época do Renascimento foi o meu passatempo por uns tempos, quando eu tinha seis anos. Tenho certeza de que isso vai ser útil agora.

Sera teve que reprimir um resmungo. Afinal, quem era ela para dizer alguma coisa? Ela se apaixonara pela física quântica aos quatro anos. Em vez de censurar, ela preferiu levantar outra questão:

— E esses dispositivos de tradução que você instalou na gente, como funcionam?

Riq encolheu levemente os ombros.

— Então, teria sido melhor se vocês tivessem feito o treinamento, mas não é nada muito complicado. Eles são ligados uns aos outros por rádio, e a parte que fica nos ouvidos identifica quase instantaneamente o idioma que está sendo falado. Ele traduz a fala pra que você consiga entender, e aciona o dispositivo da boca pra alterar as palavras à medida que você fala. Ou seja, cada vez que você quiser mudar de idioma, vai ter que esperar outra pessoa falar antes de você. A parte da fala é um pouco mais difícil. É necessário um pouco de prática pra aprender a falar mais devagar e fazer algumas pausas, esse tipo de coisa. Mas a tradução do que os outros estão falando, isso funciona com perfeição. É melhor vocês me deixarem falar a maior parte do tempo enquanto se acostumam com...

— Olá, vocês! — alguém rugiu atrás deles, interrompendo Riq.

Quando se virou, Sera deu de cara com um homem enorme de barba bem escura. Ele carregava uma barra de ferro comprida em uma das mãos, com a qual batia de leve na palma da outra. Sera sentiu seu estômago afundar.

O gigante deu alguns passos à frente e se inclinou para olhá-los bem de perto.

—Jamais pensei que veria isso — ele comentou num tom de voz ao mesmo tempo admirado e assustador. —Visitantes do futuro.

## Uma conversa unilateral

DAK FICOU DE PÉ EM UM PULO, e Sera fez o mesmo. Riq se posicionou logo atrás deles quando o homem se aproximou. Ele agora conseguiria alcançá-los caso resolvesse usar a enorme barra de ferro que tinha nas mãos. E com certeza causaria um belo estrago.

— Quem é você? — perguntou Riq.

— Quem sou eu? — o homem rebateu asperamente. Seus lábios estavam fora de sincronia com as palavras que Dak ouvia, o que significava que o dispositivo de tradução estava funcionando. Mesmo correndo o risco de ser morto por um troglodita, para Dak aquilo era o máximo. — Os três pirralhos aparecem na minha cidade, usando roupas desajustadas, parecendo mais perdidos que uma bigorna numa loja de tecidos, e ainda perguntam quem sou eu?

Houve um longo momento de silêncio antes que Sera arriscasse timidamente:

— Hã...Sim?

O homem deixou uma das extremidades de sua barra de ferro cair no chão e se apoiou sobre ela como se fosse uma bengala. Depois deu uma gargalhada, um rugido tão grave que Dak olhou para cima em busca de nuvens carregadas de chuva.

— Podemos explicar tudo — disse Sera. — Não é o que você está pensando.

— Não é o que eu estou pensando! — rugiu o homem. — Eu acabei de dizer que vocês vieram do futuro e ninguém contestou! Isso lá é alguma coisa que as pessoas estão acostumadas a dizer por aí?

Dak estendeu um dos braços e deu um puxão no cabelo de Sera. Conversar com aquele cara era loucura — eles precisavam fugir logo dali. Ela olhou feio para ele e depois voltou a encarar o estranho que os abordava.

— Vou dizer quem eu sou — afirmou o homem. — Fui instruído pelo meu pai, que foi instruído pela mãe dele, que foi instruída pelo pai dela, que foi instruído pela mãe dele. Daí para trás ainda existem mais três mães e uma porção de pais. São várias e várias gerações, é o que eu quero dizer.

— Instruído para quê? — questionou Dak.

— Pra saber identificar pessoas como vocês. Sou um Guardiã do Tempo da SQ, recrutado pela Guarda quando tinha apenas catorze anos. Mas, se eu soubesse que as pessoas que estamos procurando há tantos séculos são apenas garotinhos, teria deixado essa honra pra minha irmã mais nova. Que só tem um braço. E não tem as duas pernas.

Esse comentário mexeu com o orgulho de Dak.

— Bom, se isso serve de consolo, a gente estava torcendo pra que você fosse um pouco mais baixinho — ele resmungou.

— Por que vocês estão aqui? — perguntou o Guardiã. — O que é que vocês sabem?

Sera abriu a boca para falar, mas depois se calou. Ela parecia realmente disposta a argumentar com o gigante.

— Então — ela enfim começou — a gente sabe muito bem pra quem você trabalha. Eles não se importam com mais nada além deles mesmos. Nós somos mesmo do futuro, pode acreditar, e eles fizeram um estrago que você nem imagina.

— Quem se importa com o futuro? — grunhiu o homem. — Eles estão me pagando muito bem hoje.

— Nós também podemos pagar você! — exclamou Dak. — Você aceita a moeda de um país que ainda não existe?

— O que eu quero de vocês é saber por que vieram até aqui. O que estão tramando?

"Como se a gente tivesse alguma idéia do que fazer", pensou Dak. Mas isso o fez lembrar: havia o enigma a ser resolvido. Ele tinha certeza de que era capaz de decifrá-lo, o que poderia resultar em um aliado naquele vilarejo. Só precisava ganhar tempo. E um pouco de distância também seria bom.

— Vamos, comecem a falar! — gritou o homem. — Comecem a falar ou o meu brinquedinho aqui vai começar a fazer estragos!

— Tudo bem, tudo bem — concordou Dak. Ele sentiu algo estranho em sua boca enquanto falava, e algo parecido com um eco duplicado nos ouvidos. Ele precisava praticar um pouco mais o uso do dispositivo de tradução caso conseguisse sobreviver mais de cinco minutos. — Vamos contar tudo o que você precisa saber.

— Você tem um jeito muito estranho de falar, garoto.

— Dak, o que você está fazendo? — Sera sussurrou para ele, furiosa.

Ele se limitou a dar uma piscadinha como resposta. Depois deu um passo à frente para se posicionar bem diante do olhar furioso do homem que os interrogava. Em seguida levantou as mãos.

— Estou usando um dispositivo de tradução, então se estiver falando de um jeito estranho a culpa é dele — Dak esclareceu, apontando para Riq com o dedão. — Você tem razão, nós viemos do futuro, usando uma máquina do tempo terrivelmente complexa. Ela está enterrada na praia. Podemos levar você até lá se prometer não nos machucar.

— E a gente tem armas de raio laser — Riq falou sem pensar. — Se encostar na gente, você vai levar. Vai virar pó!

Dak se virou e olhou feio para o outro.

— É... tem isso também. É muito perigoso — ele concordou antes de se virar de novo para o Guardiã do Tempo. — Então, a máquina do tempo está lá atrás.

O homem franziu o rosto, parecendo mais surpreso do que nunca.

— Máquina do tempo? Armas de raio laser? Que conversa absurda é essa?

— Nós viemos do futuro — reafirmou Dak. — O que você acha que nós fizemos, estalamos os dedos e puf? O tempo é como um rio. Nós viemos de barco. É assim que



funciona.

Quando o homem finalmente se descuidou e se virou para a direção apontada por ele, Dak aproveitou a brecha. Projetando-se na direção do gigante, deslocou-o com uma ombrada na lateral do corpo, fazendo o Guardião do Tempo se desequilibrar e sua barra de ferro ir ao chão. Depois ainda o empurrou mais uma vez, fazendo-o estatelar-se no chão.

Enquanto o Guardião urrava de raiva e fazia força para se levantar, Dak agarrou Sera e Riq pela mão e os arrastou na direção oposta. Sem olhar para trás, os três correram o mais rápido que podiam até a esquina mais próxima, adentrando as ruas movimentadas de Palos de la Frontera.

## Uma pilha de caixas

SERA OUVIA OS GRITOS do Guardião do Tempo atrás deles, ressoando como um trovão enquanto corriam, e todos paravam para ver a confusão. Havia homens e mulheres, muitos deles carregando cestas ou sacos. Carroças e animais, crianças correndo, vendedores gritando o pregão de seus produtos. Sera e os garotos iam se esgueirando e ziguezagueando em meio à multidão. Ela mantinha sempre um olho em Dak, ansiosa para saber se seu cérebro privilegiado tinha bolado algum outro plano além de correr.

Eles tinham passado por um açougue — havia pedaços de carne pendurados nas janelas — e estavam se aproximando de uma taberna, de onde havia acabado de sair um grande número de pessoas, bloqueando a rua. Os três tentavam abrir caminho aos empurrões quando Riq foi subitamente erguido do chão e puxado para trás. Ele deu um grito de susto, e Sera se virou para ver o que havia acontecido. O enorme homem barbudo os tinha alcançado e agarrado Riq pelo pescoço. Ele jogou o garoto no chão e levantou o punho fechado para esmurrá-lo.

Foi quando Sera reagiu. Ela berrou e pulou sobre o homem, enlaçando seu pescoço com um dos braços. Ele a jogou longe, no meio da multidão. A massa de gente amparou sua queda e a pôs de novo em pé. Ela teve tempo de ver Riq, ainda deitado, desferir um chute de baixo para cima, acertando um golpe certo no queixo do gigante, fazendo com que um grunhido escapasse de seus lábios.

Um segundo depois foi a vez de Dak entrar em ação, atacando mais uma vez a lateral do corpo do Guardião com uma ombrada. O homem foi ao chão, e Dak ajudou Riq a levantar.

— Saiam da frente! — gritou Sera, tentando se desvencilhar da multidão. Os três conseguiram abrir caminho, deixando para trás um inimigo que já começava a retomar a perseguição. Ao sair do meio da aglomeração, conseguiram ganhar velocidade novamente em sua fuga. Os gritos furiosos do Guardião do Tempo ainda eram audíveis quando Dak decidiu mais uma vez assumir as rédeas da situação.

Depois de um minuto de correria desenfreada, ele contornou uma carroça puxada por um cavalo e entrou com tudo à direita, entre os muros altos que separavam um curtume de uma tonelaria. Riq e Sera foram atrás. Sera temia acabar acuada em um beco sem saída, mas não havia tempo — e nem fôlego — para discutir. Ao final da viela longa e estreita, chegaram a uma rua secundária, que margeava um córrego imundo. Dak encontrou uma pilha de caixas de madeira abandonadas e se escondeu atrás. Sera se encolheu ao seu lado, e Riq fez o mesmo.

Ninguém disse uma palavra, e os três lutavam desesperadamente para controlar o ruído de

sua respiração pesada. O Guardião do Tempo não devia estar muito atrás deles. Caso tivesse conseguido rastrear o caminho que haviam tomado, eles saberiam em um minuto.

Mas passaram-se dois. Depois três. Depois quatro ou cinco. À medida que o tempo passava, Sera ia se acalmando. "Acho que estamos salvos. Ele não está mais atrás da gente", ela pensou.

— Conseguimos — ela murmurou.

Dak abriu um sorriso tenso.

— É, mas ele continua procurando a gente. Que saco não poder nem passear por aí e apreciar a vista.

Ela piscou os olhos, incrédula.

— Está falando sério? É com isso que você está preocupado?

Riq entrou na conversa:

— A nossa principal preocupação agora é resolver aquele enigma idiota e encontrar o Guardião da História. Se a gente não conseguir fazer isso, de que adianta todo o resto?

— E então, alguma idéia? — perguntou Dak.

— Acho que a gente devia procurar o apiário local — sugeriu Riq. — Me parece uma opção bem óbvia.

— O apiário? — ironizou Dak, perdendo a paciência. — Tudo bem, tudo bem. As vezes eu me irrito por ter que explicar o óbvio pras pessoas, mas pelo menos você teve o bom senso de lembrar que a criação de abelhas era uma atividade importante naquela época, ou melhor, nesta época. Antes de existir a tecnologia de obter açúcar a partir da cana, as pessoas precisavam do mel, além da cera de abelha, usada para fazer velas.

— Certo — retrucou Riq, demonstrando irritação na voz. — Foi o que eu imaginei. Então por que você está me tratando como se eu fosse um idiota?

Dak parecia perplexo.

— Como assim? Se liga! Não existiam apiários nas cidades! Isso tudo era feito nas abadias e nos mosteiros, e não em lugares como este. Puxa vida!

— Ah, claro. E eu sou a pessoa mais burra deste mundo por não saber uma coisa dessas, não é? — rebateu Riq.

— Você quer mesmo que eu responda? — provocou Dak.

— Falem sério, vocês dois — interrompeu Sera. — Pelo amor...

Foi quando ela teve um estalo, como se algo tivesse se encaixado dentro de sua cabeça. As palavras do poema se acenderam em seus pensamentos.

— Não se preocupem — ela falou, tentando esconder a empolgação. — Eu já entendi tudo. Já sei a resposta.

— Quê? — surpreendeu-se Dak. — É mesmo? Como? Onde? Quem é?

147

Sera abriu um sorriso.

— O nosso Guardião da História é um açougueiro.

O poemão não tinha nenhum significado — a repetição das últimas letras das palavras nas

rimas era uma dica para formar uma palavra. "Aço" no primeiro par de versos. "Ou" no segundo. "Gue" no terceiro, AÇOUGUE.

Demorou um pouco para os outros dois acatarem sua idéia, mas no fim ela conseguiu refutar os argumentos contrários. Caso ela estivesse errada, eles simplesmente tentariam outra solução. O único problema seria chegar ao açougue sem serem descobertos pelo Guardião do Tempo.

— Eu escolho o caminho desta vez — ela propôs. Sera notou que estava agarrada à bolsa com toda a força, como se alguém fosse arrancá-la dela a qualquer momento.— Fiquem de olho enquanto eu decido o melhor trajeto.

— Tudo bem — Dak murmurou em resposta. — Mas, se matarem a gente, eu mato você.

— Combinado.

Ela esticou a cabeça para fora do local onde estavam escondidos e olhou ao redor. No final da viela, algumas crianças jogavam lixo no córrego, mas não havia mais ninguém à vista. Ela lembrou que o açougue ficava bem ao lado da taberna e da estalagem por onde eles tinham passado e, caso seu senso de direção estivesse correto, dava para andar boa parte do caminho sem voltar para a rua principal. Ela saiu do esconderijo e começou a correr, ainda meio agachada, ouvindo os passos de seus companheiros atrás de si.

Chegaram à esquina de uma viela que levava à rua principal. Parada com o ombro apoiado em uma parede de madeira rústica, ela se inclinou lentamente para a frente e deu uma espiada. Além das pessoas circulando lá do outro lado, ela não viu nada além de umas poucas galinhas ciscando farelos do chão.

— Barra limpa — ela sussurrou antes de voltar a correr.

Eles repetiram o mesmo procedimento três vezes antes de chegar ao fim da rua secundária. A partir dali, não tinham opção a não ser pegar a viela à direita e voltar para a rua principal do vilarejo. O coração de Sera acelerou só de pensar nisso. O Guardião do Tempo devia estar circulando por lá, batendo com sua barra de ferro na palma da mão.

Quando ela deu o primeiro passo para entrar na viela, sentiu uma mão agarrando seu braço.

— E se ele vir a gente? — perguntou Dak. — Não vai dar pra fugir pro açougue, porque senão a gente vai entregar a identidade do Guardião da História.

— Se for assim, a gente vai ter que se separar — sugeriu Riq. — Ele não vai conseguir vir atrás de nós três ao mesmo tempo.

Sera sacudiu a cabeça.

— É melhor arruinar o disfarce do Guardião da História do que nos separarmos. Não podemos nos separar nem por um instante, nem deixar alguém pra trás. Agora vamos lá.

Ela correu com passos leves pela viela e reduziu a velocidade ao chegar perto do final, olhando rapidamente por cima dos ombros para ver se Dak e Riq tinham vindo também. Os ruídos da rua principal logo se fizeram ouvir — risadas, cascos de cavalos batendo no cascalho e vendedores atraindo clientes com seus pregões. Ela estava quase na esquina quando o corpanzil do Guardião do Tempo apareceu de repente e ocupou todo o seu campo de visão — seu peitoral na linha dos olhos dela, e o rosto ameaçador logo acima.

— Ora! — ele exclamou. — Eu sabia que os ratos logo sairiam da toca...

Ouviu-se o ruído de uma pancada seca, a cabeça dele se inclinou para a frente, seus olhos se reviraram para cima, e ele foi com tudo para o chão. Uma mulher de cabelos castanhos bem compridos estava parada logo atrás dele, segurando um porrete de madeira enorme com as duas mãos. Ela usava um avental branco todo manchado de sangue. Seu peito arfava com a respiração acelerada.

— Eu imaginei que tinha alguma coisa estranha acontecendo quando vi que aquele mercenário estava perseguindo alguém — ela comentou.

— É você que estamos procurando? — perguntou Dak, sem esconder sua surpresa.

A mulher segurou o porrete diante dos olhos e começou a examiná-lo.

— Nunca saia de casa sem um destes. E muito bom para abater pessoas, além do gado — ela explicou antes de voltar seu olhar para Sera e os garotos. — Sim, eu sou a açougueira. Mas o que interessa pra vocês é que eu sou a Guardiã da História local. Meu nome é Gloria.

## Um par de tesouras afiadas

DAK SENTIU VONTADE de fazer um milhão de perguntas enquanto seguiam a mulher — que manejava seu porrete com a habilidade de um cavaleiro com sua espada — até seu estabelecimento. Ela, por sua vez, pediu silêncio, ordenou que ele esperasse. As pessoas olhavam para eles de uma forma um tanto desconfiada quando passavam, mas ninguém parecia preocupado a ponto de vigiá-los. Chegaram ao açougue que haviam visto antes, ao lado da estalagem, passaram direto pela parte da frente — cheia de carcaças penduradas, bancadas de madeira e muitas, muitas facas — e se instalaram num quartinho nos fundos, onde havia algumas cadeiras.

Gloria fez sinal para que se sentassem, e juntou-se a eles depois de pendurar o avental sujo de sangue em um gancho. Para Dak, era impossível não reparar que tudo parecia mais intenso no passado — na praia, tudo parecia mais vivido e leal, mas naquele pequeno cômodo a sujeira parecia mais suja, e os maus odores, ainda piores.

— Então — ela começou. — Não tenho por que ficar enrolando. Eu me preparei para a chegada deste dia, mas sou obrigada a admitir que não esperava que ele chegasse. Vou fazer uma pergunta muito simples, e quero uma resposta direta. Certo?

Dak concordou com a cabeça, assim como os demais.

Gloria inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Vocês são do futuro?

— Sim — Dak se apressou em dizer. — Nós somos do futuro.

Ele teve que se controlar para não rir de alegria ao dizer aquilo.

— Ótimo — respondeu ela. — Sinceramente, vocês realmente parecem ser, e aquele sujeito pertence a uma longa linhagem de capangas da SQ. Não vou incomodá-los com bobagens do tipo "Eu não acredito" ou "Vocês não podem estar falando sério". Eu dediquei a minha vida a essa causa e, agora que ela está diante de mim, não vou querer negá-la.

Ela abriu um enorme sorriso.

— É o máximo, né? — comentou Dak, enfim libertando seu sorriso. Ele conseguia ver o entusiasmo quase infantil estampado nos olhos da mulher, então sabia que ela seria capaz de entender sua empolgação.

— E então, como estão as coisas no futuro de onde vocês vieram? — perguntou Gloria.

Sem fazer a menor objeção, Sera e Riq deixaram Dak responder.

— Tem várias coisas incríveis. Como aviões, tipo uns navios que voam, e maneiras de falar com uma pessoa que está do outro lado do mundo como se ela estivesse sentada ao seu lado.

E existem prédios enormes, com centenas de palmos de altura. Algumas pessoas chegaram até a caminhar na Lua.

Gloria caiu na risada, obviamente pensando que a última parte era uma piada. Dak decidiu não insistir. Ele se lembrou de um dos conselhos de seus pais: quando se está no passado, é melhor não interferir nem com os insetos.

— Mas as coisas estão ficando feias — ele continuou. — Muitos terremotos, furacões e outras coisas assustadoras. Além disso, a SQ está mais forte do que nunca, praticamente controlando o mundo, e acabando com ele. Aristóteles estava certo. Precisamos corrigir as Fraturas.

O olhar encantado de Gloria cedeu a uma expressão de seriedade.

— E é por isso que vocês estão aqui. E, como eu tenho um bom motivo para estar nesta cidade, tenho um bom palpite sobre a razão de terem vindo para cá.

Dak ficou curioso.

— E esse palpite seria?

— Você não acha que é muito novinho para ficar interrogando os mais velhos? — ela disse, antes de abrir um sorriso.

Me desculpe, esta é uma ocasião tão... monumental que eu não estou conseguindo me controlar.

Dak encolheu os ombros.

— Tudo bem. Eu nunca conversei com uma pessoa de 1492 antes, então pra mim é tudo uma maravilha.

— Uma grande expedição está programada para sair esta semana — ela contou. — Patrocinada pela própria rainha, e liderada por Cristóvão Colombo. Tem alguma coisa a ver com isso?

— Sim! — gritou Dak, pondo-se de pé. Mas ele logo se recompôs e voltou a sentar. — Me desculpe. Esse tipo de coisa me deixa empolgado demais. Mas, sim, esse é o meu palpite também. Vão ser três navios: a nau Santa Maria, e as caravelas Pinta e Nina. Essa viagem se tornará um evento muito importante. Se a história saiu do seu curso, nós achamos que muito tem a ver com essa expedição.

— Espere aí — interrompeu Riq. — Quem é Cristóvão Colombo? Não deveríamos estar falando sobre a viagem dos irmãos Amâncio?

— Sim, claro. Os irmãos Amâncio, Salvador e Raul, assumiram o comando depois de atirarem Colombo ao mar. Esse motim não pode ser a Fratura, certo? Não é possível. Eu sempre pensei que Colombo fosse o vilão da história.

— Talvez o motim seja uma coisa que precisa acontecer, e a nossa tarefa seja exatamente garantir isso — sugeriu Sera. — Se a SQ conseguir impedir que os irmãos Amâncio descubram a América, pode ser que isso traga conseqüências desastrosas para a corrente do tempo. Gloria, você já ouviu falai deles?

— Eu conheço Salvador e Raul. Eles são relativamente conhecidos na corte de Fernando e Isabel. Respeitados. Mas o que é essa América? — perguntou Gloria. Ela estava acompanhando a conversa com os olhos arregalados, um pouco mais a cada palavra dita, e Dak

sabia estar lidando com alguém como ele, apaixonado pela história. Exceto que, para ela, aquilo ainda não era a história — era o futuro.

— Até agora não consigo acreditar que estou numa época em que as pessoas ainda não sabem disso. Esses navios vão encontrar muito mais coisas além de novas rotas comerciais. Eles vão se deparar com um continente enorme, que vai receber o nome de América. É um Novo Mundo que se abre, Gloria. Nós viemos de lá.

Gloria parou para pensar por um instante.

— Vocês acham que precisam fazer com que o motim aconteça conforme o esperado. É tão simples assim?

— Bom — começou Dak. Seu entusiasmo pareceu diminuir. A missão deles não tinha nada que fosse simples. — Eu ainda não entendi direito como funciona esse negócio de Fratura. Mas a gente precisa estar naquele barco. Não foi à toa que mandaram a gente pra cá. Essa viagem é a peça-chave.

Gloria então se virou para Sera e disse uma coisa estranhíssima:

— Se é assim, nós precisamos dar um jeito no seu cabelo.

No fim, havia mesmo um bom motivo para Gloria ser a Guardiã da História enviada para a cidade portuária de Païos de la Frontera quando surgiram suspeitas sobre a presença da SQ por ali. Ela tinha muita familiaridade com a indústria naval, e bons contatos com quase todas as companhias marítimas. Gloria sabia como colocar Dak, Sera e Riq no navio sem despertar suspeitas. E isso significava ter que driblar a proibição de mulheres a bordo, algo que Sera não estava digerindo muito bem.

— Como é que eles podem ser tão misóginos? — ela perguntou quando Gloria apareceu com um terrível par de tesouras de prata. — E você já cortou o cabelo de alguém antes?

— Misóginos? — repetiu Gloria. — Não sei o que isso significa. E só tenho experiência em cortar o pelo dos animais, antes de dilacerá-los. Prometo que pouparei você dessa última parte.

— Legal, valeu mesmo.

Gloria pôs as mãos à obra.

Dak assistiu à cena com uma vontade enorme de cair na risada. Riq permanecia sentado perto de uma janela, perdido em pensamentos que não se dignava a dividir com ninguém, sempre alerta a algum sinal do Guardiã do Tempo e sua silhueta vultosa. Gloria havia mexido seus pauzinhos para que ele fosse jogado na cadeia, onde com certeza sua história sobre garotos que viajavam no tempo não atrairia nenhuma simpatia. Mas não demoraria muito para que os chefes dele descobrissem o que estava acontecendo e o soltassem. Eles precisavam se apressar.

Dak ainda estava em dúvida quanto à questão da Fratura.

— Estamos aqui para mudar a história, certo? E se a gente conseguisse conversar com os Amâncio antes da viagem?

— Não acho que seja possível — respondeu Gloria enquanto cortava um enorme chumaço do cabelo de Sera. — Para começar, como você chegaria até eles? E mesmo se conseguisse,



quem garante que eles confiariam num garoto completamente desconhecido e esquisito? Um motim é uma coisa séria, um crime grave. Você não pode correr o risco de assustá-los e fazê-los mudar de idéia sem ter certeza absoluta do que deve acontecer. Você pode acabar fazendo o trabalho sujo da SQ sem saber.

Dak exalava indecisão.

— Ai! — Sera gritou de repente.

— Ops — soltou Gloria. — Me desculpe, às vezes eu esqueço que essas lâminas são tão grandes.

— E então, como você vai pôr a gente no navio? — perguntou Dak.

A Guardiã da História o encarou por um momento antes de retomar o corte de cabelo.

— Eu conheço o homem encarregado de contratar ladrões e pivetes para fazer o trabalho sujo. Na última hora, sempre acabam precisando de mais gente. Ele vai gostar muito de receber três meninos fortes e habilidosos, podem ler certeza.

— Eu não sou exatamente um menino — contestou Riq.

— Mais menino do que eu você é — rebateu Sera.

— Forte e habilidoso, eu? — questionou Dak.

Pela primeira vez desde que a haviam conhecido, Gloria pareceu preocupada.

## Por baixo da bandana

O SOL ESTAVA ESCALDANTE quando Gloria saiu com Sera e os garotos pela porta dos fundos e selou os dois cavalos que ela mantinha em um pequeno estábulo. Ela preparou sacolas de couro com pão e uvas, além de algumas roupas que disse terem sido de seu sobrinho. Também pegou um punhado de terra em seu pequeno jardim e esfregou no rosto e nas roupas dos três. Dak sorria o tempo todo, feliz por estar vivendo um momento histórico. Riq resmungava e reclamava por estar se transformando num "nativo". Gloria censurou seus protestos. Ela afirmou que eles precisavam ficar um pouco menos parecidos com membros da nobreza, e depressa. Em geral o pessoal contratado passava a última noite antes da partida no próprio navio, então eles não tinham tempo a perder.

Sera estava à beira de um ataque de nervos, e o que Gloria havia feito com ela só piorava a situação — a sujeira era até aceitável, mas ela se sentia completamente nua sem os cabelos locando sua nuca.

— Ei, ninguém vai perceber que você não é um menino — comentou Riq depois de vê-la toda suja. Ele sorriu para minimizar o impacto do que tinha dito, e para tornar as coisas ainda mais confusas, ela não sabia dizer se gostava dele ou não.

— Já você... — ela rebateu, também abrindo um sorriso.

Dak enfim se juntou a Gloria em um dos cavalos — depois de três tentativas de subir na sela e de muitas reclamações a respeito do fato de a bicicleta ainda não ter sido inventada —, e Sera subiu com Riq no outro. Ele quis se sentar na frente, mas ela não deixou — já bastava a humilhação de ter que se vestir de menino. Sera não daria a ele a satisfação de conduzir o animal. Mas por que ela estava tão mal-humorada? Seria apenas por causa do corte de cabelo? Ela tentou se convencer de que não era porque Dak estava todo ansioso para atravessar o oceano com os famosos irmãos Amâncio como se isso fosse a coisa mais normal do mundo.

Quando viu que estavam todos a postos, Gloria virou seu cavalo para que os dois ficassem frente a frente.

— Eu conheço um atalho até o porto, onde vamos encontrar meu amigo Toro. Acho que não teremos problemas, mas se cruzarmos o caminho daquele Guardião do Tempo ou de algum amigo dele, é inútil tentar lutar. Estes cavalos são bem velozes, e vamos ter que confiar na força de suas pernas para chegarmos sãos e salvos. Se conseguirmos, diremos para Toro que vocês roubaram comida do Guardião e por isso ele está estar solto — ou de qualquer outro colega dele, contornando toda a rua principal para só voltar a ela no lugar onde desembocava

na praia. Quando entraram na rua lotada, não havia nenhum sinal de perigo. Ainda assim, Sera estava aflita. Se Gloria foi capaz de adivinhar por que eles estavam naquele lugar e naquela época, a SQ também seria.

— Aqui estamos — anunciou a Guardiã da História. Estavam parados diante de uma construção de madeira aparentemente comum, com alguns degraus na frente e um pequeno terraço. Gloria apeou-se do cavalo. — Entrem comigo, para não virarem alvos fáceis — ela sugeriu, e amarrou as rédeas em um toco depois que Dak desmontou. — Como eu disse antes, não vai ser muito difícil pôr vocês naquele navio.

Sera seguiu os passos de Gloria escada acima e através de uma porta caindo aos pedaços. Havia algumas mesas e cadeiras lá dentro, mas nem sinal de gente. O lugar cheirava a suor e cerveja.

— Só um instante — gritou um homem em uma salinha dos fundos com a porta entreaberta. — Estou cá cuidando de umas cousas, sabe como é?

Seu sotaque era estranho, quase uma mistura de todos os outros que Sera já havia ouvido antes. Ela se perguntou se o dispositivo de Riq estaria se confundindo na hora de traduzir as palavras.

Então um homem de aspecto rude apareceu, erguendo as calças imundas. A camisa também estava muito suja. Assim como o rosto, e as mãos. Absolutamente tudo. Ele não se barbeava fazia alguns dias. Mas tudo isso não era o que mais chamava a atenção em sua aparência.

O homem só tinha um olho. E era bem grande, como se quisesse compensar a ausência do par. Onde deveria estar o outro, via-se apenas uma enorme cicatriz. Ele tinha uma bandana amarrada na cabeça e, ao perceber que as atenções estavam todas voltadas para sua ferida, usou o lenço para cobri-la.

— Perdão — ele grunhiu. — Eu esqueço que não sou lá aquela belezura. Deixem pra lá essa amofinação toda. O que este servo pode fazer por vossas senhorias neste belo dia?

— Onde está Toro? — perguntou Gloria.

— Lá pros lados da praia, creio. A observar o carregamento. Pedi para que eu ficasse aqui um instante. Então cá estou eu, ao vosso dispor, para o que for preciso.

Se Gloria pensou em uma mudança de planos, voltou atrás rapidamente, pois não hesitou em apontar para Sera e seus amigos.

— Trouxe esses baderneiros para vocês. Eles precisam de dinheiro, e eu sei que alguns pares de mãos a mais no último minuto sempre podem ser úteis.

— Então é disso que se trata — ele disse baixinho ao medir os três candidatos de cima a baixo. — É disso que se trata. Nós também não temos cá muita exigência. Os três têm força pra trabalhar até moer o couro? Pouco sono, pouco descanso, pouca bóia, até passar mal? Levam esporros e coices de quando em quando?

Sera até sentiu vontade de argumentar, mas não queria que sua voz a denunciasse. Ela concordou com a cabeça, e viu que os outros fizeram o mesmo.

— Ora que pra mim já basta — disse o homem, abrindo um sorriso com vários dentes faltantes. — E Deus nos abençoe. Eu também vou participar dessa aventura, até os confins

desse mar faminto. Que todos estejam à altura dela.

Gloria estreitou os olhos.

—Você também vai participar da viagem? O que vai fazer no navio?

— Ora, eu sou o capataz. Cuido de toda a arraia miúda de serviço. Meu nome não importa — ele comentou antes de dar um passo à frente e levantar a bandana para revelar sua cicatriz medonha outra vez. — Podem me chamar de Olho Grande.

## Todos a bordo

DAK NÃO ERA CAPAZ DE IMAGINAR um companheiro melhor para sua primeira viagem pelo oceano do que Olho Grande. Estranho, bruto, com uma cicatriz horrorosa no rosto — provavelmente consequência de uma batalha com piratas. O que mais ele poderia querer? E o capataz também seria a pessoa ideal a quem recorrer em caso de perigo. Uma pessoa respeitada, que conhecia toda a tripulação e sabia como as coisas funcionavam. O fato de Riq ficar terrivelmente constrangido em sua presença era apenas um atrativo a mais.

— Não temos tempo para vacilações — disse o homem, abrindo de novo seu sorriso banguela. — Meus trastes já estão no bucho da fera, e pelo que parece vocês não têm mais nada além de um nome, um saco de pano e um par de olhos. Devem agradecer por isso. Ter apenas um olho é muito pior do que dá nas vistas. Nas vistas. Entenderam? Rá! Vamos!

Enquanto falava, ele foi se afastando em direção à porta, mancando um pouco da perna direita. Gloria reuniu os três para uma última conversa.

— Eu sei que tudo isso está acontecendo muito depressa — ela começou —, mas nós não tivemos escolha, certo? Sei que os Guardiões da História estão exigindo demais de vocês, mas sei que vai dar tudo certo. Mal conheço vocês, mas tenho certeza de que são capazes. Subam lá, aprendam as coisas, ob servem tudo. Descubram o que a SQ está tramando e façam o que for preciso para detê-los. Entendido?

Dak de repente se lembrou de uma das últimas coisas que ouviu de seu pai: aquilo não era brincadeira. Eles não estavam apenas prestes a embarcar em uma viagem por si só perigosíssima — estavam a ponto de ingressar em um terrível motim, e com a intenção de interferir em seu andamento. Nessa época, boa parte da tripulação não chegava ao destino das viagens transoceânicas — alguns provavelmente morreriam de alguma doença. Pensando bem, não parecia uma jornada muito promissora.

Além disso, ele ainda não estava convencido de que mudar o passado era uma boa idéia. Alterar aquilo que ele mais adorava no mundo. Será que a palavra dos Guardiões da História era mesmo cem por cento confiável?

Dak notou que estavam todos olhando para ele.

— Eu estou muito empolgado com essa viagem. Vamos nessa.

— Muito bem, então — disse Gloria, abrindo um sorriso maternal. Ela foi até cada um deles e os abraçou antes de se afastar novamente. — Queria ter podido ajudar mais. Queria poder ir com vocês, mas é impossível. Boa sorte, e lembrem-se: o destino do mundo está em suas mãos.

Dak riu.

— Sem querer botar muita pressão, certo?

— Ei! — grunhiu Olho Grande lá de fora. — Se eu ficar mais tempo aqui feito uma estátua, vou ter que ir cuidar das minhas cousas lá no fundo de novo. A bordo!

Dak sentiu um calafrio de pânico percorrer seu corpo, mas conseguiu se conter. Tinha chegado a hora. Era sua chance de literalmente viver a história. Na hora H, ele saberia o que fazer.

— Obrigado, Gloria — ele falou. — Um dia alguém vai escrever um livro sobre como você nos ajudou a salvar o mundo.

Depois de dizer isso, ele saiu porta afora, certo de que os outros fariam o mesmo e torcendo para que seu instinto estivesse certo.

Olho Grande os conduziu pelas ruas, desviando dos carrinhos de mão, dos homens, das mulheres e das crianças que pareciam vir de todas as partes. Não disse nenhuma palavra no caminho, limitou-se a seguir em frente com seu caminhar manco e grunhir vez ou outra, quando via algo que parecia incomodá-lo. Em nenhum momento, porém, dignou-se a dar alguma explicação. Dak mantinha-se em sua cola, apreciando cada momento.

Eles dobraram uma esquina ao passar por uma grande lios pedaria de madeira, e Dak quase caiu para trás quando os navios aportados na baía de repente apareceram diante dele. Os mastros enormes pareciam se estender até o céu. A parte dianteira das embarcações era estreita e pontuda, e a traseira, curta e quadrada. Eram exatamente como mostravam as inúmeras ilustrações que Dak havia visto. As pessoas cercavam os navios como formigas famintas em busca de migalhas, e os gritos e assobios preenchiam o ar. Em algum lugar, havia homens cantando.

— Cá está ela — anunciou Olho Grande, em um tom de voz orgulhoso, apontando para a nau de maior envergadura. — La Santa Maria de la Inmaculada Concepción. Destinada a grandes feitos, essa belezura. Se não fosse feita de toras de madeira e não estivesse toda engraxada de gordura e suor, eu casaria com ela e teria um monte de filhinhos.

— Pelo amor — murmurou Sera. — Que imagem repugnante.

Olho Grande aparentemente não ouviu o comentário. Continuou caminhando, erguendo cada vez mais a cabeça à medida que se aproximava. A prancha de embarque e desembarque estava posicionada, e dois capangas com facas no cinturão vigiavam a entrada. Eles não esboçaram reação alguma quando Dak e os outros chegaram, o que só podia significar que sabiam quem Olho Grande era.

— Tarde, seus montes de banha — cumprimentou o capataz. — Trouxe mais uns recrutas que Toro está querendo. Esses miúdos feiosos hão de servir.

— Ei — Sera gritou em protesto. Mas logo em seguida se calou, e Dak torceu para que sua voz fina não despertasse suspeitas.

— Quietos, seu verme! — rugiu Olho Grande, e depois se voltou para os guardas. — Este ainda não tem muita idade, mas vai dar conta do serviço. Eu garanto.

— Melhor partirem logo pro trabalho, suas lesmas — disse um dos guardas, um homem

alto com um bigode ridículo. — Há muito o que fazer antes de zarpar amanhã. Se fizerem corpo mole, vão ficar por aqui mesmo.

— Nós vamos deixar os senhores orgulhosos — respondeu Dak, empolgadíssimo, antes de se dar conta do que estava fazendo. Riq rosnou alguma coisa ao seu lado, e Sera olhou feio para ele. Dak nem percebeu.

— Pois subam, ora — ordenou o outro guarda, e lançou uma grande e viscosa cusparada na água do mar.

—Vamos — ordenou Olho Grande.

Ele se meteu entre os dois homens armados e começou a subir pela prancha. Dak fez sinal para que Sera fosse à frente, e depois Riq. Ele queria saborear cada momento. Naquele instante, Dak não estava preocupado com o fato de que os três poderiam estar mortos dali a poucos dias. Com um suspiro profundo de satisfação, começou caminhar pela estreita passarela de madeira maciça.

O navio parecia ainda maior ali, quase um organismo vivo — ainda mais por estar lotado de trabalhadores, preenchendo todo o espaço disponível. Havia inclusive um sujeito trabalhando na vela enrolada no alto do mastro, que parecia que iria desabar lá de cima ao primeiro passo em falso ou vento mais forte.

Dak desceu ao convés inferior do navio, onde seus amigos precisaram encolher o pescoço para conseguir entrar. Olho Grande estava conversando aos cochichos com alguns homens, entre os quais um se destacava. Era um sujeito alto, de ombros largos, e muito mais bem-vestido que qualquer um ali. Algo em sua aparência dizia que ele estava ali para ser obedecido.

O homem se afastou do grupo e se aproximou de Dak, olhando diretamente em seus olhos. Foi quando Dak percebeu que o encarava fazia tempo. Intimidado pelo olhar do outro, sentiu vontade de dar meia-volta e descer correndo pela prancha, mas conseguiu se manter firme e esperou para ver o que aconteceria em seguida.

— Bem-vindo a bordo do Santa Maria — disse o homem, estendendo a mão. Dak o cumprimentou timidamente, e quase teve o braço arrancado pelo aperto de mão firme que recebeu. — Eu sou Cristóvão Colombo.

## Esfregando e esfregando

A HISTÓRIA NÃO TINHA FEITO JUSTIÇA a Colombo. Nos poucos relatos em que sua existência era citada, a visão que se tinha dele não era das melhores. Ali, porém, com tanta coisa em jogo, tudo o que Sera desejava era não ser expulsa da nau onde estava aquele homem.

Afinal de contas, não era a primeira vez que ela via aquela expressão no rosto de Dak. Com os olhos arregalados, ele parecia perdido nos próprios pensamentos... O que só podia significar que estava prestes a dizer alguma coisa muito idiota.

— Nem acredito que estou conhecendo você — falou Dak.— Os livros que eu li foram sempre muito críticos, mas...

Sera deu um chute em sua canela para que seu amigo se calasse.

— Ai! — ele gritou, pulando em uma perna só enquanto agarrava a outra com as mãos. — Por que você fez isso?

Colombo caiu na risada.

— Ora, eu adoro a idiotice dos garotos que você traz à bordo, Olho Grande — ele comentou.

Seu divertimento, porém, transformou-se em severidade antes que Sera pudesse se dar conta.

— Agora ponha todo mundo para trabalhar! E é melhor eu não ver mais esse tipo de patacoada, ou então vai ter gente dormindo numa cela esta noite. Nós zarpamos amanhã!

Depois disso ele saiu pisando duro, gritando ordens por onde passava. Sera o viu chutar o traseiro de um dos homens.

Dak olhou para Sera, um tanto decepcionado.

—Acho que você tem que ser um canalha para comandar um navio cheio de bandidos.

—Você está querendo morrer? — ela rebateu em um cochicho.— Toma cuidado com o que vai dizer!

— Ei, isso rimou.

Sera teve vontade de voar no pescoço dele.

—Já acabou a bufonaria? — repreendeu Olho Grande.— Um vexame bem nas fuças do capitão. Eu devia arrebentar os seus miolos e lançar ao mar.

— Nós sentimos muito — desculpou-se Sera. — O meu amigo está muito feliz de estar aqui, e acabou se empolgando. Estamos prontos para começar a trabalhar.

O capataz abriu um sorriso largo. Vários de seus dentes estavam podres e prontos para



abandonar aquela boca, como muitos outros antes deles.

— Pois bem, muito bem. Porque vão ter que ralar o couro até sobrar só carne viva.

E Olho Grande cumpriu o prometido.

Sera trabalhou nas horas seguintes mais do que já havia trabalhado na vida inteira. E boa parte do tempo ela ficou de quatro no chão, esfregando o assoalho dos conveses superiores. Todos os músculos de seu corpo estavam doloridos. Dak a ajudava, e Riq vinha atrás deles espalhando o piche — uma substância preta e pegajosa que impermeabilizava a madeira, tornando-a resistente à água.

Apesar de ter ficado com o trabalho mais fácil, Riq era quem mais reclamava. No entanto, eles não puderam conversar muito porque, toda vez que abriam a boca, alguém gritava para ficarem quietos e voltarem ao trabalho. Não dava para saber quem estava no comando, já que todos a bordo se sentiam no direito de mandar neles. Olho Grande aparecia de vez em quando, soltava uma boa dose de insultos e desaparecia novamente.

Sera estava no chão esfregando quando ouviu algumas vozes. Olhou para cima e viu dois homens consertando um rasgo nas velas com um barbante grosso e uma agulha enorme. Não dava para ouvir exatamente sobre o que conversavam, mas ela escutou alguém falar o nome "Amâncio", e um deles apontava para a parte de trás do navio.

Ela cutucou Dak, e depois se virou para olhar. Dois homens — um baixo, outro alto — estavam caminhando pelos conveses. Ambos tinham cabelos longos e escuros e usavam camisas sem mangas, revelando toda a extensão de seus braços musculosos.

— Aqueles são os irmãos Amâncio — ela sussurrou.

— Você tem razão — ele respondeu. — Eu já vi algumas pinturas, são eles mesmo! O mais alto é Salvador, e o mais baixo, Raul.

Sera arriscou um olhar para Riq, mas ele estava distante demais para se juntar à conversa.

— O que você acha? Esse motim deve acontecer ou não?

— Não sei. Precisamos ficar de olho e ver como a coisa se desenrola. Ainda faltam três dias.

— Hã? Como você sabe?

Ele lançou para ela um olhar que dizia: "Como você ousa questionar o meu infinito conhecimento?".

— Matando o tempo durante o trabalho, hein? — disse uma voz atrás deles.

Sera se virou e viu que os Amâncio estavam parados bem diante deles. O mais alto, Salvador, inclinou-se para a frente com as mãos nos joelhos.

— Então são vocês os meninos que Olho Grande trouxe a bordo hoje? — ele perguntou. O sujeito estava sorrindo, e parecia gentil demais para alguém que logo lançaria o capitão ao mar. — Muito bem, continuem trabalhando duro, porque vocês vão fazer parte de uma façanha.

Ele se endireitou, e então foi a vez de Raul falar:

— Uma grande façanha mesmo. Vocês vão entrar para a liistória, garotos. É a sua primeira viagem?

Sera e Dak, um tanto perplexos, limitaram-se a um aceno.

Raul voltou seu olhar para o mar ao longe, onde o sol estava quase se escondendo por trás do horizonte.

— Ah, não existe nada mais revigorante do que o mar aberto. Vocês vão adorar.

Os dois continuaram seu caminho, parando para conversar com todos os trabalhadores com quem cruzavam.

Sera olhou para Dak e ergueu as sobrancelhas.

— Isso foi uma espécie de pré-convocação?

— Eu até que gostei dele — Dak comentou antes de voltar ao trabalho.

Sera fez o mesmo, sentindo seus ombros doerem a cada movimento com o escovão.

Eles trabalharam até bem depois do anoitecer, sob a luz de lampiões. Já tinham quase terminado a área que lhes havia sido designada quando Olho Grande surgiu aparentemente do nada.

— Ouvi dizer que já conheceram os Amâncio — ele comentou. — Eles aprovaram a sua presença, pois sim.

— Eles disseram isso? — perguntou Sera, com uma pontinha de orgulho.

— Rá! Pois claro que não. Mas eles não atiraram suas carcaças ao mar, o que já é suficiente. Agora vamos. Vocês não fizeram quase coisa nenhuma, mas temos uma reunião com o capitão.

"Não fizeram quase coisa nenhuma?", Sera repetiu em pensamento. Ela teve que conter o impulso de furar o único olho que o homem ainda tinha.

A reunião incluía toda a tripulação a bordo do navio. Mais de trinta pessoas se espremiavam no convés inferior, uns grudados nos outros, e alguns tiveram até que subir nos mastros para evitar a superlotação. Cristóvão Colombo se posicionou no convés mais elevado, observando de cima a maioria de seus homens. "E, apesar de não saber, uma menina", pensou Sera. Os irmãos Amâncio se posicionaram um de cada lado de seu comandante, fato que fez um arrepio subir pelos ombros de Sera. O capitão não tinha a menor idéia do que estava prestes a enfrentar.

A primeira fala de Colombo na reunião, porém, fez com que todos os seus pensamentos se dispersassem:

— Escutem, homens — ele projetou sua voz retumbante noite adentro. — Chegou ao meu conhecimento que um motim está sendo armado para nossa viagem.

## Ouvidos atentos

O RESTANTE DA REUNIÃO FOI APENAS RUÍDO para Dak. Ele não conseguia se concentrar, mal era capaz de ouvir o falatório ao seu redor. Colombo falou alguma coisa sobre nada ser capaz de detê-lo, que a viagem aconteceria conforme o planejado. Dak queria olhar para Sera, conversar com ela, mas sabia que seria um risco. Naquele momento, todos os olhos a bordo estavam procurando por expressões faciais que pudessem revelar quem eram os conspiradores.

E, mais do que nunca, Colombo parecia um tremendo de um canalha pretensioso.

O coração de Dak disparou, e sua mente girava a mil por hora. A missão deles já estaria arruinada? Havia de fato uma missão a cumprir ali?

Colombo então se calou, e esperou que a tripulação fizesse o mesmo. Alguns cochichos ainda preencheram o ar antes que todos enfim ficassem quietos. O capitão se curvou para à frente, com sua expressão fechada iluminada por um lampião

— Não haverá clemência. Serei implacável. Qualquer um que conspirar contra mim será lançado ao mar. E quem se dispuser a revelar quem está tramando contra mim terá seu pagamento dobrado. Salvador e Raul estão encarregados de apurar o assunto, então qualquer suspeita deve ser relatada à eles. Por ora, tratemos de descansar e cuidar de nossa partida amanhã cedo. Dispensados.

A balbúrdia se instalou mais uma vez entre a multidão, com dezenas de conversas paralelas simultâneas e cada um seguindo em uma direção diferente. Mas Dak não conseguia se mover. Os irmãos Amâncio estavam encarregados de investigar o motim que eles mesmos planejaram. Ele não sabia se isso facilitaria ou dificultaria sua tarefa. Sera parou na frente dele, com um sorriso forçado no rosto.

— E então, vamos procurar onde dormir? — ela perguntou em voz alta, com um olhar de quem queria tirá-lo daquele estupor. Não era o momento de parecer deslocado, perdido. Alguém poderia desconfiar.

Ele chacoalhou a cabeça para afastar os pensamentos e concordou com um aceno.

— Sim, é melhor fazer isso mesmo.

Foi quando apareceu Olho Grande, depois de abrir caminho aos empurrões, grunhindo ordens à medida que passava. Quando viu Dak e Sera, sua única sobranceira intacta se ergueu subitamente.

— Vocês me parecem muito cansados. Melhor descansar um bocadinho antes que o sol apareça no horizonte. Não trabalhar até moer o couro outra vez. Pois sim.

— Onde vamos dormir? — questionou Sera. — Ninguém mostrou os nossos aposentos. Olho Grande se desfez em uma repentina e explosiva gargalhada.

— Seus aposentos? Seus aposentos? — ele repetiu antes de se interromper para rir mais um pouco. — Vocês vão dormir é no chão duro, junto com os outros vermes insignificantes. Pois vão agora ao convés inferior antes que eu mude de idéia e lhes mande para o fundo do mar.

Dak e Sera saíram dali às pressas para reencontrar Riq, juntar-se à pequena multidão de desfavorecidos como eles e descer as escadas em direção às fétidas entranhas do navio.

Enquanto desciam, Dak notou que Salvador e Raul os acompanharam por um tempo, a uma distância não muito grande, e depois tomaram outro rumo. Sem parar para pensar no perigo que aquilo significava, ele pegou Sera e Riq pela mão e os levou na direção em que tinham ido os célebres irmãos.

— Qual é o plano? — perguntou Riq em voz baixa.

— Eu não sei — sussurrou Dak. — Mas eles provavelmente vão conversar sobre o que acabou de acontecer, certo? A gente pode tentar ouvir. Ou de repente oferecer ajuda para a investigação, para então decidirmos de que lado ficar.

Eles entraram num corredor estreito e viram a porta de uma cabine se fechar logo adiante. Sera e Riq não repreenderam Dak quando ele se esgueirou até a porta — na verdade foram atrás, aproximando-se para ouvir melhor. O coração de Dak sacolejava como um gorila preso em uma jaula. Não era uma situação que eles podiam arriscar manter por muito tempo. Os três se inclinaram para a frente e colaram a orelha contra a porta.

As vozes estavam abafadas demais para que eles pudessem identificar qual dos irmãos dizia o quê, mas era possível ouvir claramente a conversa.

— Vai ser mais difícil do que imaginávamos.

— Como foi que ele descobriu? Pensei que tivéssemos identificado todos os espiões.

— Não sei. Mas que esta seja a última vez que o trabalho sujo caia todo nas nossas costas.

— Você sabe que é. Nós vamos passar a fazer parte das altas esferas da SQ depois disso.

A pulsação de Dak diminuiu um pouco, mas ainda estava acelerada. No fundo ele já presentia que era essa a razão para estarem ali — o motim era uma das Grandes Fraturas, algo que nunca deveria ter acontecido —, mas ainda assim o baque foi grande.

Ouviu-se o som de alguém se aproximando com passadas firmes, e os três se endireitaram e se afastaram da porta bem a tempo de Olho Grande aparecer no corredor.

— Queimem o meu couro e assem a minha carne! — ele rugiu. — O que vieram fuçar aqui, seus inúteis?

— Sinto muito, senhor — Riq se apressou em responder.

Nós acabamos nos perdendo. O senhor pode nos ajudar?

Olho Grande franziu o rosto, mas parecia estar mais irritado que desconfiado.

— Ora, são burros como um toucinho defumado, vocês três. É por aqui — ele falou, antes de apontar com o polegar por sobre os ombros.

Foi a direção que tomaram, enquanto Dak sentia sua cabeça girar. Não havia mais dúvidas sobre o que fazer. Dak, Sera, Riq. Os Três Mosqueteiros Patéticos.

Precisavam impedir que um motim acontecesse.

## A ralé

ACABARAM SE RECOLHENDO NO CANTO de um compartimento com teto baixo que já parecia sufocante e desconfortável mesmo sem uma dezena de pessoas enfiadas lá dentro. Dois lampiões que não iluminavam quase nada estavam pendurados nas vigas. Cada membro da tripulação havia recebido um cobertor rústico de lã, e Dak e Sera estavam sentados com as costas apoiadas à madeira áspera da parede, com pessoas de todas as idades ao redor. Riq estava não muito distante, já deitado, com o peito subindo e descendo de maneira constante.

— Como é que ele consegue dormir tão rápido? — perguntou Sera. Era a primeira vez que conversavam desde que tinham sido enxotados por Olho Grande. Mas o choque do que tinham ouvido, e do que aquilo significava para sua missão, ainda estava estampado no rosto dos dois.

Dak sacudiu a cabeça de maneira irônica.

— O bonitão ali está um caco. Ei, aposto que não tem nenhum chuveiro a bordo, né?

Sera franziu o nariz.

— Imagina o cheiro deste lugar daqui a uma semana.

— Uma semana? — rebateu Dak. — Pode pôr mais uns dois meses nessa conta. Esta viagem não vai ser exatamente um cruzeiro pelo Caribe, sabe.

— Por que vocês estão aqui? — eles ouviram alguém perguntar.

Dak procurou com os olhos quem tinha feito a pergunta, e encontrou um garoto que era no máximo dois anos mais velho que ele, a julgar pela aparência. Estava imundo, e o navio ainda não havia nem zarpado.

— Por que estamos aqui? — repetiu Dak. Ele ainda não se sentia seguro com o dispositivo de tradução a ponto de sair fazendo amigos. Por outro lado, uma coisa era certa: eles iriam precisar de ajuda caso quisessem se rebelar contra o motim. — A gente precisava de um trabalho, como todo mundo aqui.

— E você? — questionou Sera. — Por que você está aqui?

— Não tenho nada na vida. Meu nome é Ricardo — ele falou, antes de apontar para o menino à sua direita, um garoto de cabelos desgrenhados e olhar penetrante. — Este é o Francisco — ele apresentou antes de virar a cabeça para a esquerda. — E este é o Daniel.

Daniel era mais velho, mas a expressão vazia de seu rosto fazia com que parecesse uma criança.

— De onde vocês são? — Dak quis saber, mas logo se arrependeu. Ele não queria ter de responder à mesma pergunta mais tarde.

— De um vilarejo a mais de cem quilômetros daqui. Fugimos de lá quando o prefeito anunciou um preço pela nossa cabeça.

O garoto chamado Francisco tomou a palavra, tirando o cabelo da frente dos olhos.

— Como se roubar fosse errado. A gente precisa comer, né?

— E de onde vocês são? — questionou Ricardo. — Vocês têm um sotaque... esquisito.

Sera abriu a boca para responder, mas Dak se adiantou a ela, com medo de que dissesse alguma coisa imprópria.

— Somos imigrantes. Já passamos por toda parte. Nunca paramos em lugar nenhum por muito tempo — ele respondeu antes de arriscar uma olhada para Sera, uma forma de alertá-la para que falasse sempre o mínimo possível.

— Aposto que têm muitas histórias pra contar — comentou Ricardo. — E pra esconder também. Mas não importa. Estamos no mesmo barco agora. Somos irmãos, começando uma vida nova.

Dak concordou com a cabeça. Tinha simpatizado com aquele garoto.

— Isso mesmo. Irmãos — ele concordou e cutucou Sera com o cotovelo, só para irritá-la. — Este aqui é como um irmão pra mim desde que eu me entendo por gente.

Sera devolveu o cutucão com ainda mais força.

— Pois é. Eu nem sei quantas vezes tive que salvar esse aqui de ser espancado ou degolado. Não é um menino muito forte, como vocês podem ver. E é feio como um toco de lenha queimado. Mas fazer o quê? Ele nasceu assim.

Ricardo e seus amigos olhavam alternadamente para os dois, com expressões que pareciam um misto de surpresa e deleite. Quando ela acabou de falar, caíram na risada.

— Vai ser uma viagem bem longa — Ricardo comentou quando os risos diminuíram. — É bom ter amigos. Principalmente se essa história de motim for verdade.

O sorriso de Dak desapareceu de seu rosto. A realidade voltou a se abater sobre ele.

— Ei, o que vocês acham desse pessoal que está aqui com a gente? Tem alguma chance de... sabe como é, eles fazerem parte da conspiração?

Ricardo fez uma expressão irônica e deu um tapa na cabeça de seu amigo Francisco, bagunçando um pouco mais seu cabelo.

— Gente como a gente? A ralé? Sem chance. A gente é o resto do resto.

Dak aproveitou a ocasião para passar os olhos pelo recinto, examinar seus companheiros, que mal conseguia ver sob a luz fraca dos lampiões. Cabelos desgrenhados, roupas em farrapos, pele suja, dentes podres. Os mais desfavorecidos entre os desfavorecidos, sem nenhuma aspiração além da próxima refeição. Eram exatamente do que ele precisava.

Dak voltou sua atenção para Sera e seus novos amigos.

— A gente pode confiar em vocês? — ele perguntou para Ricardo.

O garoto estendeu a mão. Dak a apertou.

— Com certeza — ele respondeu, balançando a cabeça do maneira firme. — Numa viagem como essa, não ter aliados e uma sentença de morte. Por que está perguntando? Por que ficou tão sério assim de repente?

Dak olhou para Sera, com a certeza de que ela sabia o que ele estava pensando. Ambos

estavam inseguros em relação à missão, mesmo depois de ouvir da boca dos próprios irmãos Amâncio que eles trabalhavam para a SQ. O fato de Salvador e Raul parecerem legais e Colombo ser um cretino arrogante não significava nada. Havia um fato incontornável diante deles: a SQ governava o mundo com mão de ferro, e o Cataclismo de que Brint e Mari falaram parecia estar mais próximo a cada dia. Dak e Sera tinham visto de perto e sentido na pele as evidências disso.

Eles eram Guardiões da História, e estava na hora de entrarem em ação.

Com a determinação estampada no rosto, Dak voltou seu olhar para Ricardo.

— Ralé é um bom nome para o nosso grupo. Talvez a gente precise transformá-lo num exército.



## Olhos abertos na escuridão

SERA SEMPRE SOUBE que tinha uma ligação especial com Dak. Por mais diferentes que fossem, eles pensavam de forma parecida, e com frequência chegavam à mesma conclusão. E ela concordava com o raciocínio que ele havia exposto cinco minutos antes.

Eles estavam lá para realizar uma tarefa. Contar a Colombo o que tinham ouvido estava fora de questão — o capitão dificilmente acataria a palavra deles contra a dos Amâncio. Isso significava que teriam que interferir de maneira mais direta. Para impedir um motim, porém, eles precisariam de ajuda. E aquele grupo lamentável de fugitivos e criminosos em volta deles parecia ser a melhor opção. Principalmente porque escapavam da vigilância da SQ. Aquelas pessoas não tinham nenhuma importância na estrutura de poder, e portanto nenhuma utilidade.

— Que história é essa de exército? — Ricardo perguntou a Dak. — Por que vocês precisam de uma coisa dessas?

Sera se inclinou para cochichar no ouvido de Dak:

—Você está certo disso? Tem certeza?

— Ei, nada de segredos! — repreendeu Ricardo. — Já começamos mal.

Sera se recostou novamente.

— Desculpa. Era só para ter certeza. Isso é muito sério.

— Acho que tudo bem — respondeu Dak. — Não temos muito tempo. Não deve demorar muito para acontecer.

— O que é que vai acontecer? — questionou Francisco.

Daniel — o rapaz mais velho que parecia ter um parafuso a menos — de repente caiu na risada.

— O sol vai se pôr, aposto. E a lua vai surgir.

Ele caiu na gargalhada de novo, dessa vez uma risada irônica.

— Ora essa — comentou Ricardo, parecendo mais divertido do que irritado ou envergonhado. — Nosso amigo aqui é muito mais esperto do que parece. Não é mesmo, Daniel?

— Sete e sete são catorze — respondeu o rapaz. — Com mais sete, vinte e um. Se você perder todos, não vai sobrar nenhum.

— Hã? — reagiu Dak.

Sera gostou daquele rapaz. Havia um brilho em seus olhos que lhe dizia que ele sabia muito mais do que deixava transparecer. Talvez ele não fosse capaz de socializar, e então

encontrou uma forma de compensar isso.

— Enfim — retomou Ricardo.—Aonde você quer chegar?

Sera decidiu que havia chegado a hora da verdade. Se eles quisessem corrigir aquela Fratura na história, precisariam de ajuda e teriam que começar o quanto antes.

—Vocês ouviram o que o capitão falou — começou ela.

Existem boatos de que estão armando um motim. Na verdade, nós já sabíamos e... estamos aqui pra impedir isso.

— Como é que podiam saber? — questionou Ricardo. — Alguém mandou vocês até aqui?

Sera hesitou. Contar absolutamente tudo não era mesmo uma boa idéia, mas ela também não precisava mentir, apenas omitir.

— Exatamente.Temos amigos poderosos que nos mandaram para cá em segredo. Eu sei que não temos como provar isso pra vocês, mas nós sabemos muito bem quem é que está conspirando contra o capitão.

— Quem? — perguntou Francisco, com os olhos brilhando de interesse.

— Dá pra calar a boca aí? — alguém gritou do outro lado do recinto.

— Desculpa! — respondeu Sera.

Eles se aproximaram para ouvir melhor. Sera não teve como deixar de reparar que Ricardo estava cheirando a peixe enquanto Dak sussurrava ainda mais baixo:

— São os irmãos Amâncio. Eu sei, eu sei, é difícil de acreditar, já que eles são tão íntimos do capitão. Mas, se você parar pra pensar, faz sentido.Tramar um motim não é nada fácil, então é preciso ter alguém com um alto posto envolvido. Caso contrário, o resto da tripulação não aceitaria os novos líderes.

—Vocês sabem o que eles estão tramando? — perguntou Ricardo.

— Pelo que eu andei len... — Dak se interrompeu, e Seta notou que ele estava prestes a falar sobre algo que havia aprendido nos livros de história. Por sorte, ele percebeu isso antes de dar com a língua nos dentes. — Pelo que eu andei ouviu do, no terceiro dia de viagem os irmãos pretendem capturar o capitão 110 meio da noite, amordaçá-lo, vendá-lo e jogá-lo ao mar. No dia seguinte, culparão outros oficiais, homens leais a Colombo, pelo sumiço dele, e então irão arremessá-los pra fora do navio antes que as pessoas parem pra pensar no que aconteceu. Assim, de uma hora para outra, já teremos novos comandantes, e o trem seguirá seu rumo.

Sera estremeceu ao ouvir essa última frase. Ela não era nenhuma fanática por história como seu melhor amigo, mas tinha certeza de que não existiam trens no século XV.

— Uau — comentou Ricardo. — Sério mesmo? Tudo isso vai acontecer daqui a três noites?

— Pois é.

— E como vocês ficaram sabendo disso?

— Nós temos ótimas fontes, e nossos chefes são muito poderosos — respondeu Sera, e torceu para que isso bastasse.

— Pra quem vocês trabalham? — perguntou Francisco.— Pra gente vocês podem contar.

— Digamos apenas que estamos zelando pelos interesses da rainha Isabel — sugeriu Dak.  
— Ela confia em Colombo, e nós confiamos nela.

Ricardo sorriu.

— E eu aposto que vocês estão contando com uma boa recompensa pela sua lealdade.

— Então, vocês estão com a gente? — questionou Sera.

— Ah, sim, estamos com vocês. Não é mesmo, pessoal?

Francisco acenou com a cabeça, bagunçando seu cabelo mais uma vez, e Daniel riu, o que no caso dele significava claramente um sinal afirmativo.

— Legal — respondeu Sera. — Agora vamos dormir. Amanhã poderemos investigar mais, descobrir algumas coisas, quem sabe até provas materiais. E aí à noite podemos tentar mobilizar o resto do pessoal aqui de baixo.

— Parece uma boa idéia — comentou Dak, e os demais concordaram.

Sera se embrulhou no cobertor até os ombros e deitou. Precisou se remexer e se revirar por um tempo até conseguir encontrar a posição menos desconfortável possível. O Anel do Infinito ainda estava na bolsa, amarrada junto ao estômago. Ela achava que demoraria para dormir, mas o trabalho e a agitação do dia fizeram o cansaço tomar conta de seu corpo e conduzi-la a um sono profundo e sem sonhos.

Ainda estava escuro quando ela foi violentamente acordada por uma mão áspera e calejada tapando sua boca. Alguém estava segurando seus braços contra o assoalho. Ela se debateu, esperneou, tentou gritar, mas não adiantava. Só o que ela era capaz de emitir eram resmungos abafados.

Foi quando ela sentiu um bafô quente no ouvido e uma voz dizendo:

— Fecha já esse bico ou eu corto a garganta do seu amiguinho.

Sera parou, e se manteve completamente imóvel por um tempo. Não conseguia ver nada.

— Bom garoto. Agora vem comigo, e sem protestar. Se gritar quando eu soltar você, a coisa vai ficar feia.

A mão destapou sua boca, e ela foi posta em pé. Havia alguém atrás dela, mantendo suas mãos dolorosamente presas às costas. Sera ouviu o ruído de pedra se chocando contra pedra, viu uma faísca e depois um lampião ser aceso. A chama era pequena, mas emitia luz suficiente para que ela enxergasse o homem que a observava friamente logo atrás.

Com apenas um olho.

## A cela

— PARECE QUE TEMOS UNS TAGARELAS entre nós — comentou Olho Grande. — Falando sobre cousas que não são da sua conta. E... espionando.

Dak e Riq estavam bem ao lado de Sera, acompanhados de dois outros capangas de Olho Grande. Ela não conseguia se mover nem ao menos para se virar e encará-los.

Algumas pessoas que dormiam no chão ao seu redor acordaram, entre elas Ricardo e seus dois amigos. Sera lançou um olhar para Ricardo, alertando-o para que ficasse quieto. Chegou a pensar que talvez ele os tivesse traído, mas a expressão em seu rosto indicava uma surpresa genuína. Temperada com uma boa dose de medo.

— Nada a dizer em sua defesa, é? — Olho Grande perguntou, irônico.— Pelo menos essa dignidade vocês têm. Eu cá reconheço isso. Vamos levar esses ratos pras celas, e nada de café da manhã pra eles.

Sera teve que se esforçar para não chorar enquanto os brutamontes a arrastavam dali.

Ela não achava que fosse possível, mas eles desceram ainda mais às profundezas do navio, até um porão úmido e mal cheiroso com várias celas pequenas, equipadas com grades e correntes. Estavam todas vazias, o que não foi nenhuma surpresa para Sera, já que a viagem não havia nem começado. Eles teriam a honra de inaugurá-las.

Olho Grande abriu uma das celas e os homens literalmente jogaram Dak, Sera e Riq lá dentro. Sera bateu a cabeça na parede ao cair e deu um grito, o primeiro ruído que emitia desde que fora pega. Dak grunhiu e depois se encolheu todo, gemendo de dor. Riq caiu de bruços, com a cabeça apoiada nos braços como se estivesse dormindo.

Ouviu-se um arrastar de correntes e depois o clique de um cadeado. Sera olhou para trás e encontrou Olho Grande a encarando por entre as grades de sua nova prisão.

— Tsc, tsc, tsc — ele começou a repreensão. — Eu devia saber que os três bandidinhos estavam tramando alguma coisa quando apareceram na última hora implorando pra subir a bordo. E fiçando desse jeito por aí. Eu só não atiro vocês nas docas porque quero que estejam cá sempre à vista. E que respondam as cousas que vou perguntar, quando chegar a hora. Tomara que gostem de sentir dor e desconforto.

Ele deu as costas e foi embora, pendurando um lampião em um gancho antes de desaparecer escada acima com seus comparsas.

Sera foi rastejando até Riq, que ainda não tinha se movido. Os gemidos de Dak pelo menos comprovavam que ele estava vivo.

— Está tudo bem? — ela perguntou, sacudindo de leve o ombro de Riq.

Ele se virou para cima. Sera prendeu a respiração quando viu o terrível inchaço em seu olho direito, a pele estufada e já começando a ficar roxa.

— Um daqueles capangas me deu um soco no caminho pra cá — ele explicou sem disfarçar a raiva no tom de voz. — Sem nenhum motivo. Eu não estava resistindo nem nada.

Ainda que os três tivessem sido maltratados, seu relato quase infantil deixou Sera simplesmente arrasada.

Dak soltou outro grunhido, assustando-se com alguma ferida que ainda não tinha visto.

— E eu pensando que gostava daquele ciclope.

Eles ouviram gritos e assobios vindos lá de cima, e o navio se moveu com um tranco, seguido do som de uma celebração. Eles haviam deixado o porto.

Dak não estava nada contente.

— Ah, não. A gente perdeu a festa de despedida.

— Já sei o que pode ter acontecido — comentou Sera. Ela instruiu Riq a inclinar a cabeça, para maximizar o fluxo sanguíneo no local dos ferimentos, e depois se apoiou contra a madeira úmida da parede. — Eu sabia que a gente devia tomar mais cuidado por aqui. Alguém deve ter ouvido nossa conversa e contado tudo.

O rosto de Dak estava contorcido de dor ou de raiva, ou então das duas coisas.

— Isso faria mais sentido se a gente estivesse tramando contra o capitão, e não tentando salvá-lo. Acho que os irmãos Amâncio têm aliados por toda parte.

— A gente devia ter tomado mais cuidado — Sera repetiu em um murmúrio de desânimo.

— Eu que o diga — rebateu Riq. — Bastou fechar os olhos por um minuto para vocês arruinarem a missão inteira — ele acrescentou, massageando de leve sua têmpora inchada. — Acho que a única opção agora é usar o Anel para dar o fora daqui e recomeçar de onde paramos. Isso se você não perdeu o dispositivo.

— Não, eu não perdi o dispositivo — respondeu Sera, irritada. Ela sacou o Anel do Infinito da bolsa, feliz por tê-lo mantido consigo enquanto dormia e pelo fato de Olho Grande jamais ter desconfiado de que ela carregava alguma coisa de valor. — Mas não vai dar pra sair desta cela usando o Anel. Sem chance.

— Do que você está falando? — perguntou Dak. — Ele é a nossa carta na manga!

— Você faz os cálculos, então? Olha, essa coisa não transporta a gente só pelo tempo. A gente se desloca no espaço também. Toda vez que uso o Anel, eu preciso marcar as coordenadas globais, levando em conta a rotação da Terra, sua órbita em torno do Sol...

— O que você está dizendo, então, é que não sabe usar o aparelho — interrompeu Riq.

— O que estou dizendo é que não tenho como transportar a gente de volta para um navio em movimento. Então, a não ser que vocês queiram correr o risco de ir parar no meio do oceano Atlântico por volta de 1492, é melhor pensar em alguma outra coisa.

— Então precisamos escapar daqui — concluiu Dak, como se estivesse anunciando que precisava ir ao banheiro. — Só isso.

— Simples assim, né? — rebateu Sera. — É só escapar. Certo, vai você na frente, então.

Dak franziu o rosto.

— Não queira dar uma de espertinha. Eu vou pensar em alguma coisa — ele garantiu, antes de apoiar a cabeça contra a parede e fechar os olhos.

— Claro que vai — resmungou Riq.

Um minuto depois, por mais bizarro que pudesse parecer, ele estava dormindo.

— Que cara mais estranho — comentou Dak. — Esse aí consegue dormir até no meio de um furacão.

Sera abriu um sorriso triste e, olhando para seu melhor amigo e vendo tudo ir por água abaixo, pensou também em seus pais desaparecidos.

— Sinto muito pelos seus pais.

Ele pareceu surpreso, mas também sinceramente grato. — Valeu. Eu só queria que... Eu queria que a gente acabasse logo com isso pra quem sabe conseguir ajudá-los.

— É, eu também.

Sera pensou nas Reminiscências, que provavelmente deixariam de existir caso acontecesse um milagre e eles conseguissem corrigir as Fraturas. Porém, mais uma vez ela se perguntou se era mesmo melhor não ter essas pseudo-lembranças para se agarrar. Fosse como fosse, ela se sentia derrotada.

Ela suspirou, guardou o Anel do Infinito e tentou achar uma posição mais confortável. Talvez sua cabeça funcionasse melhor depois de algumas horas de sono.

Sera acordou com o som de algo se chocando contra o metal.

Dak estava sacudindo a porta da cela. As correntes e as barras da grade produziam um ruído intenso, mas a porta só se movia cerca de um centímetro para trás e para a frente. Obviamente, aquilo não estava adiantando nada.

— Para com isso — gritou Riq, esforçando-se para ficar de pé. — É mais fácil os seus braços caírem do que você conseguir abrir essa porta.

Dak deu um passo para trás, respirando profundamente.

— Eu só estava fazendo os meus exercícios matinais. A gente precisa arrumar um jeito de abrir essa coisa. E mais ninguém está sentindo vontade de vomitar com o barco balançando desse jeito? Blergh.

— Aqui embaixo deve ser pior ainda, porque a gente não pode olhar lá para fora — comentou Sera.

Ela levantou, foi até Dak, examinou a corrente, o cadeado e por último as barras que iam do chão ao teto com uma distância de poucos centímetros entre elas.

— Não parece muito promissor — ela afirmou. — Mas as paredes são feitas de madeira. A gente pode tentar fazer alguma coisa com elas.

Cada um foi até uma das paredes, e eles começaram uma inspeção. Sera foi até a dos fundos, que ela imaginava fazer parte do casco do navio, já que era um tanto curvada e estava bem úmida. Assim que se deu conta disso, ela desistiu — não adiantaria muito tentar uma fuga para o mar e ainda afundar o navio no processo.

— Acho que descobri uma coisa — anunciou Dak.

Quando Sera se virou para se inteirar do que ele estava falando, ouviu passos na escada e

viu Ricardo saltar os três últimos degraus e aterrissar em perfeito equilíbrio. Ele correu até a cela com o rosto transtornado de preocupação.

Sera e os outros foram voando até a grade.

— O que está acontecendo? — Dak logo perguntou, antes que Sera fizesse o mesmo.

— Se me pegam aqui embaixo eles me matam — falou Ricardo, ofegante. — Mas eu preciso contar uma coisa. Descobrimos quem é o garoto que denunciou vocês, e fizemos ele contar tudo que sabia. Ele disse que os irmãos Amâncio estão por dentro das intenções de vocês... — ele ficou calado e seu rosto empalideceu.

— E o que mais? — insistiu Sera. Ricardo engoliu em seco.

— Eles vão mandar matá-los amanhã de manhã.

## A pão e água

— VÃO MANDAR MATAR A GENTE amanhã de manhã. Bem a tempo de liberarem o caminho pro grande motim — comentou Riq.

Dak sabia que deveria estar apavorado — deveria estar com vontade de se encolher em um canto e abrir o berreiro. Aquele perigo iminente, porém, despertou outro tipo de reação. Ele percebeu que não tinha tempo a perder sentindo pena de si mesmo. Se agisse assim, seria o seu fim.

— O que a gente vai fazer? — perguntou Sera. Ela o encarou com a seriedade estampada no rosto. Sabia perfeitamente do risco que corriam.

Dak tentou dominar o próprio pânico.

— Obrigado, Ricardo. Agora some daqui antes que encontrem você. Dê uma olhada por aí e veja se consegue achar alguma coisa que possa ser usada como arma. Qualquer coisa que a gente possa usar quando eles vierem. Esconde num lugar onde seja possível buscar mais tarde. Depois disso você precisa falar com todas as pessoas confiáveis, todos que sejam leais ao Colombo. Você vai ter que usar o seu instinto. É melhor não ser muito específico, só pra prevenir. Mas a gente precisa que você faça isso hoje, antes que a tripulação durma. Mobilize o pessoal.

— Pelo menos agora você pode ter certeza de que estamos dizendo a verdade — comentou Sera. — Os irmãos Amâncio estão obviamente querendo silenciar a gente.

O garoto concordou com a cabeça.

— Vou ver o que posso fazer lá em cima. Mas e vocês?

Dak sorriu. Ninguém sabia ainda da descoberta que ele tinha feito antes de Ricardo aparecer.

— Não se preocupe. A gente vai estar lá pra ajudar.

— Agora vai! — gritou Sera.

Ricardo correu até a escada e desapareceu de vista.

— Então é isso? — questionou Sera. — Pelo amor, o seu grande plano de fuga é esse mesmo?

— Você tem alguma idéia melhor?

Dak empurrou mais uma vez a mesma tábuia, e sentiu que ela cedeu alguns centímetros. Ela compunha a parte de baixo da parede entre a cela deles e a do lado. Se conseguissem soltá-la, de repente poderiam remover mais uma. Só o suficiente para rastejar até a cela vizinha, que estava aberta.



— Não, não tenho — Sera respondeu, enquanto dava ela mesma um chacoalhão na madeira. — Mas essa coisa parece ser bem sólida, apesar de estar meio bamba.

— Me deixem tentar — pediu Riq, já empurrando Sera de leve para o lado. — Crianças da idade de vocês ainda não têm a musculatura totalmente desenvolvida.

Dak se sentiu obrigado a dizer alguma coisa em resposta, para manter a dignidade.

— Bom... em compensação, você tem um cérebro muito pouco desenvolvido, então estamos quites.

— Essa foi boa — respondeu Riq, sem se alterar.

— É, essa foi boa — concordou Sera.

Dak sorriu, querendo mostrar que tinha dado uma resposta idiota de propósito.

— Certo, machão, mostra pra gente que você é um homem de verdade e arranca essa coisa daí.

Riq puxou e empurrou o quanto pôde, mas a tábua não cedeu mais nem um milímetro. Dak quase ficou contente, mas logo se deu conta de que a única chance de eles escaparem da morte estava indo por água abaixo.

— Precisamos continuar tentando — ele disse com um suspiro. — Vamos nos revezar, pra ninguém perder os dedos fazendo isso.

— Pelo visto a gente tem o dia inteiro — comentou Sera.

Riq continuou forçando a maldita tábua enquanto isso.

Três horas depois, a madeira havia cedido apenas mais uns poucos centímetros, além de ranger de forma tenebrosa a cada puxão, o que rendeu uma dor de cabeça para Dak. Eles se revezavam a cada dez minutos, mas aquele esforço todo estava começando a parecer sem sentido.

Em um determinado momento, na vez de Dak, ele ou viu o barulho de alguém descendo a escada e teve que sair voando de perto da parede. Era Olho Grande, levando um pedaço de pão e um pequeno balde d'água. Estava acompanhado de dois guardas, que não poderiam parecer mais entediados.

— Aqui está, seus parasitas — falou Olho Grande. — Eu cá comigo queria deixar vocês a morrer de fome até a hora de andar na prancha, mas meu lado molenga falou mais alto. Eu tenho o coração mole, pois sim.

Um dos guardas abriu o cadeado e soltou a corrente. Olho Grande deu um passo à frente e jogou o pão lá para dentro — que foi apanhado por Riq — e depois pôs o balde no chão.

Dak contraiu o corpo todo, pensando seriamente em se engalfinhar com o gigante. A presença dos guardas armados, porém, fez com que ele pensasse duas vezes.

— Comam — disse Olho Grande. — Não existe nada mais saboroso no mundo do que pão e água. E não precisam chorar, mas nós vamos cear uma belezura de guisado de coelho na cabine do capitão — ele provocou, abrindo um sorriso e piscando seu único olho. — Tranquem eles.

O guarda reposicionou a corrente em torno da grade, apertou bem e trancou com o cadeado. Os três sumiram escada acima.

Dak foi o primeiro a avançar sobre a água, morrendo de sede. Ele pegou o balde com as

duas mãos e bebeu sem parar para respirar por dez segundos.

— Ei, deixa um pouco pra gente! — gritou Sera. — E não é pra espalhar todos os seus germes aí!

Dak estalou os lábios e soltou um suspiro de satisfação antes de entregar o balde para ela.

— Sério mesmo? Germes?

— Eu estava brincando — ela afirmou antes de dar um grande gole.

— É a melhor água que eu já bebi — comentou Dak.

Riq repartiu o pão e eles o atacaram também. Assim que terminaram, voltaram a trabalhar naquela tábua teimosa.

Quando caiu a noite — algo que eles só eram capazes de intuir, já que de onde estavam não era possível ver o céu —, eles desistiram. Dak se recostou na parede oposta e ficou olhando para a tábua, que iria envergar, mas não quebrar. Ele não precisou dizer nada, nem os outros. O clima de depressão na cela parecia um organismo vivo — uma criatura monstruosa e invisível que sugava todas as suas energias.

A única esperança restante era Ricardo. Dak e os outros podiam usar o Anel do Infinito e fugir para outro lugar e outra época, e apenas torcer para que suas interferências tenham sido suficientes para que fosse armado um motim contra o motim. Riq sugeriu para onde eles deveriam ir em seguida Sera deixou o Anel pré-programado para uma fuga emergencial. Mas Dak detestaria fazer isso. Eles tinham ido até ali para cumprir uma missão — com toda a confiança dos Guardiões da História — e estavam falhando...

— E se a gente voltasse para uma hora antes de embarcar no navio? A gente teria como impedir que os nossos eus do passado subissem a bordo? — ele perguntou sem muito entusiasmo.

— Seria perigoso demais — explicou Sera. — Interagir com os nossos eus do passado? Ter dois Anéis do Infinito no mesmo lugar ao mesmo tempo? O tempo e a realidade são frágeis demais. É por isso que as Fraturas provocaram tanto estrago, aliás.

— Bom, valeu pelo incentivo — resmungou Dak.

— Ora, não é culpa minha se o tecido da realidade funciona desse jeito — Sera rebateu, encolhendo os ombros.

Depois disso, o silêncio passou a imperar dentro da cela.

Em algum momento, Dak dormiu. Ele não sabia quanto tempo havia se passado quando foi despertado pelo barulho das correntes. Ainda meio grogue, esfregou os olhos e viu Olho Grande ali parado diante deles. Ele já tinha aberto o cadeado, e estava tratando de remover as correntes.

Dak ficou de pé em um pulo, mais desperto do que nunca.

Tinha chegado a hora. Eles haviam ido buscá-los. Ele se virou para Sera, encostada na parede com os olhos arregalados.

— Ei — ele falou. — Prepare o Anel. Nós precisamos...

Mas então se calou. Olho Grande estava sozinho. E eles eram três. Poderiam dar conta dele facilmente.

As palavras de Olho Grande, porém, deixaram Dak atônito:

— Precisam voltar pro futuro, é? Ou pro passado?

Ele enfim havia conseguido soltar as correntes e abrir a porta da cela com um rangido.

— Seus bobalhões. Acham que Gloria deixaria vocês embarcarem cá neste casco de madeira velha sem nenhum aliado a bordo? Vamos lá, está na hora de salvar o navio.

Dak não conseguia fazer mais nada além de encarar, perplexo, aquele homem e seu único olho.

## Janela para a alma

— NÃO FIQUEM AÍ PARADOS feito verruga em nariz de bruxa — ordenou Olho Grande.  
— Andem!

— M—mas — gaguejou Sera. — Como... por que... — ela não sabia nem por onde começar.

O homem caiu na risada.

— Ora, tenham paciência, crianças... Eu fiz cá uma encenação porque nunca se sabe de que lado estão os guardas. Gloria e eu tivemos que ter muito cuidado também na cidade, a SQ está se infiltrando como piolhos nas docas há semanas. Ela tomou providências enquanto vocês se preparavam pra embarcar. Mas eu esperava que vocês conseguissem enxergar o meu coração puro através da beleza do meu glorioso olho. Agora venham. Eu cá já me informei o tanto que preciso pra impedir esse motim.

Dak estava de queixo caído, como se sua mandíbula estivesse deslocada.

— Dak? — Sera chamou, cutucando-o com o cotovelo.

Ele enfim saiu do transe.

— Eu tinha... Eu meio que já tinha desistido. Mas aí você apareceu sozinho, e eu pensei que a gente podia passar por cima de você. E agora a gente está livre. Estou muito confuso — pouco depois um grande sorriso iluminou o seu rosto.—Vamos nessa.

— Passar por cima de mim, é? Que garoto burro.

— Finalmente alguém disse alguma coisa sensata — comentou Riq ao sair pela porta aberta. Sera foi atrás, sentindo um frio na barriga. Havia chegado a hora. O momento pelo qual esperavam era aquele, e não dava para fingir que não estava com medo.

Uma vez fora da cela, Olho Grande os reuniu em torno dele e sussurrou:

— Eu percebi que aquele garoto malcheiroso, o tal de Ricardo, veio cá abaixo de manhã. Fui falar com ele, e nossa, como aquele guri tem um fedor de peixe, não é? Então contei que estava do lado de vocês. Ele não acreditou na minha boa intenção, e achei que aquela catanga fosse pegar em mim, até que mostrei as armas que recolhi de outras viagens. "Recolhi" no sentido de "roubei". De qualquer forma, ele fez um bom trabalho recrutando o tal exército da Ralé, como ele lá diz. Eu já falei o quanto aquele miúdo fede?

— Já — esclareceu Sera. — Já falou. Eu mesma nunca percebi.

— Então esse seu narizinho deve de estar entupido. Tente limpar com o dedo mais vezes. Cá comigo funciona.

— Eca — foi tudo o que Sera conseguiu dizer.

Olho Grande ficou sério.

— Não temos muito tempo. Como todos já estão sabendo do plano, os irmãos tramam atacar à meia-noite. Eu também tenho cá meus espiões, saibam vocês.

— Como vamos ter certeza de que você está do nosso lado? — perguntou Riq.

Olho Grande pareceu ter ficado ofendido.

— E por que eu libertaria os três cabeças-ocas se não estivesse? Estou fazendo isso por causa do amor que sinto por Gloria, garanto a vocês. Ela ainda não sabe disso, então segurem as linguinhas. Mas o meu coraçãozinho é dela desde que tive a visão maravilhosa daquele corpinho abatendo uma cabeça de gado com aquele porrete. Ah, aquilo é que é mulher.

Ele pôs a mão sobre o coração.

— Achamos melhor manter nosso combinado em segredo, pela nossa segurança e todo o resto. Mas já estou aliado a ela faz alguns meses. Portanto cá estou, ao vosso dispor. Com um olho ou sem olho nenhum, sou a sua única salvação.

Sera sentiu confiança naquele homem. De fato, por que ele os soltaria se não estivesse do lado deles? Dak e Riq pareciam concordar, pela expressão em seus rostos.

— E então, o que vamos fazer? — perguntou Dak. — Vamos invadir a cabine dos Amâncio? Jogá-los no mar? Pôr um fim nessa coisa antes mesmo que comece?

— Você pode ter cara de burro, mas não precisa agir como um — repreendeu Olho Grande. — Se fizer isso, nós vamos ser os acusados de armar o motim. Não, senhor... Precisamos ficar bem na moita até os irmãos vira-casacas atacarem o capitão. Então aparecemos e salvamos a nau. Todos os sebosos deste navio saberão que somos heróis.

Sera não conseguiu esconder sua preocupação.

— Então é esse o plano? E se os guardas aparecerem e perceberem que a gente escapou? E se os Amâncio fizerem alguma coisa com o Colombo longe das nossas vistas? Tipo cortar sua garganta ou envenená-lo?

— E se a Lua rachar no meio e começar a chover bisteca de carneiro? — rugiu Olho Grande. — E se as minhas pernas se soltarem no ar e saírem a dançar? Vamos fazer o que for possível, rapazinho. Ou prefere mocinha?

Sera ficou vermelha.

— É que esse não me parece um bom plano.

Riq encolheu os ombros.

— Às vezes a gente precisa arriscar.

Olho Grande bufou.

— Vamos ficar mesmo aqui parados, discutindo como um bando de gaivotas mortas?

— Como eu já disse antes — manifestou-se Dak —, vamos nessa. Mal posso esperar. Se a gente não cumprir a missão que os Guardiões da História nos passaram, de que adianta ter vindo até aqui? Está na hora de agir, Sera.

Ela o encarou por um tempo, e no fim acabou concordando com um aceno de cabeça.

— Certo — grunhiu Olho Grande. — Vamos subir.

Eles se dirigiram para a escada.

Passaram com facilidade pelos guardas, pois eles estavam roncando num sono profundo,

praticamente jogados uns sobre os outros. Olho Grande comentou que deu uma "ajudinha", pondo um pozinho na bebida deles — um preparado que ele ganhou de um velhote que conhecera em um buraco qualquer.

"Valeriana, provavelmente", pensou Sera, apesar de saber que seu conhecimento sobre ervas medicinais era um tanto limitado.

Enquanto eles percorriam os corredores estreitos das entranhas do navio, ela se sentiu claustrofóbica, nauseada e cansada dos odores corporais acumulados ali. "Falta pouco", ela disse a si mesma. Em pouco tempo estariam lutando pela própria vida a céu aberto, sem nada ao redor além do ar e do mar.

Eles enfim chegaram à escotilha que levava ao local em que dormiram por tão pouco tempo na noite anterior. Mas, em vez de descer, Olho Grande passou direto por ali e parou no que parecia ser um ponto aleatório mais adiante. Mandou que ficassem quietos e passou os dedos pela parede de madeira. Ouvia-se o som de alguma coisa se abrindo e uma tábua se soltou em suas mãos — ele a desceu com cuidado até o chão.

— Armas — murmurou ele.

Sera deu um passo à frente para pôr-se a seu lado enquanto ele se embrenhava dentro do buraco na parede e retirava facas e espadas. Ela estendeu os braços, e ele empilhou os artefatos como se fossem lenha. Quando a pilha ficou pesada, Riq se ofereceu para ajudar. No fim das contas, havia uma estranha coleção de pelo menos uma dúzia de lâminas.

— Certo — falou Olho Grande, piscando o único olho que tinha. — Vamos juntar a sua Ralé aqui em cima e esperar que os deuses do mar os ajudem a manejar essas cousas sem arrancar as próprias orelhas.

Sera concordou com a cabeça, e então olhou para Dak. Ficou feliz de ver que ele parecia mais empolgado do que assustado. Talvez eles fossem mesmo capazes de fazer aquilo no fim das contas. Olho Grande foi o primeiro a descer até onde a Ralé dormia, seguido por Dak. Riq ficou de joelhos para passar as armas para eles. Sera viu as mãos enormes de Olho Grande aparecerem para apanhá-las. Ela fez o mesmo que Riq, sentindo-se aliviada ao se livrar daquele peso todo.

Quando olhou de novo para cima, ela viu seu reflexo em um pequeno espelho de metal pendurado na parede. Ao observar o próprio rosto, uma dor súbita e penetrante atravessou seu coração. Ela caminhou para trás até esbarrar na parede do corredor estreito. Uma tristeza obscura e profunda tomou conta dela — uma sensação que Sera conhecia muito bem.

Ela estava tendo uma Reminiscência.

## A caminho da batalha

NÃO DUROU MUITO TEMPO, e terminou da mesma forma repentina como começou. Mas a visão que tomou conta de sua mente por alguns instantes — na verdade, a ausência de uma visão, uma imagem fugidia que ela deveria ser capaz de enxergar — a assustou profundamente. Em sua cabeça, ela viu seu rosto da mesma maneira como apareceu no espelhinho. E cada célula de seu corpo torceu para que uma mão de mulher aparecesse e acariciasse sua face, e que um rosto bonito descesse até ela e beijasse sua testa. O fato de isso não ter acontecido era tão frustrante que ela pensou que fosse dar um berro, ou perder de vez o juízo. Mas então a sensação se dissipou, de repente.

Uma Reminiscência. Ela havia tido outra Reminiscência.

Sera olhou para Riq, e pela expressão no rosto dele deduziu que deveria estar parecendo uma maluca.

— Está tudo bem? — ele perguntou. Seu rosto não dava nenhuma indicação do que estava pensando.

— Ah, sim — respondeu ela. — Está tudo bem. Foi só... eu senti um pouco de medo, mas já passou.

Dak os chamou lá de baixo.

— Vocês vão descer ou não?

— Estamos indo — murmurou Sera.

— Não precisa mais — retrucou Dak. — A gente está subindo aí.

Sera olhou de relance para Riq, que a encarou como se a compreendesse perfeitamente.

— Uma Reminiscência? — ele perguntou.

Sera tentou esconder sua surpresa. Então confirmou com a cabeça.

— Se a gente corrigir as Fraturas, você nunca mais vai precisar se preocupar com isso. Salvar o mundo é uma ótima idéia, e saber que a gente também vai se beneficiar com isso não é nada mau.

Pela primeira vez, Sera notou que Riq havia tentado ser simpático com ela. Não tanto por suas palavras, mas pela maneira como as tinha dito.

— Valeu — ela sussurrou, sem saber o que dizer. Um breve eco da dor que tinha sentido de forma tão aguda alguns momentos antes ainda reverberava em seu coração. Porém, não havia tempo para se apegar àquilo. A cabeça de Olho Grande logo apareceu pela abertura no piso.

— Hora da batalha — ele anunciou.

Sera ficou com a peça que sobrou após a distribuição das armas, mas isso não significava que havia se dado mal. Ela ganhou uma adaga fina, do comprimento de seu antebraço. A ponta era afiadíssima, e a lâmina parecia recém-amolada — sua superfície de prata brilhava. Parecia um objeto totalmente estranho em suas mãos. Ela ensaiou alguns ataques com a arma, e quase atingiu o único olho que seu novo líder tinha.

— Cuidado aí, garota! — ele grunhiu. — Opa, acho que agora todo mundo sabe.

A maior parte da Ralé havia deixado o local onde dormia, apinhando de gente o pequeno corredor. Ricardo estava por perto.

— Você é uma menina? — ele perguntou. — De verdade?

— De verdade — garantiu Sera, encolhendo os ombros. — Mas posso lutar como qualquer um de vocês.

— Disso eu não duvido — ele respondeu com um sorriso.

Sera se entristeceu por um momento ao se dar conta de que provavelmente nunca mais o veria. Ela poderia acabar gostando dele — afinal, ele era bem bonitinho. Talvez se não cheirasse tão mal e pudesse viajar no tempo...

— Pois bem, vamos fazer o seguinte — começou Olho Grande. — Vamos esperar cá embaixo do convés. Eu e este pirralho chamado Dak, vamos subir e observar quando o plano dos Amâncio entrará em ação. Depois sairemos todos em auxílio ao capitão Colombo. Simples como um lance de dados.

Sera se sentiu na obrigação de fazer um último questionamento.

— Então é só isso mesmo? Nosso plano é enfrentar um grupo de homens adultos com base na força bruta de um bando de garotos que possuem armas que não sabem nem como segurar, muito menos usar?

— Pois sim — respondeu Olho Grande com um grunhido.

— Certo. Por mim tudo bem.

Ela abriu um sorriso. Uma onda de confiança a invadiu, apesar de ela não saber a origem daquela sensação. Seria a Reminiscência? Sera sentia que alguém a amava e confiava nela. Alguém que ela nunca tinha conhecido? Talvez. Era nisso que ela queria acreditar.

— Então venham cá comigo.

Olho Grande abriu caminho pelo corredor lotado, e o exército da Ralé foi atrás dele.

Sera conseguia sentir o cheiro da maresia e o frescor do ar à medida que se aproximavam. Não estava mais preocupada em enfrentar homens que tinham o dobro de seu tamanho — só o que a interessava era a perspectiva de encher os pulmões de ar fresco e puro.

Olho Grande os deteve ao pé de uma escadaria de madeira quase vertical que levava ao convés, depois os alinhou junto à parede. Sera viu as estrelas no céu pela abertura lá no alto, e foi invadida por uma onda de empolgação. Dak estava ao seu lado, empunhando uma espada curvada que parecia ser capaz de decepar cabeças com grande facilidade.

— O nome dela é cimitarra — ele explicou. — Ou vai ser, já que esse termo ainda não existe. Ela foi batizada com esse nome no Oriente Médio, onde...

— Agora não é hora pra isso — interrompeu Sera. — Não mesmo.

— Tá bom.



Seus olhos, no entanto, continuaram grudados nos dela, e muita coisa foi dita durante os instantes seguintes sem que nenhuma palavra fosse pronunciada. Eles eram melhores amigos. Haviam passado por muita coisa juntos, e o pior ainda estava por vir. Mas o fato de estarem juntos tornava tudo mais fácil. Eles eram capazes de enfrentar qualquer coisa.

Olho Grande subiu as escadas e desapareceu lá em cima. Depois de olhar em todas as direções, desceu de volta e pediu para Dak subir com ele.

— Boa sorte — desejou Sera.

— Pra você também. E não esquece que, assim que o Colombo estiver a salvo, a gente precisa dar o fora daqui. O Anel precisa estar pronto pra ser usado.

— Ele vai estar. Logo vamos sair daqui.

Dak sorriu.

— Pra depois procurar a segunda Fratura e começar tudo de novo.

— Isso mesmo.

— Ei, miúdo — rugiu Olho Grande. Mesmo sussurrando, sua voz parecia áspera e gutural.

— Sobe logo aqui.

Dak deu um último aceno para Sera e saiu correndo escada acima, quase dando de cara com o traseiro de Olho Grande antes de perceber que estava indo rápido demais. Os dois sumiram em meio à escuridão da noite. O silêncio tomou conta do ambiente.

Sera fechou os olhos e desfrutou da oportunidade de respirar o ar puro do alto-mar. Já tinha ouvido várias vezes as pessoas falarem sobre o silêncio que precede a tempestade, e enfim era capaz de entender o que isso significava. A qualquer instante, o microcosmo em que ela e seus amigos se encontravam explodiria em violência.

E então as coisas começaram a acontecer.

Ouviu-se um grito à distância, mas era impossível discernir as palavras que estavam sendo ditas. Depois outro. E mais outro. Mais berros indistintos, e depois uma porção de vozes se sobrepondo em uma discussão. O som do choque de metal contra metal. A detonação de uma explosão — alguém tinha dado um tiro de mosquete. Sera precisou se controlar para não sair correndo escada acima antes que o sinal fosse dado.

Foi quando a voz retumbante de Olho Grande ressoou no ar, fazendo seu coração disparar dentro do peito.

— Motim! Motim! Motim! Salvador e Raul são traidores! Levantem-se e lutem!

A cabeça de Dak apareceu na abertura no alto da escada.

— Companheiros da Ralé! Chegou a hora!

## Motim a bordo da nau SANTA MARIA

Dak saiu da frente da abertura para dar espaço ao seu pequeno exército, que começava a se deslocar pela escada rumo ao convés. Ele levantou e se posicionou novamente ao lado de Olho Grande. Um minuto antes, o navio estava no mais completo silêncio. No instante seguinte, estava imerso no caos, com gente correndo por todos os lados, duelando com espadas e disparando mosquetes — mas eram poucas as pessoas que contavam com armas de fogo, e elas demoravam uma eternidade para serem recarregadas depois do primeiro tiro. Aquela batalha seria definida no corpo a corpo.

O problema era que os subordinados aos Amâncio estavam em maior número em relação aos poucos marinheiros que tiveram coragem de atender aos apelos de resistência de Olho Grande. Dak estava torcendo para que a Ralé ajudasse a virar o jogo. Corria em todas as direções e ajudava a distrair os homens dos Amâncio, enquanto Olho Grande se encarregava dos dois irmãos. Não era muito difícil discernir entre os dois lados da batalha — os amotinados eram grandes, fortes e empunhavam armas reluzentes, enquanto os companheiros de Dak tinham um aspecto patético e desorganizado, com armas dos mais diversos tipos e tamanhos e roupas em farrapos.

Ele não ignorava, porém, a lição aprendida na Guerra da Independência dos Estados Unidos. Em um combate contra um inimigo organizado, o caos pode ser uma arma eficaz. E os amotinados com certeza estavam sendo pegos de surpresa.

— Vem comigo — disse Olho Grande para Dak. — Você e eu vamos tratar do peixe graúdo. Colombo precisa da nossa ajuda.

Sera se posicionou entre os dois.

— Eu vou com vocês.

Riq fez o mesmo.

— Eu também.

— Pois bem. Só não se acovardem quando as cabeças começarem a voar dos pescoços — disse Olho Grande com uma risadinha. — Vamos!

Dak e os outros corriam no encalço de Olho Grande, que com suas pernas atarracadas ia pulando cordas e baldes para chegar até o convés superior, onde os irmãos Amâncio tentavam invadir os aposentos do capitão. Salvador empunhava um machado, e dois terços da porta já haviam ido pelos ares. Uma chuva leve começou a cair, fazendo com que os lampiões pendurados nos mastros e nas vigas comessem a oscilar e sibilar. Dak sentiu que o próprio navio também estava balançando mais, e que o céu estrelado estava encoberto. A embarcação

se dirigia para o meio de uma tempestade.

A cabine do capitão ficava em um convés suspenso, com um curto lance de escadas de cada lado. Ao pé de cada uma havia guardas leais aos Amâncio para repelir qualquer um que tentasse subir à plataforma. Raul tinha acabado de descarregar seu mosquete em alguém, e estava ocupado recarregando a arma, socando a carga dentro do cano com uma vara de metal.

— Aconteça o que acontecer — Olho Grande disse quando chegaram mais perto —, pelo menos o mundo irá saber que foram esses traidores que provocaram um motim. Mesmo se eles tomarem este maldito navio, terão ganhado a batalha, mas não a guerra. Suas cabeças serão empaladas em praça pública se tiverem coragem de voltar à Espanha.

Foi quando Dak se deu conta de que a presença deles ali já havia feito diferença. A conspiração tinha sido revelada, e apenas isso era suficiente para alterar o rumo da história nas décadas seguintes. Mas eles não podiam deixar nada na mão do acaso — precisavam ter certeza de que a SQ não tomaria posse do Novo Mundo. Isso era fundamental.

Os quatro se protegeram ao redor de um mastro bem largo, com a plataforma dos aposentos do capitão reluzindo logo acima. Dak viu quando Raul recarregou o mosquete e mirou em Olho Grande.

— Cuidado! — gritou Dak, dando um pulo para a esquerda e jogando o homem sobre o chão do convés, justamente quando a explosão do disparo da arma ressoou no ar. Dak ouviu a bola de ferro incandescente se estatelar na madeira do mastro atrás deles.

— Vocês vão morrer por causa disso! — gritou Raul. — Todos vocês!

Dak se certificou de que Sera e Riq estavam bem escondidos e protegidos. Depois ficou de pé e ajudou Olho Grande a levantar.

— Obrigado, rapaz — disse o homem. Seu olho solitário faiscava de raiva. — Irei lutar até a morte por você. Vamos liquidar esses irmãos imprestáveis.

Dak concordou com a cabeça, sentindo uma chama queimar dentro de si — uma coragem que ele nem imaginava possuir.

— Cada um pega o seu, certo?

— Pois sim. É um pra cada. Você vai pela esquerda, eu pela direita.

Dak sabia que o outro se referia aos lances de escada, e não perdeu tempo. Saiu correndo em direção ao do lado esquerdo. Alguns membros da Ralé já estavam em combate com os guardas do pé da escada. As espadas zuniam de encontro umas com as outras, e os marinheiros iam perdendo terreno. Sera e Riq se juntaram a Dak, e eles conseguiram contornar os homens que lutavam e alcançar as escadas.

Salvador estava levantando o machado para dar mais uma estocada contra a porta quando ela se abriu de repente, espalhando lascas de madeira por todos os lados, e Cristóvão Colombo apareceu empunhando uma espada. Olho Grande estava do outro lado, tentando abrir caminho em meio aos guardas da outra escada. Raul começou a recarregar o mosquete para disparar outro tiro, mas desistiu no meio do caminho, jogando a arma por sobre a balaustrada e sacando uma faca do cinto. Dak foi em sua direção, soltando um grito ao preparar seu ataque, erguendo sua cimitarra no ar, apesar de não saber muito bem como usá-

la.

Raul desferiu um golpe em sua direção quando os dois aproximaram-se um do outro, mas Dak baixou sua espada sobre ele, acertando a lâmina da faca, que escapou da mão do agressor e caiu sobre a madeira maciça do convés. Dak foi invadido por uma imensa sensação de orgulho, mas Raul imediatamente o atacou com a outra mão, fechando o punho e dando um soco bem no meio de seu rosto. A dor se espalhou por toda a sua cabeça, deixando-o atordoado. Seus olhos perderam o foco, ele derrubou sua arma e começou a cair. Alguém o amparou a tempo e o colocou de pé novamente.

Era Sera. Apesar de não conseguir vê-la, ele sabia. Os braços dela seguraram os dele, fornecendo apoio para que se levantasse. Riq havia atacado Raul nesse meio-tempo, com um encontrão, mas a essa altura o amotinado já tinha se livrado dele. Riq foi lançado contra a balaustrada, e soltou um breve gemido com o impacto. Quando Dak se apoiou novamente sobre os próprios pés, Sera o soltou e se posicionou ao seu lado. Juntos, eles olharam ao redor para avaliar a situação.

A esquerda, Cristóvão Colombo enfrentava Salvador, golpeando com sua espada o machado do adversário. Mais à frente, Olho Grande havia acabado de derrubar um dos guardas e seguia na direção do capitão. A direita, logo abaixo do convés suspenso onde se encontravam, Ricardo e dois de seus amigos enfrentavam uma dupla de rebeldes, e pareciam estar levando vantagem. As batalhas espocavam por toda parte, e o exército da Ralé era de grande ajuda na luta contra as forças leais aos Amâncio.

"Acho que a gente tem chance de ganhar", pensou Dak.

Um relâmpago iluminou o céu, e o estrondo do trovão foi ouvido logo em seguida. Uma chuva torrencial começou a cair. O navio inteiro foi sacudido por uma onda que se arrebatou contra sua lateral. Dak foi arremessado sobre Sera, e ambos cambalearam pelo convés até se estatelarem contra a parede da cabine. Dak conseguiu se manter em pé, mas Sera foi ao chão bem aos pés de Colombo, que parecia estar vencendo sua batalha contra Salvador — graças a Olho Grande, que o atacava do outro lado.

Quando Dak fez menção de ajudar Sera, ouviu um homem berrar a plenos pulmões. Era o grito de um homem fora de si. Dak olhou para a frente e viu Raul investindo contra ele, com os olhos brilhando de raiva. Antes que pudesse reagir, o outro o atacou, envolvendo seu tronco com os braços e o arremessando ao chão. Com o impacto, foram ambos parar na escada, rolando juntos até o último degrau. Para Dak, foi como se cada centímetro de seu corpo tivesse sido golpeado de uma só vez, e sua cabeça girava, totalmente atordoada.

Os gritos de Raul não cessavam. Ele agarrou Dak com ainda mais violência e o ergueu do chão, fazendo força para ficar de pé com o garoto nos braços. Dak se debatia e esperneava, tentava se libertar, mas seu oponente era forte demais.

— Não importa o que aconteça — gritou Raul sob o barulho da chuva, dos trovões e da batalha. — De hoje você não passa!

Então, em outro acesso de loucura, o homem correu na direção da borda do navio e arremessou Dak sobre ela. Agora quem gritava era o garoto, à medida que mergulhava pelos ares rumo à escuridão profunda do mar.

## Sem fôlego

### O OCEANO O ENGOLIU.

Estava frio — como se uma criatura feita de gelo mordesse todas as partes de seu corpo de uma só vez. Ele estava tonto, ferido e desorientado. Tudo era gelado e escuro, e ele não sabia nem se estava afundando ou emergindo. Seus pulmões ordenavam que ele respirasse, inspirasse um pouco de ar — e que fizesse isso agora, já! Ele lutava para não se render a esse impulso, pois sabia que acabaria morrendo afogado. Dak esperneava e se debatia, tentando subir à superfície, acreditando que seu corpo tomaria naturalmente o rumo certo.

Uma dor comprimia seu crânio, e suas entranhas pareciam prestes a explodir. Ele batia as pernas em meio à água gelada, tentava movimentar os braços. A necessidade de respirar se tornava quase irresistível, um tormento que fazia seu coração bater loucamente e o sangue pulsar nas veias, comprimindo seus pulmões como se alguém os tivesse amarrado e os apertasse cada vez mais. Sentiu vontade de gritar, mas sabia que isso também significaria seu fim.

Até que enfim conseguiu romper a superfície congelante.

Depois de puxar o ar com todas as forças, ele tossiu e cuspiu a água salgada que veio junto. Mexendo os braços e as pernas para se manter à tona no mar agitado, ele levantou a cabeça o máximo possível para conseguir respirar. Os relâmpagos ainda iluminavam o céu com suas linhas faiscantes, e a chuva castigava seu rosto. Era como estar caído em uma cama elástica, movendo-se em câmera lenta e sabendo que inevitavelmente continuaria sendo jogado de um lado para o outro. E ainda havia o frio. Ele já estava perdendo a sensibilidade nos pés e nas mãos.

Dak contorceu o corpo para tentar localizar o navio, e o encontrou a mais ou menos trinta metros de distância, com seus lampiões reluzindo fracamente no meio da tempestade. Com a chuva, somada ao balanço das ondas e à luz ofuscante dos relâmpagos, que deixava tudo ainda mais escuro nos momentos imediatamente seguintes, era difícil para ele ter uma idéia de como a batalha estava transcorrendo. Dak foi capaz, no entanto, de notar a silhueta de um homem em pé sobre a balaustrada, olhando diretamente para ele. E era uma figura bem conhecida.

Cristóvão Colombo.

Eles tinham conseguido. Tinham conseguido mesmo. Pena que Dak comemoraria aquela façanha sendo devorado por tubarões. Ou então morrendo afogado. Ele não sabia o que era pior.

— Dak!

Por mais incrível que pudesse parecer, aquela voz vinha de algum lugar bem perto dele. Mexendo as pernas e os braços com todas as forças, ele olhou ao redor, fazendo um esforço para tentar enxergar alguma coisa em meio à escuridão e à chuva pesada. Um novo relâmpago cruzou o céu, e ele viu um pequeno bote a poucos metros dali, assim como seus ocupantes, que lutavam para manejar os remos no mar agitado. Sera. Riq. E Olho Grande, cuja parte do corpo que lhe valia o apelido o encarava.

Uma sensação de alegria extrema invadiu seu corpo. Ele acenou com a mão.

— Estou aqui! Bem aqui!

— Nós sabemos, estúpido! — rugiu Olho Grande com uma risada.

Sera se inclinou para a frente, para que ele pudesse ouvi-la melhor.

— Nós ganhamos! Salvador está morto, e o irmão dele foi jogado no mar logo depois de você! Colombo está de novo no comando, e a batalha já terminou!

O coração de Dak disparou ao escutar as boas notícias. E ele nunca tinha se sentido tão feliz por ver...

Alguém o agarrou por trás, envolvendo seu pescoço em uma gravata apertadíssima. Dak perdeu o fôlego, e começou a esmurrar o braço forte que comprimia sua garganta e ameaçava sua vida.

— Dak! — gritou Sera. — Dak!

De seu lugar no bote, ela não podia fazer nada além de gritar o nome do amigo.

— Eu avisei — uma voz sussurrou em seu ouvido. — Eu disse que você ia morrer, e você vai morrer. Junto comigo.

Era Raul.

Dak mal conseguia respirar. Esperneava debaixo d'água, tentando acertar o joelho de seu agressor. Ele tentava arrancar e golpear aquele braço, mas não havia jeito. Estava sendo estrangulado, e mais uma vez seus pulmões imploravam por um pouco de ar.

— Lá vamos nós — disse Raul.

E puxou Dak para debaixo d'água de novo, bem no instante em que ele ouviu Sera gritar seu nome mais uma vez.

Água gelada. Escuridão. Dor no pescoço, na cabeça. No corpo todo. Privação de ar, o peito em chamas. A situação desesperadora provocando uma descarga de adrenalina que o fez se debater e distribuir socos e chutes como um lunático, o que de alguma forma o levou a se soltar. Sua cabeça veio à tona de novo e ele inspirou profundamente, mas tinha plena consciência de que aquele maníaco voltaria ao ataque numa questão de segundos.

— Sera! — ele gritou desesperado. — Usa o Anel do Infinito! Tira a gente daqui! Agora!

Eles estavam perto, mas não o suficiente para ajudá-lo. O rosto de Sera era uma máscara de puro medo quando se inclinou sobre a lateral do bote, tentando inutilmente alcançá-lo.

Dak sentiu uma movimentação atrás de si, uma mão subindo por suas costas, tateando à procura de seu pescoço.

— Sera! — ele gritou.

Raul o puxou para debaixo d'água. Dak mal teve tempo de tomar fôlego antes que isso acontecesse. Um braço se instalou sobre sua garganta mais uma vez, apertando com ainda

mais força do que antes. Seus olhos se arregalaram, mas ele não era capaz de ver nada. Apenas a água escura. Sua boca se abriu, e o líquido gelado entrou. Ele o expeliu. Agarrou o braço do homem com as duas mãos, mas sabia que seria inútil. Continuava a espernear e a se debater porque era a única coisa que lhe restava.

Luzes bruxuleantes começaram a dançar diante de seus olhos. Uma sensação de dormência invadiu seu peito, tomando o lugar da dor. Sua garganta fazia movimentos estranhos enquanto ele lutava para controlar a vontade de sorver a água salgada, que se instalaria em seus pulmões e o mataria.

Nesse momento, à beira da morte, ele pensou em seus pais. Fechou bem os olhos, e em sua mente se formou a imagem do olhar abestalhado no rosto de seu pai quando revelava uma nova invenção. Lembrou-se também da ternura nos olhos de sua mãe quando o beijava na testa ao lhe desejar boa noite. Reviveu a última vez em que os viu, antes que fossem sugados para o buraco de minhoca e se perdessem no tempo.

Ele os viu, e quase sentiu sua presença. Decidiu que era hora de parar de resistir. Sentiu alguém agarrar sua camisa, fazendo força para puxá-lo. Mas era tarde demais. A morte já estava começando a arrastá-lo para as profundezas.

A última coisa que ele viu foi um redemoinho de luzes.

## Mudanças

BRINT ESTAVA DESANIMADO, sentado no pequeno escritório da fortaleza alternativa dos Guardiões da História, olhando para uma velha foto de sua turma do último ano do ensino médio, pendurada na parede. Ainda estava deprimido, e tinha uma boa razão para isso.

Eles haviam perdido seu quartel-general. Não tiveram como mantê-lo depois que a SQ o descobriu. Conseguiram sobreviver ao ataque, mas a custo de perdas terríveis. Os homens e mulheres que conseguiram escapar estavam se reagrupando mais uma vez, em seu esconderijo do outro lado da cidade. Para a sorte de todos, eles estavam sempre preparados para o pior.

Pelo menos Dak, Sera e Riq haviam conseguido escapar ilesos, e com o Anel do Infinito. Isso significava que, além de o grande plano de Aristóteles ainda ter chances de ser bem-sucedido, o mecanismo que permitia a viagem do tempo ainda estava a salvo de seus inimigos. Pelo menos naquele momento.

Mari apareceu, com um hematoma se formando no rosto.

— Você está bem? — ela perguntou.

— Na medida do possível.

Brint olhou de novo para a fotografia, sem saber direito por que estava tão interessado em algo que já tinha visto milhões de vezes.

— E você?

— Estou bem. Por que você está olhando para a parede desse jeito?

— Hã? — ele perguntou ao se virar para ela. — Ah, desculpa. É que...

Ele foi tomado por uma sensação estranha — agradável, mas inesperada. Indescritível. Levantou da cadeira, foi até onde a foto estava pendurada, tirou-a da parede e a examinou de perto. Ele tinha sido o melhor aluno de sua turma no Colégio Colombo. Já fazia vinte e cinco anos, algo difícil de acreditar.

— Você sabia que a minha escola tem esse nome por causa do Cristóvão Colombo? — ele perguntou a Mari.

— Claro. De quem mais poderia ser?

Brint encolheu os ombros.

— Sei lá. Acho que é saudosismo... Eu tenho boas lembranças do tempo de escola. Deixa pra lá.

Ele pendurou a fotografia de volta e a alinhou junto à parede. Depois se voltou para sua parceira de longa data.

— O que você acha? Sobre o que aconteceu hoje?



— Acho que a gente deu sorte por ter sobrevivido e poder continuar lutando.

— Você sempre vê o lado positivo de tudo, né? — comentou Brint. — Bom, no fim das contas, quem é que sabe? Talvez o fator tempo esteja do nosso lado desta vez, só para variar.

## Dando um tempo

SERA HAVIA SALVADO seu melhor amigo do afogamento. Ele estava em dívida com ela. Muito em dívida.

Ela estava sentada na beirada de um caixote de madeira velho, no meio de um lugar escuro e empoeirado que parecia ser alguma espécie de depósito. Foi onde ela tinha ido parar depois de pular no mar e, junto com Dak e Riq, viajar no tempo para longe daquelas águas turbulentas. Eles estavam ao seu lado, os três ensopados.

Ela começou a tremer de frio e olhou ao redor. Fachos de luz entravam através dos buracos no teto, iluminando a dança dos mosquitos e das partículas de poeira. Era um lugar úmido, com cheiro de vinho azedo. Havia uma enorme quantidade de barris e caixas, amontoados em enormes e incontáveis prateleiras.

— Onde nós... — Dak começou a sussurrar, mas se interrompeu e ficou de pé. Depois saiu correndo na direção da porta do depósito antes que Sera pudesse ao menos perguntar o que ele estava fazendo. Ela agarrou Riq pela mão e o pôs de pé, e ambos saíram atrás de Dak.

Ele parou diante da porta de entrada — uma grande tábuia de carvalho atravessada por uma viga para mantê-la trancada por dentro. Havia um cartaz pregado na madeira, um desenho a lápis de um homem e uma mulher lado a lado, com um olhar de desânimo no rosto. Abaixo da imagem, uma frase escrita em letras grandes, mas em um idioma que Sera não conhecia, mas desconfiava ser francês.

Dak estava paralisado. Sera não conseguia nem respirar. Riq, confuso, olhava ora para ele, ora para ela.

— São os pais do Dak — murmurou Sera.

— O que está... — Dak tentou perguntar.

Riq ficou pálido. Ele limpou a garganta. E então traduziu:

— Procurados. Por crimes contra a Revolução.

